

# a história e seus públicos



SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA PÚBLICA  
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 16 A 20 DE JULHO DE 2012

## **Programação e Resumos**

**NEHCI**  
Núcleo de Estudos em História  
da Cultura Intelectual — USP



**USP**

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA PÚBLICA:

A HISTÓRIA E SEUS PÚBLICOS

COORDENAÇÃO GERAL

Sara Albieri (FFLCH-USP)

COMISSÃO ORGANIZADORA

Juniele Rabêlo de Almeida (UFF)

Marcia Regina Barros da Silva (FFLCH-USP)

Ricardo Santhiago (FFLCH-USP)

Sara Albieri (FFLCH-USP)

COMISSÃO CIENTÍFICA

Adelia Miglievich (UFES)

Ana Maria Mauad (UFF)

Benito Bisso Schmidt (UFRGS)

Bernardo Borges Buarque de Hollanda (CPDOC-FGV)

Heloísa de Araújo Duarte Valente (UMC/MusiMid)

Heloisa M. S. Barbuy (Museu Paulista)

Nelson Schapochnik (FE-USP)

Olga Rodrigues de Moraes von Simson (Unicamp)

Paulo DeBlasis (MAE-USP)

Paulo Iumatti (IEB-USP)

Pedro Paulo Funari (Unicamp)

Raquel Glezer (FFLCH-USP)

Rose Satiko Gitirana Hikiji (DA-USP)

Tania Maria Fernandes (Fundação Oswaldo Cruz)

Tania Regina de Luca (UNESP)

Valéria Barbosa de Magalhães (EACH-USP)

SECRETARIA DO EVENTO

Joana da Silva Santos

REALIZAÇÃO

Núcleo de Estudos em História da Cultura Intelectual (NEHCI-USP)

APOIO

Departamento de História

Programa de Pós-Graduação em História Social

Universidade de São Paulo

## **Sumário**

Credenciamento,	5
Sessão de abertura,	5
Sessão plenária,	6
Mesas redondas,	7
Painéis,	11
Oficinas,	15
Sessões temáticas,	17
Sessões de pôsteres,	117
Exposições fotográficas,	123
Mostra audiovisual,	125



## **Credenciamento**

*Segunda-feira, 16 de julho, das 9h30 às 10h30*

*Terça a sexta-feira, 17 de julho, 8h30 às 10h30*

*Local: Saguão do CAPH – Centro de Apoio à Pesquisa em História*

## **Sessão de abertura**

*Segunda-feira, 16 de julho, das 10h30 às 11h*

*Local: Anfiteatro de História*

Sara Albieri, chefe do Departamento de História e membro da comissão coordenadora do evento

Marcelo Cândido da Silva, coordenador do Programa de Pós-Graduação em História Social

Sandra Margarida Nitrini, diretora da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Maria Arminda do Nascimento Arruda, Pró-Reitora de Cultura e Extensão Universitária

## **Sessão plenária**

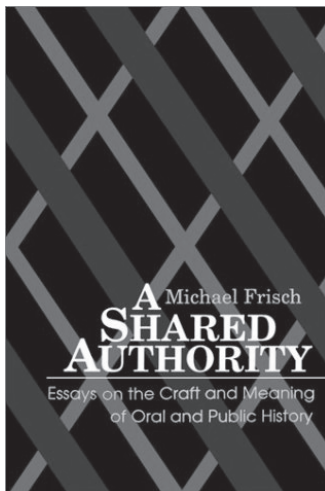
*Quarta-feira, 18 de julho, das 10h30 às 12h*

*Local: Anfiteatro de História*

### **História pública no século XXI**

Michael Frisch

Professor da University of New York, Buffalo, possui extensa atuação em história pública. É autor do influente livro “A Shared Authority: Essays on the Craft And Meaning of Oral and Public History”. Trabalhou e escreveu sobre documentários históricos, projetos comunitários, fotografias e história do trabalho. É fundador e diretor da Randforce Associates, LLC, empresa associada à incubadora Baird Research Center Technology, de sua universidade, que tem como foco a produção de software para projetos de história oral. Frisch é também membro da The 198 String Band, grupo musical cujos integrantes recolhem, estudam e realizam apresentações multimídia das canções que interpretam.



Comentadora: Sara Albieri



## **Mesas redondas**

*Segunda-feira, 16 de julho, das 11h às 12h30*

*Local: Anfiteatro de História*

### **MR 01 – Qual o papel da história diante da demanda pública por memória?**

Marieta de Moraes Ferreira (Universidade Federal do Rio de Janeiro / Fundação Getúlio Vargas)

Mauricio Parada (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)

Ulpiano Toledo Bezerra de Menezes (Universidade de São Paulo)

Comentadora: Heloisa Barbuy (Departamento de História, USP)

*Segunda-feira, 16 de julho, das 16h30 às 18h*

*Local: Anfiteatro de História*

### **MR 02 – O que revistas e editoras esperam da história?**

Bruno Fiuza (História Viva)

Jaime Pinsky (Universidade Estadual de Campinas / Contexto)

Nelson Aprobato (Universidade de São Paulo)

Comentadora: Raquel Glezer (Departamento de História, USP)

*Terça-feira, 17 de julho, das 10h30 às 12h*

*Local: Anfiteatro de História*

### **MR 03 – Qual o papel do intelectual público?**

Constance Blackwell (Foundation for Intellectual History)

Daphne Patai (University of Massachusetts, Amherst)

Nicolau Sevcenko (Universidade de São Paulo / Harvard University)

Comentadora: Sara Albieri (Departamento de História, USP)

*Quarta-feira, 18 de julho, das 16h30 às 18h*

*Local: Anfiteatro de História*

### **MR 04 – História e imagens: Visualidade é credibilidade?**

Ana Maria Mauad (Universidade Federal Fluminense)

Olga Rodrigues de Moraes von Simson (Universidade Estadual de  
Campinas)

Paulo Garcez (Museu Paulista, USP)

Comentadora: Juniele Rabelo de Almeida (Universidade Federal  
Fluminense)



*Quinta-feira, 19 de julho, das 10h30 às 12h*

*Local: Anfiteatro de História*

## **MR 05 – Como a informática e a tecnologia têm transformado o ofício da história?**

Bruno Leal Pastor de Carvalho (Café História/ Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Horacio Gutierrez (Universidade de São Paulo)

Claudia Leonor Guedes de Azevedo Oliveira (Museu da Pessoa)

Comentador: Francisco Queiroz (Departamento de História, USP)

*Quinta-feira, 19 de julho, das 16h30 às 18h*

*Local: Anfiteatro de História*

## **MR 06 – Arquivos e museus são lugares da memória pública?**

Cecilia Helena de Salles Oliveira (Museu Paulista, USP)

José Newton Coelho Meneses (Universidade Federal de Minas Gerais)

Paulo Knauss (Universidade Federal Fluminense)

Comentadora: Maria de Lourdes Mônaco Janotti (Departamento de História, USP)

*Sexta-feira, 20 de julho, das 10h30 às 12h*

*Local: Anfiteatro de História*

## **MR 07 – Quanto de história pública há na educação histórica?**

Marcos Silva (Universidade de São Paulo)

Raquel Glezer (Universidade de São Paulo)

Rodrigo de Almeida Ferreira (Centro Universitário UNA / Universidade Federal de Minas Gerais)

Comentador: José Antonio Vasconcelos (Departamento de História, USP)

*Sexta-feira, 20 de julho, das 16h30 às 18h*

*Local: Anfiteatro de História*

## **MR 08 – Quanto de história há na literatura histórica?**

Adriane Vidal (Universidade Federal de Minas Gerais)

Elena Pajaro Peres (Instituto de Estudos Brasileiros, USP)

Maria Augusta da Costa Vieira (Universidade de São Paulo)

Comentador: José Antonio Vasconcelos (Departamento de História, USP)

## **Painéis**

### **Painel 1 – Oficina “Palavras no tempo e no espaço: Publicando história oral”**

*Terça-feira, das 16h30 às 18h*

*Local: Sala de Vídeo*

Esta oficina oferece soluções práticas a estudantes, profissionais e pesquisadores que pretendem realizar publicações na área de história oral. É voltada para interessados que já estejam praticando história oral e aborda os principais aspectos do trabalho de publicação deste material:

- Possibilidades de transcrição e elaboração textual
- Linguagem, preparação de texto e revisão
- Relação entre conteúdo e estética
- Cuidados éticos e jurídicos
- Divulgação e circulação
- Autoprodução e formatos alternativos

A oficina será ministrada por Ricardo Santhiago, jornalista e historiador especializado em história oral, autor de *Solistas Dissonantes: História (oral) de cantoras negras* e organizador de *Memória e diálogo: Escutas da Zona Leste, Visões sobre a história oral*, entre outros livros, além de vencedor do 2012 Oral History Association Article Award, prêmio oferecido pela Oral History Association ao melhor artigo de história oral do biênio. Com participação de Fernando Luiz Cássio, editor da Letra e Voz, editora especializada em história oral e memória. Máximo de 25 vagas, por ordem de chegada (oficina gratuita).

### **Painel 2 – A História e a irrevogabilidade do passado**

*Terça-feira, das 16h30 às 18h*

*Local: Anfiteatro de História*

Coordenação: José Antonio Vasconcelos (USP)

HISTORIKERSTRAIT OU O PASSADO NO PRESENTE

José Antonio Vasconcelos (USP)

A “Querela dos Historiadores” foi um debate dos anos 1980 sobre a interpretação do Holocausto e que envolveu intelectuais como Ernst Nolte, Jürgen Habermas, Michael Sturmer e Andreas Hillgruber. Questionava-se na época o verdadeiro papel da Alemanha na chamada “solução final” e as consequências políticas de diferentes representações do passado. Pretendo fazer um apanhado geral da controvérsia e a partir dela desenvolver reflexões teóricas sobre a irrevogabilidade do passado e o papel público da História.

## VIOLENCIA E MEMÓRIA EM “DIÁRIO DE UM DETENTO: O LIVRO”

Marcela de Paolis (USP)

As lembranças de eventos violentos costumam ser difusas e de difícil ordenamento. As narrativas desses episódios trazem marcas da dificuldade em compartilhar sua dor e construir uma memória. O presente trabalho procura identificar esses aspectos no livro “Diário de um detento” e apontar qual o percurso do autor na elaboração de uma narrativa sobre seu período de encarceramento. Escrito por Josemir Prado, “Diário de um detento” é um testemunho sobre o tempo em que seu autor ficou preso em cadeias públicas e penitenciárias do estado de São Paulo. Publicado em 2001, o livro tem como objetivo narrar o “inferno” de Josemir, compartilhado muitas vezes com outros presos. Sua narrativa se defronta com os limites da linguagem, na medida em que procura organizar uma memória traumática e construir uma reflexão sobre esses acontecimentos.

## UM DRAMA HISTÓRICO NA TV

Edson Pedro da Silva (USP)

O objetivo desta comunicação é apresentar uma breve descrição dos debates suscitados a partir da exibição da minissérie norte-americana “Holocausto”. Produzido pela emissora de TV NBC em 1978, este drama televisivo representou um marco na ampliação do conhecimento público sobre o genocídio nazista para a audiência norte-americana e mundial e gerou debates a respeito dos limites da representação deste evento histórico. O debate teórico sobre a pertinência da representação cinematográfica do Holocausto apresenta, em linhas gerais, dois grandes eixos: de um lado a reivindicação de uma representação que respeite um determinado limite ético e que procure não banalizar este acontecimento traumático, incorrendo em um suposto “segundo crime em relação à sua memória”. Do outro, o reconhecimento de que o Holocausto, apesar de sua especificidade, deve ser tratado como qualquer outro evento do passado e nesse sentido a sua representação filmica tem a permissão de procurar se aproximar da realidade histórica retratada, sobretudo para informar o público

e combater as proposições dos que relativizam ou mesmo negam o genocídio perpetrado pelo regime nazista. A representação do Holocausto através de um drama ficcional para a TV foi, na época de sua veiculação, alvo de fortes críticas por supostamente ter “trivializado” este evento traumático. Esse presumida banalização teria ocorrido não só pela narrativa ficcional entremeada aos fatos históricos como também pela especificidade do próprio meio de veiculação da produção audiovisual. Pretendo levantar algumas questões que permitam ampliar o debate a respeito dos temas envolvendo a História e seu papel público, a Memória, a representação audiovisual de fatos históricos e a irrevogabilidade do passado.

### **Painel 3 – Experiências, incentivos e formas de veicular a história pública através de documentários**

*Terça-feira, das 16h30 às 18h*

*Local: Anfiteatro de Geografia*

Exibição e conversa com o documentarista Sylvio do Amaral Rocha, sob a coordenação de Xenia Salvetti.

Os nove curtas-metragens documentais exibidos neste painel foram produzidos ao longo da última década e percorrem a tradição oral, a literatura, a história urbana da cidade de São Paulo e a fotografia no Brasil. Alguns deles foram realizados graças a leis de incentivo, outros com recursos próprios ou em parceria com instituições como a Pinacoteca de São Paulo, a Rede SESC/SENAC e a Casa da Cultura Digital. Os filmes participaram de inúmeras mostras e festivais e foram veiculados em exposições e emissoras de televisão. O curta Rubens Paiva, desaparecido desde 1971, foi realizado para a exposição Não Tens Epitáfio pois És Bandeira, Rubens Paiva Desaparecido desde 1971, que aconteceu no Memorial da Resistência de São Paulo em 2011 e integrou a Mostra Memória e Transformação: o Documentário Político na América Latina Ontem e Hoje. Tic Tac, documentário que conta a história de Mister Lin, um relojoeiro da Rua Augusta, e dessa profissão quase em extinção, recebeu o prêmio de melhor fotografia no Festival de Cinema Digital de Jericoacoara. Amar de Bárbara conta a história de amor de Julieta Bárbara Guerrini com Oswald de Andrade e foi exibido no programa Metrôpolis, da TV Cultura, por conta dos 51 anos da morte do poeta antropofágico. Nesse diálogo com o público o autor falará sobre a viabilização dos projetos, a dificuldade da

exibição, suas experiências com o cinema, a oralidade e o prazer de contar histórias através do audiovisual.

## **Painel 4 – Memórias em movimento: Audiovisual e a escrita da história pública (Labhoi/Nupehc-UFF)**

*Quarta-feira, das 18h30 às 20h30*

*Local: Anfiteatro de História*

Com Ana Maria Mauad, Isabel Castro e Juniele Rabelo de Almeida

O tema da história da memória produzida, por meio de fontes orais e visuais, congrega a experiência de dois importantes grupos de pesquisa da área de História da UFF: o Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI-UFF) e o Núcleo de Pesquisas em História Cultural (NUPEHC-UFF).

Entretanto, mais do que relatar a experiência institucional do LABHOI e do NUPEHC este painel propõe abordar o problema dos usos públicos da memória e do papel da Universidade no campo da história pública, tanto do ponto de vista da produção do conhecimento histórico, quanto da divulgação pública de seus resultados

A primeira parte avalia as tendências e abordagens sobre o tema da memória. Enfatizam-se, neste âmbito, a historiografia que discute a relação entre história e memória, os usos do passado pelo presente, o valor da memória pública nos processos de constituição das identidades sociais, e se avalia a relação entre arquivo e pesquisa.

Evidenciam-se os agentes, suportes e representações como princípios conceituais dos projetos históricos que se orientam pelo uso de fontes visuais e orais. Paralelamente, o uso de fontes orais e visuais na produção do texto histórico impõe ao historiador um outro desafio que, aos poucos, vai sendo enfrentado: o uso de outras linguagens para compor uma nova narrativa histórica que dê conta da dimensão intertextual estabelecida entre palavras e imagens

A segunda parte, se debruça mais especificamente sobre essa dimensão do problema: uma história escrita com imagens em movimento que mobilizaria a produção de acervos de pesquisa para a criação da escrita videográfica e o valor político de tais acervos, para o reconhecimento do direito a memória dos diferentes grupos sociais.

Destacam-se, portanto, os princípios operados para a constituição de acervos de fontes de memória; as estratégias de publicização da pesquisa acadêmica e os debates teórico e metodológicos que norteiam os estudos sobre memória pública, na era digital.

# Oficinas

*Dias 17 e 18 de julho de 2012, das 8h30 às 10h30*

## **OF01- Elaboração de projetos culturais**

**Com Silvia Rodrigues.** Especialista em Gestão de Projetos Culturais pelo CELACC – ECA/USP. Atualmente, desenvolve trabalhos de produção e assessoria na realização de eventos artísticos e culturais para grupos artísticos, terceiro setor e instituições privadas. Também ministra oficinas de elaboração e formatação de projetos. Completa sua formação graduação em letras (português – alemão) pela FFLCH/USP e Artes Cênicas pela Fundação as Artes de São Caetano do Sul.

*Local: Sala Ilana Blaj*

## **OF02- Introdução ao roteiro de documentário**

**Com Sérgio Puccini.** Professor do curso de Cinema e Audiovisual, Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora MG. Doutor e Mestre em Cinema pelo Programa de Pós-Graduação em Multimeios, Instituto de Artes/UNICAMP. É autor dos livros Roteiro de Documentário: da pré-produção à pós-produção, *Editora Papyrus* (2011) e *Amanhã. Aqui. Nesse mesmo lugar* (Javali, 2008).

*Local: Sala de vídeo*

## **OF03- Narrativas fotográficas**

**Com Karina Bacci.** Ela é bacharel em fotografia pelo SENAC e pós-graduada em Cinema, Vídeo e Fotografia, pela Faculdade Belas Artes. Trabalha no MAM-SP como fotógrafa e atua como professora de cursos de Fotografia e Audiovisual no MAM-SP, CCSP, SESC, Casa Mario de Andrade, entre outros lugares.

*Local: Sala Edgar Carone*

*Dias 19 e 20 de julho de 2012, das 8h30 às 10h30*

## **OF04- História oral e história pública**

**Com Marta Gouveia de Oliveira Rovai.** Doutoranda em História Social pela Universidade de São Paulo e pesquisadora do Núcleo de Estudos em História Oral/Diversitas/USP. Coautora dos livros *Narrativas e experiências: histórias orais de mulheres brasileiras* e *Introdução à História Pública*, pela editora Letra e Voz. Atualmente, desenvolve pesquisa com testemunhos de perseguidos na Ditadura Militar, trabalha como professora da rede particular, em São Paulo, e com orientação de formadores no ensino público, em Recife, pela ONG Instituto Qualidade de Ensino. Planeja, com ex-alunos, a criação de um site e de um livro com narrativas da comunidade armênia.

*Local: Sala Itana Blaj*

## **OF05- História digital e mídias sociais**

**Com Bruno Leal Pastor de Carvalho.** Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHIS-UFRJ). Mestre em Memória Social (UNIRIO) e Especialista em História Contemporânea (PUCRS). Graduado em História (UERJ) e Comunicação Social, Hab. Jornalismo (ECO-UFRJ). Atualmente, é bolsista de doutorado do CNPq, pesquisador-associado do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Judaicos da UFRJ (NIEJ-UFRJ) e Editor do Café História, rede social que criou em 2008 [<http://cafehistoria.ning.com>]. Já foi consultor na área de mídias sociais de diversas empresas, entre elas a Fundação Roberto Marinho, o Colégio Santo Inácio (RJ) e a Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac).

*Local: Sala de vídeo*



## **Sessões temáticas**

### **ST 01 – Múltiplos suportes para a história**

*Segunda-feira, 16 de julho, 14h às 16h*

*Local: Sala Caio Prado Jr.*

Mediação: Luiz Otávio Correa (UNA)

#### **RÁDIO, LINGUAGEM E HISTÓRIA**

Luiz Otávio Correa (UNA)

Este trabalho discute as transformações os processos de mediação das experiências coletivas através do podcasting. Procura-se pensar as novas formas de oralidade em tempos de globalização da cultura e expansão da capacidade de reprodutibilidade das mídias. Dentro desta perspectiva, discute-se o formato do podcasting, as mudanças ocorridas na linguagem radiofônica e as possibilidades do fazer histórico em outros suportes. Neste aspecto, ligada à discussão acima, pretende-se levantar a questão do imediatismo do tempo radiofônico em contraposição aos vários tempos da memória e da História. Segundo Patrick Charraudeau, o rádio é, dentre as mídias, aquela que melhor faz coincidir o tempo da escuta com o tempo dos acontecimentos, o que faz do rádio a mídia do tempo presente. Como pensar no fazer histórico nestas condições? A Hipótese é a de que o podcasting, mais livre da lógica capitalista das rádios comerciais, pode dialogar melhor com o fazer histórico.

#### **O BOLIVIAN SYNDICATE NAS LINHAS DOS JORNAIS: A FORMAÇÃO DE UMA IDENTIDADE REPUBLICANA NA HISTÓRIA PÚBLICA**

Nedy Bianca Medeiros de Albuquerque (UFAC)

O escrito exposto é fruto das ações desenvolvidas no projeto de doutoramento, em História Social, no Programa de Doutorado Interinstitucional da Universidade de São Paulo / Universidade Federal do Acre, cujo tema é analisar a forma como foi apresentado o Bolivian Syndicate (arrendamento do Acre a empresários estrangeiros) nos jornais brasileiros e norte-americanos, dentro da Questão do Acre (processo envolvendo as terras desta região, que estabeleceu as fronteiras entre Brasil, Bolívia e Peru). Este estudo associa História e Meio Ambiente (HMA) à História Pública (HP), com a finalidade de investigar a

formulação dos aspectos republicanos nos periódicos acerca do Brasil, situando o país em suas relações internacionais, de interação com os Estados vizinhos e posicionando-se na economia mundial no quadro do Capitalismo Monopolista que antecedeu à Primeira Guerra Mundial. Assim, o uso da HMA decorre do contexto de incorporação social, econômica e territorial do Acre ao Brasil, a partir da exploração dos recursos naturais acreanos por brasileiros. Enquanto a HP justifica-se pelos locais e mecanismos de investigação, que se concentram na plataforma Biblioteca Digital encontrada no site da Biblioteca Nacional, nos acervos da Universidade Federal do Acre (arquivos de Teses da Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Editora e Biblioteca Central), acrescido dos programas de memórias jornalísticas nacionais e norte-americanas. O marco temporal tem sido as edições dos jornais publicadas no biênio de 1902- 1903, visto que a resolução do Bolivian Syndicate se efetiva com o entendimento entre Brasil e Bolívia acerca do território do Acre com o Tratado de Petrópolis, portanto, desconsiderando a formulação do Tratado Brasil-Peru de 1909 que finalizou o desenho da fronteira do extremo oeste brasileiro.

MEMÓRIA, HISTÓRIA E MÍDIA: AS REPRESENTAÇÕES  
SOBRE AS GREVES NO ABC PAULISTA  
CONTIDAS NO DOCUMENTÁRIO “PEÕES”,  
DE EDUARDO COUTINHO (2004)

Alexandre Pedro de Medeiros (Udesc); Rafael Rosa Hagemeyer (Udesc)

Esta comunicação que, faz parte de projeto de pesquisa desenvolvido no Departamento de História da Universidade do Estado de Santa Catarina, intitulado “Perspectivas e projeções: o protagonismo da classe operária no cinema dos anos 1970 (Brasil/Argentina)”, visa analisar o documentário “Peões”, de Eduardo Coutinho, lançado em 2004, que incorpora em sua produção sequências de uma tríade “heroica” de documentários filmados no calor das greves de 1979 e 1980 no ABC paulista, assim como, entrevistas com pessoas que de alguma forma estiveram envolvidas nesses acontecimentos, em sua maioria operários. São analisados os filmes como suportes de uma memória sindical, que elaborada por cineastas repercutiram na construção de um imaginário coletivo sobre as greves do ABC, em “Peões” a partir de seu diálogo com os documentários “Greve!”, de João Batista de Andrade, de 1979; “Linha de Montagem”, de Renato Tapajós, de 1982; e “ABC da Greve”, de Leon Hirszman, de 1991. Uma das cenas do filme de Coutinho é aquela que ele apelidou de “As regras do jogo”, na qual o diretor se reúne com sindicalistas e apresenta sequências da tríade, fotografias de jornais e de arquivos pessoais ou sindicais, a fim de que seus interlocutores reconheçam outras pessoas que estiveram envolvidas nas greves no ABC, buscando, desse

modo, mais personagens para seu documentário. Ao entrevistar os participantes e usar imagens de arquivo para recuperar a história, Coutinho evidencia sua inspiração nos documentários de participação dos anos 1960. Entretanto, o documentarista foge ao clichê do documentário historiográfico que junta imagens e falas de personagens, conferindo caráter de legenda à entrevista, e sim, apresenta documentários, fotografias e falas em separado, dotando-lhes de seu valor como documento. De certo modo, Coutinho também junta, mas em um sentido de pôr os documentos uns após os outros, consecutivamente, ou seja, apresenta as fontes para que dialoguem.

## OS VIKINGS REPRESENTADOS EM REVISTAS DE HISTÓRIA

Fabio Antonio Costa (PUC-SP)

Nesse resumo, será discutido o estudo de artigos nacionais ou traduzidos para o idioma português publicados em revistas de história acerca dos vikings, como sua cultura, arte e representações deles, pensando-se nesses periódicos como uma forma mais acessível para se conhecer sobre a história dos vikings, reforçada na ideia de artigos e muitas imagens que interagem quanto a construção dessa história. Foram estudadas três revistas (*Leituras da História*, *História Viva* e *BBC História*) publicadas na última década no Brasil e dentro das particularidades e pressões editoriais ou de mercado de cada um, nos temas que são abordados pela história na ideia de temas que aparecem mais e outros menos a partir das várias forças e tensões que direcionaram a tais escolhas.

## TV UNESP ASSIS COMO MEIO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DE ENSINO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURAIS DESENVOLVIDAS PELA FCL - ASSIS

Eduardo Galhardo (Unesp Assis), Gabriela Ávila (UFSCAR), Mariana Escher (Unesp Assis), Tiago Alves (Unesp Assis), Wagner Rezende (Unesp Assis)

A TV Unesp Assis é um projeto de extensão vinculado ao “Núcleo Integrado de Comunicação da Faculdade de Ciências e Letras de Assis” que está em pleno funcionamento desde 2008 e tem como principal objetivo sanar um dos grandes problemas da Universidade que é a lacuna entre comunidade acadêmica e comunidade externa. Seus eixos norteadores são: transmissão do conhecimento científico para a população; divulgação das pesquisas e projetos de extensão desenvolvidos pela FCL de Assis e exibição de produções de caráter artístico-cultural apoiadas ou desenvolvidas pela Unesp. São produzidos programas semanais com duração de 30 min - em média - que são veiculados via canal universitário da TV a Cabo local e também pela internet. Já são mais de 121 programas produzidos nesses cinco anos de atuação e várias participações

em congressos geralmente ligados a área de extensão universitária. Em sua atuação a TV Unesp Assis cobriu vários eventos e abordou vários temas ligados a História e inclusive boa parte de seus integrantes são graduandos do curso de História da instituição. Durante a produção desses programas a equipe foi desafiada a trabalhar temas que geralmente são estritamente acadêmicos para um público mais homogêneo que é a comunidade externa à Universidade. Compartilhar essa experiência e o aprendizado torna-se relevante dentro de um simpósio com tal proposta.

## **ST 02 – História e patrimônio na sala de aula**

*Segunda-feira, 16 de julho, 14h às 16h*

*Local: Sala Nelson Werneck Sodré*

Mediação: Thais Rocha da Silva (FFLCH-USP)

### **EDUCAÇÃO E HISTÓRIA: A FORMAÇÃO DE EDUCADORES SOCIAIS EM ESPAÇOS PÚBLICOS E PRIVADOS**

Arlete Assumpção Monteiro (PUC-SP); Juliana Graciani (FM); Maria Stela Santos Graciani (NTC-PUCSP)

A presente comunicação procura retratar a trajetória histórica de projetos sociais desenvolvidos para atendimento de comunidades carentes. A formação de educadores sociais, a Educação de Jovens e Adultos e a preparação de educadores comunitários fazem parte do rol das atividades que norteiam os projetos sociais desenvolvidas pelo Núcleo de Trabalhos Comunitários, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Os resultados obtidos nos projetos sociais, através da Pedagogia Social, com base numa educação do concreto e do real, devem ser socializados no intuito de mostrar à sociedade, aos educadores, sociólogos, historiadores, filósofos e políticos, experiências pedagógicas inovadoras que se caracterizam pela preocupação de se construir uma sociedade mais justa e consciente dos Direitos Humanos.

### **A DISPUTA DE THOTH E CLIO NA SALA DE AULA: PROBLEMAS E POSSIBILIDADES DO ENSINO DO EGITO ANTIGO NO CURRÍCULO ESCOLAR**

Thais Rocha da Silva (FFLCH-USP)

O Egito Antigo têm sido recolocado no gabinete de curiosidades das escolas nos últimos anos. A produção do material didático para o Ensino Fundamental

sobre o assunto limita-se à percepção da alteridade (espacial e temporal) e da cristalização de uma visão orientalista em que o Egito entra para a história da civilização ocidental como mero contribuinte, fixo e monolítico. Muitas escolas têm optado por “cortar” o Egito do currículo, deixando sua presença restrita ao ensino obrigatório do conteúdo sobre a África no programa anual, agora associado à região da Núbia. A oscilação entre uma visão orientalista, que transforma o Egito num oriente fantasioso, e o afrocentrismo, que se esforça em colocar os antigos egípcios enraizados na África negra, demonstram o desconhecimento da história dessa civilização e a apropriação da história com claras intenções políticas. Mais do que o senso utilitarista ao qual o ensino das humanidades vem sendo submetido nos últimos anos, também é o tipo de visão de história que precisa ser rediscutido no ensino de História Antiga. A disciplina, por ser trabalhada com mais tempo no Ensino Fundamental, em geral com 60 anos, parece ter deixado de problematizar conceitos e noções de história e civilização, ficando cada vez mais exposta às categorias da curiosidade e do lúdico. Do mesmo modo, a ilusão de que o mundo antigo se tornou acessível pelas várias mídias camufla visões de história que atingem a sala de aula. Nesse meio, o Egito continua sendo o local das pirâmides, dos mistérios e do fascínio, numa reprodução quase literal dos relatos de Heródoto e dos primeiros egiptólogos do século XIX. Pretendo demonstrar de que modo o material didático disponível tem contribuído para esse tipo de viés e apontar possibilidades de se explorar outras percepções e relações da história do Egito antigo com nossa história.

## PROJETO RIBEIRÃO PRETO: DO RURAL AO URBANO - PATRIMÔNIO CULTURAL, HISTÓRIA LOCAL, URBANIZAÇÃO E TRANSFORMAÇÕES NO ESPAÇO GEOGRÁFICO

Almir de Paula e Silva (Secretaria da Educação de Ribeirão Preto); Marilisa Ferrari (da Educação de Ribeirão Preto)

As coordenadorias de História e Geografia, por meio da Secretaria Municipal da Educação de Ribeirão Preto, desenvolveram este projeto educacional direcionado à rede pública municipal de ensino. O projeto nasceu da necessidade de oferecer aos professores e alunos material pedagógico sobre o município desde a transformação de vilarejo até os dias atuais, sendo um local que se destaca como referência no cenário nacional. Além disso, oferecer às novas gerações a oportunidade de tornarem-se agentes do seu meio a partir do conhecimento do patrimônio histórico, cultural e arquitetônico desde o final do século XIX até o século XXI, considerando que Ribeirão Preto, em tão pouco tempo de existência, sofreu rápidas e profundas transformações como

consequência de uma dinâmica econômica, iniciada com a expansão cafeeira no estado de São Paulo. Juntamente com a expansão urbana do município, vêm ocorrendo perdas significativas de seu patrimônio tanto material como imaterial, que são elementos de referência cultural e de pertencimento que vêm sendo esquecidos por meio da destruição de edificações, espaços e testemunhos da história local. Por isso a necessidade de se trabalhar, com professores e alunos da rede municipal, temas relacionados à história local, patrimônio histórico e cultural e a transformação do espaço geográfico, decorrentes do desenvolvimento econômico do município. Há dois anos, iniciou-se o projeto com uma proposta de formação do professor para que esses temas fossem trabalhados com os alunos. Como ações e atividades, foram realizadas visitas monitoradas ao centro histórico da cidade, palestras sobre patrimônio histórico, introdução à história de Ribeirão Preto e exposição itinerante sobre a temática, com o intuito de oferecer aos docentes e discentes oportunidade de conhecer e analisar o município de Ribeirão Preto por meio da trajetória de ocupação e construção, como resultado de processos sociais.

## “NOITE DE HISTÓRIAS”: EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM SERGIPE

Maíra Ielena Cerqueira Nascimento (Subsecretaria de Estado do Patrimônio Histórico e Cultural/Secretaria de Estado da Casa Civil/Governo do Estado de Sergipe)

A Praça São Francisco, na cidade de São Cristóvão (Sergipe), pleiteou em 2010 o título de Patrimônio Cultural Mundial, conferido pela UNESCO. A consecução desta honrosa chancela estava condicionada, dentre outras exigências, à realização de uma série de ações educativas voltadas ao patrimônio, para que a comunidade, ao apropriar-se da sua História, se apoderasse do bem e promovesse sua preservação. Como ressalta Parreiras Horta (1999), a educação patrimonial é um trabalho pedagógico centrado no patrimônio cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento - tanto individual, quanto coletivo. Trata-se, alegoricamente, de um processo de alfabetização cultural de benefícios múltiplos, como a elevação da autoestima do povo, a valorização de sua cultura e identidade, conduzindo a um melhor entendimento do universo sociocultural em questão. Dentre as atividades de cunho educativo desenvolvidas em São Cristóvão, destaca-se o projeto “Noite de Histórias”, promovido em maio de 2010 pela parceria entre Subsecretaria de Estado do Patrimônio Histórico e Cultural (SUBPAC), Instituto do Patrimônio Histórico e Cultural (8ª SR/IPHAN) e Secretaria de Estado da Cultura, por meio do Museu Histórico de Sergipe (MHS/SECULT). Através desta ação, pioneira em Sergipe, mais de 1000 estudantes da Educação de Jovens e Adultos tiveram acesso em horário noturno a uma instituição de memória, podendo conhecer

seu acervo, participar de palestras sobre educação patrimonial e engajar-se na campanha “São Cristóvão, Berço de Sergipe/Praça São Francisco: Patrimônio da Humanidade”, cadastrando-se no abaixo-assinado eletrônico hospedado em Hotsite especialmente criado para mobilizar a população. Como resultado, os participantes tornaram-se multiplicadores da causa, além de atuarem em favor da manutenção do bom estado de conservação do sítio histórico da cidade. Dessa forma, este artigo pretende compartilhar esta valiosa experiência, que substanciou a exitosa candidatura da Praça São Francisco.

## A EXPERIÊNCIA DO PROJETO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL EM ITAPEVA

Davidson Panis Kaseker (Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Itapeva)

Anualmente o município de Itapeva realiza um Seminário de História, através da parceria entre as secretarias municipais de Cultura e Turismo e de Educação, e do IHGGI (Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Itapeva). Neste ano, o III Seminário de História de Itapeva aconteceu, entre os dias 23 e 25 de maio, contemplando o tema “Patrimônio é Educação”. O público-alvo preferencial são os professores de História, Geografia e Artes, além de professores da Educação Infantil. O evento foi marcado pela realização de palestras sobre a importância da educação patrimonial para a valorização do patrimônio histórico, tanto material como imaterial, como fator de desenvolvimento social. Durante a abertura, no dia 23 de maio, no Itapeva Clube, foi apresentado o vídeo sobre Educação Patrimonial, com imagens do município e relatos de itapevenses. Também foi apresentado um Kit de Educação Patrimonial, lançado durante o evento, material didático que é composto com textos de referência sobre o tema e imagens de edificações históricas de Itapeva, possibilitará aos professores da rede municipal de ensino realizar atividades com seus alunos, em sala de aula, para que tenham contato com a história do município, através do seu patrimônio. O programa contempla, ainda, a Viagem do Saber, roteiro histórico percorrido pelos alunos da rede com acompanhamento de guias. Ao todo, mais de 13.000 alunos já participaram do roteiro.

## **ST 03 – Passado e tradição**

*Segunda-feira, 16 de julho, 14h às 16h*

*Local: Sala Ilana Blaj*

Mediação: Lucília Siqueira (EFLCH/UNIFESP)

PATRIMÔNIO CULTURAL E COMUNIDADES QUILOMBOLAS: UM ESTUDO  
DE CASO DA COLÔNIA SUTIL EM PONTA GROSSA – PARANÁ

Marcia Maria Dropa (UEPG)

A partir da compreensão de que a extensão universitária se configura como participação efetiva em projetos de ações sociais que garantam a cidadania, a inclusão e a integração socioeconômica e cultural das comunidades, caracteriza-se como objetivo deste artigo, apresentar os resultados da experiência do Projeto de Extensão Turismo e Comunidade: uma ação para todos. O mesmo foi desenvolvido pelo Departamento de Turismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, tendo como campo de estudo a Colônia Sutil (localizada no município de Ponta Grossa – PR – BR), que se caracteriza como uma comunidade quilombola, formada por descendentes de antigos escravos. Este estudo de caso foi realizado por meio de visitas à comunidade, realização de inventário cultural e econômico, bem como a identificação da paisagem natural, elementos propícios para o desenvolvimento da atividade turística. Consolidou-se os campos de atuação por meio de oficinas realizadas para os moradores, onde foram repassadas informações acerca do turismo e as possibilidades do mesmo poder ser planejado na localidade, como forma de agregar valor e melhorar a qualidade de vida dos moradores. Como principais resultados alcançados destacam-se: sensibilização da comunidade, mapeamento da realidade socioeconômica local e a identificação de elementos que podem compor um roteiro turístico rural e cultural. O projeto terá continuidade no ano de 2012, com a formatação do planejamento participativo. Palavras-Chave: Extensão, comunidade, quilombolas, e turismo.

DAS GUARDADORAS DE SABERES TRADICIONAIS  
AO PATRIMÔNIO IMATERIAL: UM ESTUDO DAS  
ERVAS, CHÁS, RECEITAS E CURAS EM COMUNIDADE RURAL

Thauana Paiva de Souza Gomes (Unesp/Uniará)

Este trabalho faz parte das pesquisas desenvolvidas durante o mestrado e tem como objetivo trabalhar as dimensões da patrimonialidade no que tange ao seu valor para as ressignificações cotidianas simbólicas e materiais de assentados. Neste sentido, buscamos neste artigo apresentar parte do inventário que enfoca o papel das mulheres como guardadoras do patrimônio imaterial, bem como, a importância da oralidade na transferência destes conhecimentos. Ao propor uma análise e etnografia dos saberes não oficiais, é necessário, antes de tudo, pensar a respeito da cultura popular tradicional. Seguimos uma concepção de que a necessidade de fazer o levantamento etnográfico dos saberes não oficiais faz parte do que o IPHAN tem designado como patrimônio imaterial. Integramos ainda



a essa ideia a concepção de que os conhecimentos costumeiros, aqui estudados, não podem ser considerados tradicionais puros, autênticos, mas informações que são marginalizadas pelo conhecimento oficial por serem fortemente ligadas à tradição e que constantemente se ressignificam num todo híbrido de modalidades sociais e étnicas que constantemente se renovam. Assim, a cultura popular não pode ser entendida apenas como “expressão” da personalidade de um povo, justamente porque tal personalidade não existe como uma entidade, mas como um produto da integração das relações sociais. Nem, tão pouco, como um conjunto de tradições ou essências, preservadas de modo puro. Vale lembrar que, quando trabalhamos com a ideia de registros e inventários, não podemos deixar de mencionar que, segundo Vianna (2004) o bem cultural é dinâmico e cheio de ressignificações e para preservação de referencial cultural é necessário que se tenha mais que um inventário, mas sobretudo os sentidos que vão dentro da cabeça de quem faz, de quem come, de quem vende ou se alimenta deste algo. Com base nestas compreensões podemos apresentar o inventário dos saberes das mulheres no assentamento. Neste sentido apresentamos nesta comunicação parte de um inventário dos saberes de mulheres voltadas às receitas tradicionais e ao patrimônio mágico-religioso e de cura como as benzeduras, as rezas e o uso das plantas medicinais como resultados do trabalho realizado através de entrevistas e acompanhamento exaustivo de campo.

## OS DILEMAS DO HISTORIADOR DIANTE DA PATRIMONIALIZAÇÃO DA MEMÓRIA DOS AFRO-DESCENDENTES

Lucília Siqueira (EFLCH/UNIFESP)

Esta comunicação traz alguns apontamentos para o debate acerca dos conhecimentos sobre o passado que circulam no nosso presente no campo do patrimônio. Em especial, as dificuldades enfrentadas pelo historiador diante da patrimonialização da memória dos quilombos e da memória da escravidão.

## PATRIMÔNIO E MEMÓRIA FAMILIAR

Lívia Morais Garcia Lima (Unicamp)

A questão central desta pesquisa é analisar as ações de educação patrimonial não-formal, realizadas no âmbito do meio rural paulista e voltadas para diferentes grupos etários, provenientes de diferentes classes sociais. Neste projeto, o patrimônio é explorado como espaço turístico educacional dentro de uma visão de educação patrimonial não-formal no contexto rural, envolvendo os patrimônios materiais e imateriais, para públicos de diferentes idades, formações educacionais e classes sociais diversas. O projeto de Doutorado em andamento é parte integrante da Oitava Chamada para o Programa de Pesquisa

em Políticas Públicas – PPPP 2008 (07-55999-1). O projeto é financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP em parceria com o Centro de Memória UNICAMP – CMU. Em relação a bibliografia, utilizamos publicações para as áreas deste estudo que compreendem a educação patrimonial, patrimônio material e imaterial, turismo cultural, educação não-formal e história oral.

## **PATRIMÔNIO CULTURAL RELIGIOSO EM RIBEIRÃO PRETO: UMA EXPERIÊNCIA COM O INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS**

Nainôra Maria Barbosa de Freitas (Centro Universitário Barão de Mauá),  
Lilian Rodrigues de Oliveira Rosa (Centro Universitário Barão de Mauá)

Essa comunicação tem por objetivo apresentar os resultados da pesquisa realizada a partir da metodologia do INRC (INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS) no centro histórico de Ribeirão Preto, SP. Sob a orientação técnica do IPHAN foi realizado um levantamento do patrimônio arquitetônico das diferentes representações religiosas construídas entre 1890 e 1950, período de auge da cafeicultura na região. O trabalho é parte de um projeto interdisciplinar e interinstitucional levado a cabo por um colegiado de pesquisadores de várias instituições que formaram a Rede de Cooperação Identidades Culturais. Esta Rede é formada por representantes da Secretaria Municipal da Cultura de Rib. Preto, por técnicos do IPHAN-SP e por docentes de várias Instituições de Ensino Superior públicas e privadas.

## **ST 04 – Museu, lugar de história pública**

*Segunda-feira, 16 de julho, 18h30 às 20h30*

*Local: Sala Caio Prado Jr.*

Mediação: Leticia Brandt Bauer (UFRGS)

**HISTÓRIA PÚBLICA E MUNDOS DO TRABALHO: A PROPOSTA DO MUSEU DO  
TRABALHO E DOS TRABALHADORES EM SÃO BERNARDO DO CAMPO**  
Paulo Fontes (FGV/CPDOC), Hélio da Costa e Francisco Barbosa de Macedo

O trabalho tem como objetivo apresentar as principais diretrizes do Museu do Trabalho e dos Trabalhadores em São Bernardo do Campo (MTT/SBC), cidade

que entrou para imaginário nacional como a Detroit brasileira e posteriormente como a “República Sindical de São Bernardo”. A proposta do Museu está na sua fase final de elaboração e as suas diretrizes procuram articular dimensões bastante variadas do universo dos trabalhadores, partindo das experiências locais, mas, sem perder de vista, as diversas conexões nacionais e internacionais do mundo do trabalho. Pensamos que as discussões em torno da criação do MTT/SBC constituem um campo privilegiado para os debates em torno da história pública e das relações entre conhecimento acadêmico, sociedade civil e a comunidade em geral.

O MUNDO DA MINA NO MUSEU: O PROJETO DE  
REQUALIFICAÇÃO DA EXPOSIÇÃO DO MUSEU ESTADUAL  
DO CARVÃO (ARROIO DOS RATOS, RS)

Leticia Brandt Bauer (UFRGS)

O Museu Estadual do Carvão localiza-se no município de Arroio dos Ratos (RS). Foi criado em 1986 e instalado na usina da primeira termelétrica brasileira. No sítio também se localizam diversas estruturas que integravam o complexo de extração carbonífera, incluindo minas subterrâneas. A extração de carvão no Rio Grande do Sul teve início na segunda metade do século XIX, abarcando uma região hoje composta por nove municípios, num total de aproximadamente 170 mil habitantes. Além da restauração das estruturas materiais, está sendo desenvolvido o projeto de requalificação da exposição de longa duração do Museu do Carvão. O presente trabalho pretende apresentar e discutir a atual fase de desenvolvimento desse projeto, levando em consideração as tensões e contradições que surgem do esforço de formulação de uma exposição cuja perspectiva se propõe histórica. Não são poucas as dificuldades na tentativa de conciliar as diferentes escalas de observação da experiência mineira ao longo do tempo. Tampouco, as aparentes contradições entre memórias comunitárias, em especial dos mineiros, e investigações acadêmicas dedicadas ao tema. Quais os limites e possibilidades na formulação de uma exposição que se volta para o mundo do trabalho mineiro, especialmente numa região marcada, em diferentes aspectos, por essa atividade? Como equalizar relatos, espaços, objetos e tempos numa experiência de visitação ao Museu? Essas são algumas das questões capitais que têm sido sistematicamente pensadas pela equipe dedicada à exposição, remetendo-nos constantemente a reflexões acerca do ofício do historiador e as dimensões públicas de seu trabalho.

MUSEU DA LITURGIA: UM PROGRAMA EDUCATIVO PARA PÚBLICOS DIVERSOS  
Rachel de Sousa Vianna (UEMG), Michele Longatti Fernandes (Museu da Liturgia)

Museu da Liturgia: um Programa Educativo para públicos diversos Inaugurado na cidade de Tiradentes, Minas Gerais, em 14 de abril de 2012, o Museu da Liturgia apresenta uma proposta museológica e museográfica que o distingue dos tradicionais museus de arte sacra. Na exposição do acervo, que reúne mais de 420 peças dos séculos XVIII a XX, foram incorporadas instalações audiovisuais que aludem aos rituais - procissões, gestos litúrgicos, atos de devoção - que complementam e dão sentido ao patrimônio material ali reunido. Uma extensa pesquisa histórica deu suporte ao desenvolvimento de conteúdos disponibilizados para consulta em terminais multimídia e via internet e embasou a concepção do Programa Educativo. Tendo em vista a natureza do acervo e a diversidade dos públicos em potencial, a formulação das atividades e materiais educativos representou um grande desafio. Por um lado, era fundamental acolher o sentimento religioso dos visitantes católicos, de modo que eles reconhecessem a dimensão espiritual das peças expostas. Por outro lado, houve um cuidado especial em não constranger os não católicos. Também foi necessário considerar as diferenças relativas à população local e aos turistas. Uma premissa era que os moradores de Tiradentes deviam se sentir à vontade no museu, que o vissem como uma instituição voltada para a preservação e a valorização do seu próprio patrimônio cultural e religioso. Ao mesmo tempo, havia que se preocupar com as expectativas e os interesses dos diferentes grupos de turistas que visitam a cidade. Diante desse cenário, o Programa Educativo traçou diretrizes para fazer do Museu da Liturgia um local de diálogo entre passado e presente, comunidade local e turistas, católicos e não católicos. Esse texto tem como objetivo apresentar as atividades e materiais que o Programa Educativo do Museu da Liturgia desenvolveu para trabalhar com esses diferentes públicos.

## O HISTORIADOR E OS MUSEUS: O CASO DO MUSEU

### CASA HISTÓRICA DE ALCÂNTARA COMO PARADIGMA DA ATUAÇÃO DA HISTÓRIA EM INSTITUIÇÕES MUSEAIS

Daniel Rincon Caires (IBRAM)

O presente trabalho narra uma experiência vivida no Museu Casa Histórica de Alcântara (MCHA), situado na cidade de Alcântara – MA. Neste Museu, como em muitos outros aparatos memoriais de natureza semelhante, subsiste uma “memória do poder”, um construto celebrativo voltado para o enaltecimento de figuras eleitas ao sabor de interesses particulares ou proselitistas, em detrimento, e por vezes contrariamente, às necessidades da sociedade. Propõe-

se aqui demonstrar o papel da história como ferramenta de identificação, análise e reorientação dos discursos presentes nas exposições das instituições museais. Buscaremos demonstrar neste trabalho uma alternativa concreta para interromper estas formas enviesadas de organização, oferecida pela história, consubstanciada no projeto “Vitrine Temática”. Tal empreendimento, instituído no MCHA, visa deslocar as atenções das trajetórias de sujeitos privilegiados para os problemas históricos, através da eleição da cultura material como foco de análise, fonte de reflexões sobre o passado e o presente.

## O ÍNDIO DENTRO DO MUSEU/O MUSEU DENTRO DO ÍNDIO:

### ANÁLISE DO MUSEU ÍNDIA VANUÍRE DE TUPÃ/SP

André Luís Tondato; Bianca Gonçalves de Souza (DSA/FFC-Unesp); Bruna Lúvia Guandalim; Rodney Lanzoni Fagundes; Wahuane Maraiva Faria B. P. da Silva

Em maio de 2012, participamos do “1º Encontro Paulista Questão Indígena e Museus e 3º Seminário Museus, Identidades e Patrimônio Cultural”, em Tupã/SP, durante os quais pudemos acompanhar profissionais de diversas áreas refletindo sobre o museu indígena, identidades, patrimônio e as etnias brasileiras. Tais eventos aconteceram no Museu Histórico Pedagógico Índia Vanuíre, fundado em 1966, possuidor de uma das maiores coleções institucionalizadas de objetos indígenas no Brasil - 38 mil - sendo que a maioria dos objetos expostos não remetem às etnias que vivem na região de Tupã (Kaingang e Krenac), mas a grupos da Amazônia Brasileira (de Kaiapós a Yanomamis) e aos imigrantes europeus que colonizaram a região. O museu é gerido pelo poder estadual, juntamente com entidades governamentais que fomentam ações culturais. A inquietação que surgiu durante o evento foi, quem é o índio que o museu quer mostrar ao público? Que história sobre os índios o museu quer nos contar? O objetivo do trabalho é promover uma reflexão sobre o índio que está dentro do museu, pensando conjuntamente a questão das identidades indígenas locais. E, dessa maneira, por meio de um relato de experiência, pensar qual(is) história(as) o museu compõe para dizer que são os índios e o papel que eles representam em face da identidade nacional e regional. O referido museu - cujo nome é de uma índia que contribuiu para a paz em conflitos locais - é um estabelecimento feito por não-índios. A narrativa retrata um índio que não existe mais no Brasil, um índio romantizado, exótico. Tal observação etnográfica, baseada na análise do acervo, aponta no sentido de captar quem é o índio na região de Tupã/SP e qual é o índio que está dentro do museu, detentor de um discurso que visa documentar quem são os índios brasileiros.

## **ST 05 – O estudante como público**

*Segunda-feira, 16 de julho, 18h30 às 20h30*

*Local: Sala Nelson Werneck Sodré*

Mediação: Carlos Gregório dos Santos Gianelli (Udesc)

### O USO DO MACHINIMA NA DIFUSÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO

Tiago Faceroli Duque (UFJF)

O presente trabalho tem por intuito apresentar uma proposta de uso do Machinima no aprendizado de História. O Machinima é um formato de mídia que combina concepções artísticas, lúdicas e tecnológicas (Lowood, 2011) através do uso de games como cenário e meio de criação de vídeos. Esta nova forma de concepção de vídeos tem se tornado muito popular entre jovens de ambos os sexos e sua difusão tem ocorrido principalmente através da internet. Tal conteúdo é normalmente disponibilizado sem custo extra para o espectador, não exigindo que ele possua a plataforma utilizada no processo de produção da mídia. O Machinima tem se apresentado como uma forma barata e fácil, além de efetiva, de se produzir vídeos complexos, pois se utilizando do conteúdo disponibilizado pelo jogo utilizado, o criador pode não só criar demonstrações, como também imergir ele mesmo e permitir que o espectador reproduza as experiências em sua própria casa através das plataformas utilizadas. Um fator a se destacar é a liberalidade dos desenvolvedores de games quanto à produção de machinimas usando suas plataformas, que funcionam como uma forma de propaganda gratuita a elas. Esta mídia surge então como um elo entre dois temas já muito discutidos no âmbito educacional: o uso de mídias audiovisuais tradicionais (TV, filmes, documentários, etc.), e do videogame, cuja discussão do uso na educação tem crescido exponencialmente no Brasil, tendo já se estabelecido no exterior. A proposta desta comunicação tem como justificativa e suporte a ideia de que tanto professor quanto historiador são produtores de narrativas, desta forma a produção e uso de narrativas com conteúdo histórico em Machinima vem a ser um meio de auxílio à forma como o conhecimento histórico é passado ao “público”, seja ele de crianças, adolescentes ou adultos.

### OLIMPIÁDA NACIONAL EM HISTÓRIA DO BRASIL

Marcelo Firer (Unicamp); Cristina Meneguello (Unicamp), Alessandra Pedro (Unicamp)

Esta comunicação tem como objetivo apresentar a Olimpíada Nacional em

História do Brasil (ONHB), um projeto realizado pelo Museu Exploratório de Ciências da Unicamp, sob a Coordenação Geral da Profa. Dra. Cristina Meneguello, que está em sua 4ª edição, com apoio do CNPq. A ONHB visa propiciar a estudantes do Ensino Médio e Fundamental (8o e 9o anos) estudar e refletir sobre a História do Brasil se aproximando do arcabouço metodológico próprio do historiador: contato direto com documentos históricos variados, que devem ser analisados e interpretados. A realização de um concurso com estes objetivos, realizado principalmente através de provas online, demanda uma série de inovações em termos de organização e avaliação, incluindo a realização de provas em grupo, abertas por um período de uma semana, com questões de múltipla escolha que possibilitam diversos níveis de acerto. O expressivo crescimento da participação na ONHB, que passou de 16 mil pessoas na edição de 2009 para 64 mil em sua terceira edição (2011) comprovam a existência de demanda por este tipo de atividade na área de história. Já o alto nível de engajamento dos participantes (uma média de 18 horas online por equipe, com envolvimento médio de 11,5 horas por semana/equipe) demonstra a pertinência dos desafios propostos aos estudantes. Após três edições com grande sucesso a ONHB tem seu lugar solidificado entre as Olimpíadas Científicas do país e desponta como um espaço extremamente rico para a difusão do conhecimento histórico entre um público jovem e heterogêneo, que a cada ano se mostra mais interessado.

## “O CONTADOR DE CAUSOS” - UMA PROPOSTA DE SUPORTE DIDÁTICO PARA A DIFUSÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO.

Carlos Gregório dos Santos Gianelli (Udesc)

Este trabalho tem como principal objetivo expor uma maneira diferente de difundir o conhecimento histórico através da música. O gênero adotado será a música caipira, mais especificamente a performance do “contador de causos.” Nesse tipo de performance, determinada narrativa é contada pela música entoada na viola caipira. O som brilhante das dez cordas atrai a atenção do público aproximando contador e espectador, facilitando assim a narração e compreensão da história proposta. Sendo professor de História e pesquisador da musicalidade caipira e sertaneja, percebo que essa ferramenta didática surge como uma excelente alternativa pedagógica para o enriquecimento das aulas. Diversos episódios e processos históricos, seja da História do Brasil ou de eventos de proporção mundial pertencentes ao currículo escolar podem ser contados dessa maneira. O encadeamento existente entre música e fala cria uma dinâmica muito interessante para quem assiste a performance. A história contada através do “causo” não cai na possibilidade de se tornar cansativa como pode acontecer em uma história narrada somente através da fala (com maior

incidência em um público infanto-juvenil) e também foge da possibilidade da história ficar abstrata demais dentro de uma canção enorme. Pretendo apresentar esse modelo de trabalho em uma performance do “contador de causos”. Serão escolhidos temas históricos pertinentes dentro da grade curricular da disciplina de História.

## BRINCANDO DE APRENDER: A UTILIZAÇÃO DE JOGOS NO ENSINO DE HISTÓRIA INDÍGENA

Jeniffer Caroline da Silva (UFSC); Ana Lúcia Vulfe Nötzold (UFSC); Luana Máyra da Silva (UFSC)

Por um longo período, a História e Cultura Indígena permaneceram negligenciadas, com um espaço bastante limitado nas Escolas e Universidades brasileiras. A aprovação da Lei 11.645/2008, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, visando incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” contribui para modificar esse panorama, incluindo a temática indígena nos currículos escolares. Visando auxiliar o atendimento da Lei, o Laboratório de História Indígena da Universidade Federal de Santa Catarina – LABHIN / UFSC – elaborou e desenvolveu atividades lúdicas que auxiliam na prática do ensino de história indígena. Através do desenvolvimento do Projeto “Da Arapuca ao Futebol: o lazer Kaingáng através dos tempos” (Financiamento Proext/MEC/SESu-2009) foram produzidos dois jogos lúdicos afim de possibilitar e facilitar as atividades didáticas do ensino de História Indígena. A partir da Constituição Federal de 1988, os povos indígenas do Brasil têm a garantia de escolas diferenciadas, bilíngues e multiculturais, que atendam às suas especificidades. No entanto, os professores indígenas não encontram materiais didáticos específicos à sua disposição. Nesse sentido, os jogos lúdicos, juntamente com outros materiais também desenvolvidos pelo LABHIN, contribuem para auxiliar os professores indígenas em sala de aula, bem como, podem ser um suporte didático aos professores que não atuam em comunidades indígenas, com o intuito de apresentar aos alunos um pouco da história e da cultura destas populações. Os dois jogos elaborados foram: o jogo-trilha Caminhando com os Kaingáng e o jogo bilíngue Dominó Kaingáng. O “Dominó Kaingáng” é uma adaptação do jogo popular, de caráter bilíngue (Português – Kaingáng), com artefatos indígenas substituindo os tradicionais números. Já “Caminhando com os Kaingáng” consiste em um jogo no modelo trilha, onde o jogador passeia pelo Estado de Santa Catarina, conhecendo um pouco da cultura indígena, em especial a cultura do povo Kaingáng.



**PRÁTICAS EDUCACIONAIS, PATRIMÔNIO E ARQUEOLOGIA: A  
ESCOLA PÚBLICA A PARTIR DE NOVAS METODOLOGIAS**

Adriana Negreiros Campos (MAE/USP e Secretaria de Educação de Santos)

Esse trabalho é parte da minha dissertação de mestrado, em desenvolvimento no Museu de Arqueologia e Etnologia/USP e visa a contribuir para as reflexões teóricas sobre as práticas da chamada Educação Patrimonial, historicizando-a como campo de conhecimento amplo e seu uso metodológico, além de contextualizar sua prática em museus e analisar suas possibilidades no campo da educação formal. O uso do conceito de patrimônio ampliou-se nas últimas décadas, ações pedagógicas voltadas para o trabalho com o patrimônio têm sido uma constante em escolas, museus e comunidades. Nesse sentido, faz-se necessário analisar como as propostas educacionais na área de patrimônio têm sido formuladas e pensadas. No Brasil, procurou-se estabelecer um marco, em termos temporais, para a introdução de uma metodologia específica (1983), e a publicação de um guia, pelo IPHAN, em 1999. Longe de ser uma publicação definitiva, o guia é, antes de tudo, uma tentativa de organização e direcionamento das ações que já estavam sendo feitas em escolas e museus. O estabelecimento de um marco zero, um gesto inaugural, e a consagração nos últimos anos do termo educação patrimonial não levaram em conta os trabalhos realizados por Paulo Freire no campo educacional e a sua influência teórica na base da Nova Museologia e de tantos outros antropólogos, museólogos e educadores brasileiros. Como estudo de caso, analiso as experiências educacionais realizadas durante todo o ano de 2011, com duas classes do 4º ano do ensino fundamental, pertencentes à rede pública do município de Santos e as inúmeras possibilidades educacionais que foram construídas e desconstruídas em torno da cultura material a partir das temáticas: Patrimônio, Arqueologia e Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos, sítio arqueológico quinhentista, marco do processo de ocupação portuguesa em terras brasileiras.

## **ST 06 – Construções plurais da história**

*Segunda-feira, 16 de julho, 18h30 às 20h30*

*Local: Sala Ilana Blaj*

Mediação: Orange Matos Feitosa (USP)

## A REPÚBLICA NO AMAZONAS: FACÇÕES E TRAIÇÕES

Orange Matos Feitosa (USP)

O estudo sobre o regime republicano que emergiu de um golpe desfechado por uma parte dos militares do exército manteve-se, na historiografia tradicional amazonense, intocado ou disseminado como um período turbulento, composto por embates políticos e sociais violentos, desenvolvidos na capital da República, restando às demais Províncias senão a paz reinante como resposta ao eco da provável consolidação do recém-nascido regime, apenas conflitos de pequeno porte, que não careciam de estudo ou, quando muito, valiam um breve registro histórico. A Produção histórica amazonense que tratou do período apresentou as disputas político-partidárias em Manaus nos anos iniciais da República, que foram acirradas e mesmo violentas, com uma frase ali, um parágrafo aqui, oscilando entre a mera seqüência de eventos desconexa da intrincada rede da história republicana no Brasil ou determinada por sua implantação, variando na exposição de acordo com o ponto de vista que se queria defender, sem desenvolver a formação, as articulações, as desarticulações e o acirramento das tensões que foram formando-se de maneira a desembocarem em conspirações e lutas armadas. As ações dos atores políticos envolvidos nas revoltas militares no Amazonas foram reduzidas em parte desses trabalhos como atos de bravura e de patriotismo e em outra parte sequer foram mencionados deixando de lado os acontecimentos que antecederam esses conluios como quase irrelevantes ou desconectados da História Republicana.

## O CAMPO DO TRIGO DE PONTA GROSSA: NOVE DÉCADAS

DE UMA HISTÓRIA AINDA NÃO ESCRITA

Marco Antonio Stancik (UEPG)

O município de Ponta Grossa/PR abriga duas das mais antigas instituições de pesquisa agropecuária criadas no país pelo Governo Federal, por intermédio do Ministério da Agricultura. Ambas permanecem em atividade e, desde 1978, estão subordinadas ao Instituto Agrônomo do Paraná. Uma delas, a Fazenda-Modelo, completou 100 anos de atividades em 2012. A outra, conhecida popularmente como Campo do Trigo de Ponta Grossa, foi criada em 1921. Constatou-se que, embora tenham se constituído em espaços conhecidos e reconhecidos pela população local, durante as primeiras décadas de funcionamento, ambas as unidades perderam tais características ao final do século XX, quando poucos habitantes se revelam capazes de indicar suas funções e, menos ainda, o que ali já foi realizado. Um dos diagnósticos que se pode fazer a respeito se refere ao descaso com a memória e a história daquelas unidades, cujo foco esteve sempre dirigido exclusivamente à pesquisa agropecuária. Diante de tal constatação, tendo por ponto de partida

pesquisa e análise de documentos escritos e fotográficos associados ao Campo do Trigo, foi produzido um painel permanente, cuja proposta é registrar e divulgar momentos da trajetória da unidade e algumas de suas contribuições à agropecuária. O painel, recentemente instalado na sua sede administrativa, é composto por 23 imagens fotográficas, acompanhadas de legendas e breves parágrafos, com design visual simples, porém atrativo. Sua proposta é colocar o observador em contato com aspectos não apenas da história da unidade, mas também da pesquisa agropecuária desenvolvida no país, a partir da década de 1920, inicialmente por intermédio da atração exercida pelas imagens, passando, em um segundo momento, à leitura. Diante da receptividade do trabalho, estuda-se no momento a possibilidade de realização de painel similar relativo à centenária Fazenda-Modelo, além de outras iniciativas destinadas ao estudo e divulgação da história da pesquisa agropecuária realizada em ambas as unidades.

## **PACO SANCHES: ARMAS, PODER E MEMÓRIA. A**

CONSTRUÇÃO PÚBLICA DA MEMÓRIA DE UM ADEPTO DO PARTIDO  
REPUBLICANO GAÚCHO ABANDONADO POR SEUS CORONÉIS

Itamar Ferretto Comarú (SMED, Caxias do Sul/RS)

O espaço social não é neutro, mas sim um território onde se manifestam/representam zonas de conflitos, geralmente por poder ou pelas representações desse poder, o que acaba por selecionar memórias, criar identidades, impetrar costumes locais ou regionais. Paco Sanches é um personagem histórico, um fato histórico, que representa o poder, os imaginários e a cultura de parte da região nordeste do Rio Grande do Sul entre o fim do século XIX e início do século XX, cuja violência não deve ser desconsiderada, por significativa dos caminhos políticos e sociais de então. Esse artigo problematiza as questões de história e memória tendo como objeto o indivíduo Paco Sanches. Analisa-se a construção de sua imagem pública por meio de fontes orais e textuais, dando destaque para os periódicos do período que lhe tornam conhecido em todo o Estado do Rio Grande do Sul, por meio de acalorados debates ideológicos. Destaca-se a censura pública lançada sobre sua história após ser assassinado a mando de políticos da região em um potente contexto sociopolítico. Utiliza-se a história cultural e a análise de conteúdo, destacando a complexidade referente às construções de memória em torno de sua imagem. Os resultados preliminares demonstram uma pluralidade de memórias fragmentadas, mediadas culturalmente e ideologicamente.

## **A CIDADE (RE)INVENTADA: DISCURSOS SENSÍVEIS SOBRE**

## A MODERNIZAÇÃO DE CUIABÁ NO PERÍODO PÓS-DIVISÃO DO ESTADO DE MATO GROSSO (1977-2009)

Nathália da Costa Amedi (SECUC-MT/PPGHIS-UFMT)

A presente pesquisa tem como tema os discursos sensíveis construídos sobre a modernização da cidade de Cuiabá, capital de Mato Grosso, no contexto da pós-divisão do Estado em 1977, pelos diferentes espaços de formação de opinião pública: governo, imprensa, academia e associações representativas. Definimos como recorte temporal o período que se estende entre 1977 e 2009. A análise é balizada em três datas específicas: 1977 – com o anúncio da criação do Estado de Mato Grosso do Sul a partir do desmembramento do Estado de Mato Grosso, definida como capital a cidade de Campo Grande, por meio do decreto de Lei Complementar nº 31, de 11 de outubro de 1977, assinado pelo Presidente Ernesto Geisel; 1979 – com a instalação definitiva do Estado de Mato Grosso do Sul, em 1º de janeiro de 1979 e; o ano de 2009 – com a cidade de Cuiabá escolhida para sediar a Copa de 2014, representante do bioma do Pantanal, depois de uma acirrada disputa com Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul, traduzidas em articulações políticas na esfera federal, campanhas publicitárias e ataques na imprensa e eventos de apoio às candidaturas. A temática dos discursos sensíveis sobre a modernização da cidade de Cuiabá, no período pós-divisão (1977-2009) será desenvolvida com base na análise das seguintes fontes documentais: 1) jornais, informativos e revistas comemorativas; 2) relatórios de governo (Estado e município); 3) publicações oficiais (livros e catálogos); 4) livros e memórias; e 5) documentários, entrevistas e depoimentos. Neste sentido, esta pesquisa se propõe problematizar os significados da ideia de modernização, progresso e desenvolvimento presente nos discursos que produziram as narrativas da história de Cuiabá nos últimos trinta anos, evidenciando como a cidade tem sido reinventada e vivida por seus habitantes.

## PILHAGENS, ASSASSINATOS E ROUBOS AO LONGO DO RIO TOCANTINS

Melo, Rita Guimarães (UFTO)

A proposta deste projeto de pesquisa é analisar diferentes aspectos da violência ao longo do rio Tocantins, utilizando como fontes processos criminais. A partir dos autos crimes pretendemos distinguir os aspectos dos conflitos que resultaram em morte; das motivações que levaram homens e mulheres de diferentes condições sociais a cometer crimes, que resultaram em denúncia e julgamento entre os anos de 1870 e 1930. O recorte temporal advém do interesse histórico e da experiência de pesquisa adquirida ao longo da minha formação e, do fato de a documentação encontrada, se referir exatamente ao mesmo período. A historiografia sobre a região norte de Goiás construiu uma cronologia histórica a partir da qual se estabeleceu marcos: o início e o fim do período aurífero. O

apogeu aurífero se dá entre os anos de 1725-1753 quando a província alcançou importância econômica para a metrópole, e a exploração do ouro fez crescer a população, caracterizada por “aventureiros” vindos de vários lugares do país. O período em que houve a diminuição repentina das jazidas é interpretado como de “decadência”, pois a província e seus arraiais prósperos mergulharam num longo período de isolamento e retrocesso econômico e cultural. A decadência - os anos de 1753 a 1777 – teria provocado “uma defasagem sócio-cultural”, que pesou sobre a província por mais de século e ainda hoje justifica o descompasso entre o norte de Goiás e as demais regiões do país. Esta mesma historiografia nos remete para a idéia de “transição”, de um período de “ouro” e de “alto teor comercial” para “uma economia agrária, fechada, de subsistência, produzindo apenas algum excedente para aquisição de gêneros essenciais, como sal e ferramentas. Assim, o esforço que temos despendido é no sentido de reunir documentos espalhados pelo estado para constituir arquivos históricos.

## MEMÓRIAS EM NARRATIVAS DESENHAM A AVENIDA SENHOR DOS PASSOS EM FEIRA DE SANTANA, BAHIA

Livia Dias de Azevedo (UEFS); Sidney Oliveira (ENEB)

O presente texto pretende elaborar uma narrativa interdisciplinar entre a história e o desenho sobre a Avenida Senhor dos Passos, localizada no centro da cidade de Feira de Santana no estado da Bahia. Assim, o desenho aparece enquanto linguagem e, nesse sentido, comunica, esclarece, esconde, enfim compartilha informações, sentimentos, provoca sensações perceptivas diversas. Nos apropriamos como fundamentação teórico-metodológica das ideias de pesquisadores como Aldo José Morais Silva (2000), Henri Bergson (2006), Merleau-Ponty e memorialistas feirenses, tais quais: Osca Damião Almeida (2006), João Falcão (1993), Godofredo Filho (2004), Ana Angélica Vergne de Morais (2004), dentre outros. Como métodos de procedimentos utilizou-se de pesquisa documental, baseada principalmente, em jornais de época. Assim como, entrevistas com ex-moradores/as da Avenida Senhor dos Passos e um intenso trabalho de campo caminhando e registrando aspectos da paisagem urbana. Imprescindível também foi o uso das fontes imagéticas, sobretudo as fotografias e desenhos. É preciso informar ao leitor, ainda, que o desenvolvimento da narrativa se realiza a partir de dois principais eixos: o desenho e a memória. possível perceber que o desenho e a memória definem, localizam, (re)velam tempo, espaço, histórias e uma multiplicidade de experiências perceptivas, no caso em voga, da avenida Senhor dos Passos. É preciso considerar, ainda, que as memórias se apresentaram dentro de um ponto de vista que implica circunscrevê-las em contextos sócio-políticos-econômicos, ora locais, ora estaduais, ou ainda, nacionais.

## **ST 07 – Arquivos para o público**

*Terça-feira, 17 de julho, 14h às 16h*

*Local: Sala Caio Prado Jr.*

Mediação: Lidiane Soares Rodrigues (Fecap)

### ARQUIVOS PESSOAIS E HISTÓRIA: DIVULGAÇÃO E POSSIBILIDADES

José Francisco Guelfi Campos (USP)

O interesse dos historiadores por documentos de caráter privado, dentre os quais se destacam os chamados arquivos pessoais, já não é novidade. Suas características peculiares vêm também motivando intenso debate entre os teóricos da Arquivologia, área com a qual os historiadores deveriam manter contato mais estreito, de modo a melhor compreender, e de forma matizada, a natureza das fontes que utilizam. Partindo de experiência concreta de pesquisa – a organização e descrição do arquivo de uma professora de educação infantil que está sob a custódia do Centro de Memória da Educação (USP) –, pretendo compartilhar algumas considerações acerca das características da documentação acumulada por pessoas e de seu potencial para a pesquisa em História, dando especial atenção às formas como fontes congêneres vêm sendo divulgadas em meios de ampla circulação, como a Internet, tornando pública a matéria-prima do historiador. Das novas estratégias de divulgação e comunicação exercidas pelas instituições arquivísticas, cada vez mais empenhadas em disponibilizar bases de dados, instrumentos de pesquisa e seus próprios acervos digitalizados, decorrem implicações teóricas e metodológicas que influem nas práticas arquivística e historiográfica. Sem a pretensão de esgotá-lo, minha intenção é contribuir para o debate acerca de tais impactos, trazendo à luz alguns questionamentos a respeito das possibilidades de redefinição das relações estabelecidas entre o grande público e os produtos do trabalho de arquivistas e historiadores.

### A DIMENSÃO PÚBLICA DE UM ARQUIVO PESSOAL:

EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA

Lidiane Soares Rodrigues (Fecap)

Nesta apresentação, procura-se expor o rendimento substantivo do Arquivo Eurípedes Simões de Paula, localizado no Centro de Apoio à Pesquisa em História - Sérgio Buarque de Holanda, para a pesquisa de doutorado realizada. Trata-se de apreender a dimensão pública da documentação pessoal

do professor Eurípedes Simões de Paula, reunida ao longo de décadas, na qualidade de jurista, historiador, professor do Departamento de História, vice-reitor da Universidade de São Paulo, diretor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e da Revista de História.

## A INTEGRAÇÃO DO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO POR MEIO DOS ARQUIVOS: A PARCERIA UFRN - ARQUIDIOCESE DE NATAL

Margarida Maria Dias de Oliveira (PPGH-PUC-SP)

A Diocese de Natal completou em 2009, 100 anos. Em 2006, quando se aproximava essa efeméride, o Departamento de História da UFRN foi procurado por um representante da Arquidiocese para se iniciar um projeto com fins a organização do acervo documental acumulado. Desde então, após proceder o Diagnóstico do arquivo permanente, tem-se efetivado uma parceria para organização do acervo e articulação dessa atividade com as atividades fins da Universidade: ensino, pesquisa e extensão. Desta forma, os alunos da disciplina Arquivística do Curso de História têm observado e experienciado atividades de organização do acervo e refletido sobre as várias problemáticas que envolvem essa execução; articulando assim teoria e prática, além disso, projetos de pesquisa foram viabilizados a partir do conhecimento, catalogação e acessibilidade desse conjunto documental. Por sua vez, a Arquidiocese tem – junto com os professores e alunos – investido na discussão sobre gestão documental, centros de documentação e formação em serviço dos seus funcionários sobre essa temática. É sobre essa experiência que pretendemos comunicar nesse evento.

## CONSTRUÇÃO DE INSTRUMENTOS DE PESQUISA DO ARQUIVO CENTRAL E HISTÓRICO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA: DIFUSÃO DA HISTÓRIA, SALVAGUARDA DA MEMÓRIA

Patrícia Vargas Lopes de Araujo (UFV); Eduardo Luiz dos Santos (UFV)

O objetivo dessa comunicação é apresentar o processo de construção de um guia geral de pesquisa para o acervo documental do Arquivo Central e Histórico da Universidade Federal de Viçosa (UFV), buscando-se não apenas descrever o acervo documental desse Arquivo, mas discutir a metodologia usada na construção de tais instrumentos a partir da teoria e da literatura arquivística, sobretudo da Norma Brasileira de Descrição Arquivística – NOBRADE, refletindo sobre a capacidade desses instrumentos de pesquisa potencializar, através do acesso às informações, o desenvolvimento de pesquisas diversas e a difusão da memória, por meio do conhecimento público da documentação

sob guarda do Arquivo, não só para os pesquisadores especializados, mas para o público em geral. O acervo documental do Arquivo Central e Histórico da UFV é constituído de relatórios, atas, periódicos, jornais e revistas, fotografias, cadernos de anotações de aula e variados procedimentos administrativos que revelam o cotidiano dessa instituição no decorrer de 85 anos de história. O Arquivo Central e Histórico da UFV, ligado ao Departamento de História, é composto por três grandes fundos principais: o Fundo ESAV (Escola Superior de Agricultura e Veterinária) que compreende o período de 1926 a 1948; o fundo UREMG (Universidade Rural do Estado de Minas Gerais), de 1948 a 1969 e o fundo UFV (Universidade Federal de Viçosa), de 1969 até os dias atuais. Tais fundos são determinados principalmente pelas mudanças cronológicas e estruturais pelas quais passou a universidade ao longo de sua trajetória. Além desses fundos, o acervo dispõe de mais dois fundos/coleção, que são a coleção de jornais recebidos pela instituição a partir da década de 30 e o acervo fotográfico com mais de 8.000 fotografias, que revelam a memória institucional e sua relação com a comunidade local desde as primeiras décadas do século XX, quando de sua fundação.

## O IHGSE COMO MANTENEDOR DO PATRIMÔNIO DOCUMENTAL

### E DA MEMÓRIA: 100 ANOS DE ATUAÇÃO

Lorena de Oliveira Souza Campello (USP)

Em 100 anos de existência, o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE) buscou verificar, coligar, arquivar e publicar os documentos, memórias e crônicas relativas às datas históricas, à distribuição geográfica e ao folclore relativos ao Estado de Sergipe. Assim sendo, desde 1913, o IHGSE vem prestando importantes serviços à sociedade e continua sendo uma das principais instituições culturais e de pesquisa em Sergipe. Trata-se de uma associação civil sem fins lucrativos que manteve estreita relação com a esfera pública desde a sua criação. O trabalho proposto tem como objetivo traçar o caminhar dessa instituição em busca da preservação e divulgação da documentação histórica ligada ao Estado de Sergipe, bem como apontar as relações que manteve para garantir sua sobrevivência e ampliar sua atuação na esfera cultural e intelectual do Estado. Percorrendo os 41 números da Revista do IHGSE, tivemos acesso a textos produzidos por seus sócios, discursos proferidos (em especial, os de despedida e posse da presidência), Atas de sessões dos consórcios e relatórios anuais de seus presidentes (as). Seus conteúdos nos deram notícia sobre o caminhar administrativo da instituição, as dificuldades enfrentadas pelos que fizeram a “Casa de Sergipe”, suas ações e sua sobrevivência. Através desses conteúdos, pudemos percorrer as mudanças e permanências administrativas do IHGSE.



## **ST 08 – Reflexões sobre a história pública**

*Terça-feira, 17 de julho, 14h às 16h*

*Local: Sala Nelson Werneck Sodré*

Mediação: Viviane Venancio Moreira (USP)

USANDO O CONHECIMENTO HISTÓRICO PARA ALÉM DA

ACADEMIA: ALGUMAS EXPERIÊNCIAS CARIOCAS

Monique Sochaczewski Goldfeld (CPDOC-FGV)

Muitas são as formas possíveis do trabalho em História Pública. Há a possibilidade de atuação por parte do historiador em exposições em museus, documentários para TV e afins, projetos de preservação histórica, “re-tradução” de conhecimento histórico tradicional, projetos ligados à turismo e à área editorial, entre outros tantos exemplos. O intuito desta comunicação é justamente compartilhar minha experiência profissional no Rio de Janeiro ao longo da última década em especial atuando com os últimos dois tipos de trabalho, bem como discutindo em sala de aula esta possível - e válida - área de atuação para jovens formandos. Pretende-se ainda compartilhar algumas técnicas e conhecimentos que julgo serem específicos de projetos de História Pública no Brasil, como a necessidade de se dominar leis de incentivo, a especificidade de questões de direitos autorais, etc.

### **DIMENSÕES PÚBLICAS DOS DIÁLOGOS ENTRE DIREITO E HISTÓRIA: DIFICULDADES E POTENCIALIDADES**

Mariana de Moraes Silveira (UFMG)

Apresentamos reflexões sobre as possíveis dimensões públicas dos contatos entre juristas e historiadores. Buscaremos enfatizar as tensões, incompreensões e dificuldades que marcam o diálogo entre essas duas disciplinas, para, a partir desses problemas, vislumbrar algumas de suas potencialidades. Inicialmente, procuraremos analisar o modo como a história é comumente enxergada entre os juristas, em especial por aqueles que se propõem a elaborar trabalhos de “história do direito” – que, não raro, adotam uma perspectiva próxima da tão combatida “história dos grandes homens”. Em seguida, teceremos considerações acerca da resistência dos “historiadores de ofício” em abordar temas ligados ao universo jurídico. Não casualmente, esse desinteresse começa a se diluir, com um volume crescente de estudos que ou se utilizam de fontes ligadas ao direito, ou se dedicam a temáticas propriamente jurídicas, na década de 1980, momento em que, na historiografia, debate-se o chamado “retorno do político” e em que, no cenário brasileiro, a elaboração de uma nova Constituição traz o direito para o centro dos embates públicos. Ao mesmo tempo, observou-se nos últimos anos

o desenvolvimento de uma preocupação teórico-metodológica mais refinada entre os juristas que se interessam pela história. Embora tensões permaneçam, ambos os movimentos vêm contribuindo para um diálogo mais fecundo entre os dois grupos profissionais. A partir dessa aproximação, procuraremos refletir sobre algumas questões recentes em que a difícil tarefa de empreender um trânsito entre direito e história se expressa em termos práticos e ultrapassa os muros da academia, como as discussões em torno da preservação de documentos processuais, a fundação de diversos centros de memória ligados ao Judiciário e, de maneira mais premente, as disputas em torno da Lei de Anistia.

## O PAPEL DO INTELLECTUAL: DIÁLOGOS E DUELOS

Sharon Varjão Will (UFF)

Neste trabalho, buscamos analisar o papel do intelectual e seus diferentes sentidos, a partir da reflexão deste conceito polissêmico no âmbito da filosofia política e das ciências sociais. Para isso selecionamos três intelectuais que, em momentos e contextos históricos diferentes, pensaram esta questão, a partir de seu lugar na academia e de sua intervenção prática no cenário político da sociedade de sua época: Jean Paul Sartre, Michel Foucault e Florestan Fernandes.

## PENSAR E ESCREVER A HISTÓRIA PÚBLICA A PARTIR DE MICHEL DE CERTEAU

João Rodolfo Munhoz Ohara (UEL)

Para Michel de Certeau, escrever a história se trata, entre outras coisas, de construir uma efígie: a narrativa seria uma presença que evoca a ausência, neste caso, a ausência do passado. Compreendemos, aqui, que a partir dessa perspectiva, toda história é, em última instância, história pública; trata-se sempre de tornar legível para o presente aquilo que se foi, e que só podemos acessar coletando, recortando e deslocando seus vestígios. Este trabalho busca explorar essa hipótese a fim de refletir sobre as novas possibilidades de escrita da história disponíveis em nosso tempo e do impacto da ampliação de suportes materiais no processo de pesquisa e, finalmente, de redação da narrativa historiográfica. Se a “Operação Historiográfica” analisada minuciosamente por Certeau lidava com a atmosfera intelectual altamente institucionalizada e livresca da França do século XX, é preciso hoje pensar (1) a produção sobre história realizada por profissionais de outras áreas, (2) as novas maneiras de escrever a história, dos textos digitais aos flertes com o cinema ou o teatro e, finalmente, (3) a recepção e o impacto social do discurso historiográfico em nosso período midiático. Esses três fatores devem ser levados em conta se se quer refletir epistemologicamente e historicamente sobre o estatuto da história como discurso de saber. Assim, a partir da leitura de Michel de Certeau, pretendemos tratar desses problemas que se impõem ao historiador contemporâneo.

LEOPOLD VON RANKE ALÉM DA UNIVERSIDADE: PESQUISA  
ACADEMICA E PÚBLICO LEITOR DE HISTÓRIA

Viviane Venancio Moreira (USP)

A comunicação explora um aspecto ainda pouco considerado na produção do historiador prussiano oitocentista Leopold von Ranke (1795-1886): a conjugação do desenvolvimento de pesquisa histórica sofisticada com sua divulgação para o público mais amplo interessado em História. Na história da historiografia, o nome de Ranke é comumente relacionado ao mundo acadêmico regido por parâmetros herméticos de erudição e regras próprias de discurso. No entanto, fica cada vez mais evidente que sua produção tinha pretensões mais amplas, o que era impulsionado pela compreensão da historiografia como patrimônio cultural. Atenção especial será dada às traduções inglesas da rankeana, onde o caráter mais público fica evidente. Como fundamentação, devem ser consideradas as reflexões de Ranke dos modos de comunicar a pesquisa de forma clara e compromissada, sem perder qualidade narrativa ou explicativa. Isso resultou no desenvolvimento estilístico que uniu técnicas do romance histórico com sólida pesquisa documental. Tais aspectos indicam que a preocupação com a comunicabilidade da historiografia para além da universidade acompanhou o próprio processo de formação da disciplina, ainda que seja preciso pensar qual era esse público leitor de história no século XIX e quais suas expectativas em relação a tal conhecimento. É também interessante pensar na críticas recebidas por Ranke ao adotar tal perspectiva (e que parecem bastante contemporâneas), principalmente as que apontavam suposta falta de seriedade acadêmica e oportunismo com olho no mercado editorial e na fama.

O PAPEL PÚBLICO DOS ESTUDOS HISTÓRICOS: UMA POLEMICA

Ulisses do Valle (UFTO)

Desde que Nietzsche problematizou a utilidade da história para a vida, os historiadores e a teoria da história têm que constantemente dar as razões de ser de sua atividade. Nas últimas décadas, o clássico problema nietzschiano da utilidade e da desvantagem da história para vida tomou uma forma mais particular: trata-se agora de uma discussão sobre o papel público da história como disciplina. Este tema se desenrola com especial proficuidade numa polêmica encerrada entre Hayden White e Dirk Moses. A partir da polêmica considerada, quer se propor uma direção a esse debate que não remete a nenhum desses autores diretamente, mas a outro: Max Weber. A hipótese básica deste trabalho é que na obra de Weber estão difusos alguns insights particularmente relevantes a uma justificação do valor público dos estudos históricos. No momento crítico em que a história como disciplina corre o risco de caracterizar-se tão somente como um meio intelectual justificador de ideologias particulares, é urgente a discussão sobre o papel público que os estudos históricos assumem, especialmente quando vinculados a acontecimentos traumáticos. Em que medida poderia a história como disciplina ultrapassar os paradigmas de uma história cientificista e anti-utópica por um lado, de uma história antiquarista e factual, por outro, sem decair no paradigma da história mestra da vida?

## **ST 09 – A história pública e a política**

*Terça-feira, 17 de julho, 14h às 16h*

*Local: Sala Ilana Blaj*

Mediação: Juniele Rabêlo de Almeida (UFF)

### **A HISTORIOGRAFIA CATALANISTA E SEUS REPASSES INSTITUCIONAIS: UM ESTUDO DE CASO SOBRE REVISIONISMO E MEMÓRIA HISTÓRICA**

Rogério Ribeiro Tostes (Universitat de Lleida)

Por mais destacável que tenha se tornado, a visibilidade que hoje é dada aos discursos de construção de memória e identidade ainda não fez exaurir seu potencial reflexivo. Os movimentos políticos e sociais que modulam as preferências do estilo historiográfico de um determinado contexto especificam as chaves de interpretação das tradições intelectuais, e traz aí o elemento crítico do debate revisionista. Na leitura proposta por este título revisita-se a questão –tão difundida quanto problemática– das linhagens historiográficas catalãs dos últimos cinquenta anos. Desembaraçado-o de seu estandarte político, é possível ver uma produção intelectual que fez de seus engajamentos ideológicos o material de elaboração histórica. A predominância da historiografia institucional catalã, aliada a amplitude que afeta o interlocutor não-especializado, demonstra as chaves dessa memória social e seu poder de contágio público. Para tanto, possui um repertório prolífico: cujo marco é dado pela idealização das próprias feridas sociais, das derrotas e rupturas enraizadas na narrativa histórica; este mesmo elemento move um sentimento comum, a lembrar a nostalgia da comunidade imaginada, que foi compartilhado pelos historiadores catalães do período franquista. Jaume Vicens Vives (1910-1960), um dos raros nomes poupados do exílio desde o regime, foi influente entre as gerações que ajudou a formar, instigando nelas a apologética de uma Catalunha livre – “el poble català” diz ele “en general, era lliure i constituïa una característica organització democràtica”. Por obra sua fundou-se o Centro de Estudios de Historia Internacional, além de veículos editoriais como as revistas *Índice Histórico Español* e *Estudios de Historia Moderna*. A herança de nomes como esse é sensível ainda hoje. A partir dela as matrizes interpretativas buscam ajustar contas e fazer reparos sobre uma perspectiva excessiva, ao mesmo tempo que lidar com os novos acirramentos identitários impulsionados desde a redemocratização pós-1970. Entra em cena uma profunda rearticulação dos estilos historiográficos, agindo num conjunto as premissas de validação heurística e a crítica acerca da

construção do passado, sobejamente vívida para a memória institucional que ajudou a forjar entre os catalães.

“MAJOR, VIEMOS PAGAR O ALUGUEL”: UM NÚCLEO HABITACIONAL  
COMO CASO DE HOMENAGEM E AUTO-HOMENAGEM DO  
REGIME MILITAR A PARTIR DE DIÁRIOS DE 1967 E DE 2010  
- A OPINIÃO PÚBLICA DE 25 ANOS DE DEMOCRACIA

OLIVEIRA, Thiago Augusto Divardim de (UFPR); DEMENECK, Ben-Hur  
(UFSC)

Esse trabalho analisa um caso de homenagem e auto-homenagem promovidas pelo regime militar (1964/1985) a partir do que se publicou em dois diários de circulação regional. Em observação, um núcleo habitacional de cerca de 1.000 casas inauguradas em 31 de Março de 1967, em cidade do interior do Paraná (Ponta Grossa). A mídia impressa dessa época serviu desde para a fabricação de um “herói local” quanto para criar espírito propício à apologia do regime a ponto dele se auto-referenciar. Parte comunicação livre, parte testemunho, este artigo reconstitui o período e o retoma 44 anos depois, quando contesta a permanência de um símbolo autoritário durante vigência democrática. O legado do regime de exceção transparece em narrativas e informações evocadas para explicar o período, em 2010, um pedido para aceitar a identidade e a memória como imutáveis porque não questionam abusos de outros tempos. Embasando o texto, de um lado há referências sobre cultura e consciência histórica e a temporalidade do presente (RÜSEN, 1992, 2001, 2007), de outro, a descrição de um quadro ilustrativo da opinião pública em um país cuja política foi interrompida pela deflagração de golpes de estado.

ATORES DA CULTURA POLÍTICA DA  
LATINOAMERICANIDAD - UM ESTUDO COMPARATIVO  
ENTRE JOSÉ MARTÍ E OSWALD DE ANDRADE

Fernanda Oliveira Filgueiras Santos (Prolam-USP)

A presente pesquisa se propõe a interpretar os discursos de José Martí e Oswald de Andrade enquanto propostas alternativas contra-hegemônicas. Não se trata apenas de independência no caso da cultura, e sim de um fazer próprio, local, com nova vertente autóctone, não copiativa. Ou seja, não mais para agradar europeus, como também não mais colonizada, mas orgulhosa do fazer cultural dos trópicos e dos Andes, dos maias, astecas e incas para Martí e dos tupis para Oswald. Neste estudo é fundamental a análise dos manifestos Nuestra América e Antropófago, nos quais se encontram as ideias principais do projeto de José

Martí e Oswald de Andrade respectivamente. A pesquisa dará conta, também, das insurgências que se dão no plano das guerras e movimentos de independência e das que se dão nos planos da arte e cultura. Por exemplo, como os mexicanos Frida Khalo (1907-1954) que procurou na sua arte afirmar a identidade nacional mexicana e com Diego Rivera (1886-1957) que, junto com David Siqueiros e Clemente Orozco, representou a vanguarda intelectual mexicana, voltada para o nacionalismo. A partir desses movimentos por uma maturação de culturas na América Latina, na busca de uma criatividade própria, podemos destacar ainda Simón Bolívar, José Carlos Mariátegui e Fernando Ortiz.

ORALIDADE, MEMÓRIA E HISTÓRIA PÚBLICA: REFLEXÕES A PARTIR  
DA AÇÃO COLETIVA DE POLICIAIS MILITARES GREVISTAS

Juniele Rabelo de Almeida (UFF)

Esta apresentação propõe reflexões sobre “oralidade, memória e história pública” a partir do estudo da ação coletiva de policiais militares grevistas que participaram do ciclo de movimentos reivindicatórios ocorridos em 1997. Narrativas políticas, resultantes do trabalho de história oral com PMs brasileiros, revelaram o diálogo entre as memórias regionais e uma cultura policial militar nacionalmente constituída. Quatorze estados integraram o ciclo nacional de protestos: Alagoas, Bahia, Ceará, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Sul; e, sem movimento organizado, São Paulo e Rio de Janeiro. Questões para o estudo da história dos movimentos sociais e da segurança pública foram problematizadas na análise do repertório da ação coletiva policial militar: o início do ciclo de protestos; conflitos armados e ameaças; acampamentos e negociações; manifestações disciplinadas; articulações políticas à margem do ciclo de protestos. A crise policial militar brasileira representou conjuntura em que elementos próprios da corporação se desgastaram, mas não o suficiente para minar as bases institucionais. O trabalho indica possíveis conexões entre uma cultura policial militar, expressa pelos pilares militarizantes referentes a valores e normas institucionais, e preceitos relacionados ao processo de democratização que se passa nas sociedades contemporâneas. A pesquisa, sobre a história da ação coletiva de policiais militares grevistas, encontrou o seu lócus ‘público’ para além da divulgação de um conhecimento organizado e sistematizado pela ciência. Buscou-se, por meio das discussões sobre história pública, organizar e mediar conhecimentos locais: construção de acervos sobre as greves de 1997 nas Associações de policiais militares dos quatorze estados pesquisados.

TRÂNSITOS INTELECTUAIS EM REVISTA: UMA LEITURA DOS PROJETOS  
EDITORIAIS DE PUNTO DE VISTA E REVISTA DE CRÍTICA CULTURAL

Silvia Cáceres (UFRJ)

Os últimos trinta anos vividos pelos espaços públicos e políticos no cone sul da América do Sul são um período marcado por largas transformações sociais e históricas, que indicam a existência de uma profunda mudança epocal. Este largo trânsito, que aqui chamaremos de transição pós-ditatorial já que marcado fundamentalmente pelo desmonte das últimas ditadoras civil-militares da região, é um trânsito que se organiza sob o signo do trauma ditatorial. Assim, a mudança profunda da hegemonia social e política vivida nos últimos trinta anos coexiste com a dinâmica de eterno retorno de vivências e choques reprimidos pelo trauma ditatorial. Pensemos no exemplo da intelectualidade auto identificada como de esquerda. Se, no período anterior e durante as ditaduras, a despeito de suas diferenças internas, tal intelectualidade parecia ter para si um lugar social, um papel público a representar, hoje, tais sinalizações desvanecem pelo sem sentido das tópicas da esquerda dos anos setenta sobrepostas ao cotidiano de nossas sociedades de cultura midiática e de consumo. Como reorganizar a pauta pública de tal intelectualidade sem parodiar as posturas intelectuais vividas antes e durante as ditaduras, ou sem rechaça-las como mero arcaísmo de um tempo sentido como o radicalmente outro de nosso contemporâneo? Gostaríamos de encaminhar tais perguntas através da análise de dois importantes periódicos editados no cone sul : Punto de Vista, editado na Argentina por Beatriz Sarlo de 1979 a 2008 e Revista de Crítica Cultural, editado no Chile por Nelly Richard de 1990 a 2008. É nossa tese de que tais periódicos tentaram organizar uma plataforma de debates mobilizando intelectuais críticos com vistas à compreensão dos largos trânsitos vividos e dos trânsitos necessários para que uma pauta de debates públicos pudesse imprimir sentido a estas sociedades eclipsadas pelo trauma.

## **ST 10 – O turismo e os espaços da história**

*Terça-feira, 17 de julho, 18h30 às 20h30*

*Local: Sala Caio Prado Jr.*

Mediação: Bruno Sanches Mariante da Silva (Unesp Assis)

EXPERIÊNCIA URBANA, FOTOGRAFIA E TURISMO: AS POSSIBILIDADES DE  
DESCOBERTA E INVENÇÃO NAS LENTES DO FOTÓGRAFO-VISITANTE

Amanda Danelli Costa (UERJ)

Nosso objetivo com a presente comunicação é refletir acerca das possibilidades em torno da educação do olhar na relação com o desenvolvimento de uma consciência histórica a partir das atividades relacionadas ao Turismo Cultural e ao Turismo de Experiência. Para o visitante que chega à cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, a melhor forma de investir na cidade é flunar por ela, como sugeriu João do Rio, um dos principais cronistas do início do século XX. A polifonia cultural que se percebe, seja ela a expressão de conceitos ou produtos, compõe a alma das ruas da cidade, compõe, portanto, a alma da própria cidade. As diferentes sociabilidades e relações de negociação, que surgiram a partir dessa heterogeneidade, expõem as tensões presentes na cidade, mas também revelam os seus mistérios e “jeitinhos” específicos. Assim, aquele que buscar uma experiência urbana autêntica na cidade do Rio de Janeiro a encontrará nas suas ruas, entre a gente da cidade. A partir disso, pretendemos investigar a possibilidade de sensibilizar o olhar daquele que descobre para que através da fotografia ele possa se encontrar com a alma da cidade. O visitante, carioca ou não, que se colocar na posição de observador e que buscar uma relação de invenção e de descoberta do espaço que o circunda não se envolverá com a fotografia exclusivamente como um espelho do real porque isso limita a tensão entre a força da subjetividade do fotógrafo e a força da alma da cidade. Neste caso nos parece que seria fundamental incentivar o uso da fotografia não como um registro objetivo do que se viu, mas como a construção subjetiva daquilo que o fotógrafo-visitante se permitiu descobrir ou até mesmo inventar na sua relação com a cidade visitada.

O NOVO PANORAMA DA HISTÓRIA DE SALESÓPOLIS  
(SP), ROTA DÓRIA E TURISMO

Alexandre da Silva (Comissão Histórico Cultural de Salesópolis)

A Rota Dória era uma antiga rota comercial, que funcionou durante o período imperial (a partir de meados dos anos de 1850), e pela qual, entre outros produtos, era comercializado o precioso sal e africanos escravizados, escassa mão de obra na Capitania de São Paulo, que crescia com a produção do café no Vale do Paraíba Paulista. A rota ligava a localidade de São Sebastião, litoral norte de São Paulo, ao Planalto, à Salesópolis, então Capella de São Jozé do Parahytinga, sobre uma antiga Estrada, construída pelo Padre Manoel de Faria Dória em 1832. Ela era utilizada por tropeiros, que oriundos de diversas partes de Serra Acima, chegavam à São Sebastião, que tinha em seu porto, importante posto de troca de mercadorias. Hoje essa Rota configura-se num roteiro turístico



que trabalha com o segmento étnico, além de um perfil histórico-cultural, num processo de reflexão e identidade junto a um período da história que por muito tempo se quis esquecido.

## PATRIMÔNIO E ARTE

Hallan Lopes (ETEC São Sebastião)

O projeto é desenvolvido pelos alunos do 3º módulo do curso técnico em turismo receptivo da ETC de São Sebastião e tem como objetivo divulgar os bens e produções culturais do município através da pesquisa histórica, construção e apresentação de maquetes em escalas exatas e padronizadas do centro histórico de São Sebastião, maquete esta que os alunos utilizarão posteriormente para desenvolver atividades de guiamento turístico, além de uma exposição de fotografias, contos e causos do município.

## DO REMO À PESCA: O PRESCRITO E O IMPREVISTO NA CONSTITUIÇÃO DA LAGOA DA PAMPULHA COMO UM ESPAÇO DE LAZER MODERNO EM BELO HORIZONTE (1942 A 1968)

Juliana de Alencar Viana (CEMIE/SEEJ; ORICOLE/POLIS/CELAR/UFGM;  
Prefeitura Municipal de Contagem)

Este trabalho tem como objetivo apontar vestígios para a compreensão da Lagoa da Pampulha como um espaço de lazer moderno em Belo Horizonte (1942 a 1968). O período é marcado pela inauguração do complexo arquitetônico da Pampulha (Cassino, Casa do Baile, Iate Golfe, Capela de São Francisco de Assis) considerado símbolo de progresso e modernidade na capital. Garimpendo entre legislações, relatórios de prefeitos, a literatura de Pedro Nava e dialogando com estudos históricos e de memória da cidade, encontramos práticas culturais em torno da lagoa que estavam entre o prescrito e o imprevisito, que deixaram rastros de uma pedagogia do corpo na constituição desse espaço de lazer moderno na capital mineira. Da pesca ao remo, a Lagoa foi palco de apropriações culturais por parte de diferentes grupos sociais, mesmo que planejada como bairro mais encantador da capital, provido de uma série de atrações turísticas (Cassino, Casa do Baile) e de aperfeiçoamento do físico (Yatch Clube de Minas Gerais) como os exercícios ao ar livre, de remo e vela para a mocidade, cuja finalidade era o aperfeiçoamento da raça e a cultura física. A educação integral do homem pelo físico perfeito era reflexo do espírito bem ajustado, afastando a mocidade dos desvios (botequins e casas de jogo) e contribuindo ao trabalho patriótico. A Pampulha também serviria ao recreio e ao descanso, para recompor as energias do trabalhador, com a consequente liberação de pesca aos domingos. Embora a construção da Lagoa tenha se originado pela solução do problema

de infraestrutura de escassez da água, sua instalação serviu para trazer novos ares urbanos às antigas fazendas e arraiais – mesmo com tensões – que logo cederam lugar às ruas pavimentadas, construção de largas avenidas, linhas de bondes, projeto de iluminação pública e, de forma mais específica, ao surgimento dos esportes náuticos e a exploração de embarcações, até quando fica expressamente proibido o uso de suas águas, em 1968. É esta a história que queremos contar.

## A HISTÓRIA NA RUA: UMA ANÁLISE DA NOMENCLATURA DOS LOGRADOUROS PÚBLICOS EM LONDRINA –PR

Bruno Sanches Mariante da Silva (Unesp Assis)

A nossa comunicação centra-se na análise da nomenclatura de logradouros públicos em Londrina, cidade jovem do setentrião paranaense. A cidade conta atualmente com mais de 4.000 ruas, praças e avenidas e para cada logradouro é escolhido um nome. Por meio de tais escolhas são rendidas homenagens à natureza, aos países, estados e cidades. Mas há aquelas ruas, praças e avenidas que são dotadas de nomes que evocam personagens da história local, nacional ou mundial, homenageando suas vidas e obras. Desse modo partimos do pressuposto que ao se nomear ruas e praças de uma cidade está se dotando de significação aquele elemento urbano, ao passo que, celebra-se, concomitantemente, o acontecimento ou personagem ali representado. São manifestações da história levada a um grande público, pois os logradouros são ambientes de passagem, mas são também, lugares de passeio, morada ou trabalho. A história e a memória estão gravadas nesses elementos, lembrando que o que sobrevive de nossas sociedades ao teste do tempo é sempre fruto de escolhas e que os monumentos são construídos para legarem alguma imagem da sociedade para as gerações futuras, são imbuídos da missão de transmitir um discurso. Desse modo a celebração da memória passa, então, a ser alvo de disputas simbólicas, pois, assenhorear-se da memória é tomar para si um poder simbólico, por tal razão, a nomenclatura das ruas está sujeita a dinâmica da memória e sendo passível a mudanças conforme o imaginário e as transformações ocorridas na sociedade, como o exemplo da França pós-revolução. O discurso histórico seja pela historiografia, seja pela narrativa da memória ou pela nomenclatura das ruas está sujeito às condições de produção (lugar, prática e narrativa).

## **ST 11 – História e linguagens**

*Terça-feira, 17 de julho, 18h30 às 20h30*

*Local: Sala Nelson Werneck Sodré*

Mediação: Tercia de Tasso Moreira Pitta (UNIP)

### **DEBRETIANDO HÉLIO SANTOS: UM DIÁLOGO COM IMAGENS**

Tercia de Tasso Moreira Pitta (UNIP)

O trabalho tem como objetivo dialogar com o texto de Hélio Santos, do livro: “A BUSCA DE UM CAMINHO PARA O BRASIL: A trilha do círculo vicioso”, em 2001 e as imagens de Debret e seus contemporâneos da Missão Artística Francesa, cem anos antes. Aproximação das duas áreas de pesquisas - obra escrita e obra ilustrada realizadas em cem anos de diferença contam a história da escravidão e ambos relatam a história não contada na escola de Ensino Básico. Portanto, a fundamentação teórica gira em torno do autor Hélio Santos, Debret e o contexto histórico da Missão Artística Francesa.

### **LÉVI-STRAUSS: A RELAÇÃO ENTRE MITO E MUSICA NAS MITOLÓGICAS**

Betania Maria Franklin de Melo (UFRN) ; Alexsandro Galeno de Araujo Dantas (UFRN)

Este estudo é baseado na obra, Mitológicas de Claude Lévi-Strauss, que é uma gigantesca obra em tetralogia repleta de narrativas míticas dos ameríndios, do sul e do norte. As linguagens, mito e música aparecem relacionadas segundo o autor e a compreensão dos mitos ocorre de maneira similar com a partitura orquestral. Formas de composição como Tema e variações, sonata, fuga, sinfonia, cantata e outras estruturas demarcam os capítulos. Assim, o trabalho procura investigar na grandeza do estudo antropológico realizado no decorrer de vinte anos, a análise mito e música diante dos termos em oposição, em contrastes ou em simetria, presentes na escrita. Na imensidão dos temas se encontra a família, o casamento, a iniciação dos rapazes e das moças, os rituais, a caça, a agricultura, as origens e tantos outros, como assassinato, incesto, cura. Temas não tão distantes dos fatos reais da sociedade. As formas: tema e variações, sonata e fuga, e os compositores indicados como: Bach, no código, Beethoven, na mensagem e Wagner nos mitos, são destacados. A ópera, O anel dos Nibelungos, de Wagner, dialoga com as temáticas das narrativas dos mitos. Como uma linguagem da cultura de tradição temas como: incesto, violência,

assassinato, regras de condutas sociais podem fazer dialogar com a música? Este desafio foi deixado por Lévi-Strauss.

## CRIMES, CELAS E ELAS: QUANDO A PESQUISA HISTÓRICA VAI AO TEATRO

Camila Diane Silva (UFSC)

Esta comunicação tem o propósito de apresentar resultados alcançados em pesquisas na área da história que serviram de fontes para a elaboração de uma peça teatral na cidade de Joinville/SC. Durante minha graduação em História na Universidade da Região de Joinville – Univille, desenvolvi dois projetos de Iniciação Científica intitulados: “Crimes, celas e elas: memórias de mulheres sobre a condição de cárcere” (2008) e “Narrativas de Mulheres Egressas do sistema carcerário na cidade de Joinville” (2009). Estes que serviram de embasamento para minha atual pesquisa de Mestrado em História Cultural na Universidade Federal de Santa Catarina. Os resultados alcançados na pesquisa possibilitaram a divulgação em eventos científicos e a publicação de artigos, porém algo disponível e que gerava interesse apenas aos pares participantes dos eventos. Neste momento, houve o contato com um grupo de teatro da cidade, a “CiA VAI!”, que se interessou em utilizar as fontes da pesquisa – como as entrevistas orais, as anotações de campo e análises realizadas – afim de propor uma dramaturgia que pudesse levar os resultados a outros públicos. Desta forma, constituiu-se uma parceria que resultou na peça de teatro “©elas”, aprovada pelo Sistema Municipal de Desenvolvimento pela Cultura - Simdec da Fundação Cultural de Joinville, possibilitando apresentações para o público da cidade, bem como a apresentação na “Ala” feminina do “Presídio Regional de Joinville”. Portanto, esta comunicação tem a finalidade de expor alguns resultados de quando a pesquisa histórica vai ao teatro.

## OS INTELECTUAIS E A NOVA ATENAS: UM

ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES NAS OBRAS DOS LITERATOS  
MARANHENSES NO INÍCIO DA PRIMEIRA REPÚBLICA

Patricia Raquel Lobato Durans (UFMA)

Analisa-se as representações formuladas pela literatura neo-ateniense acerca de sua condição intelectual por meio da obra *Vencidos e Degenerados* (1915), de Nascimento Moraes. Promove-se um debate com a historiografia tradicional acerca dos discursos cristalizados em relação à literatura neo-ateniense e a literatura maranhense em geral, discutindo acerca dos conceitos de geração, ciclo, grupo, que categorizam a literatura produzida durante este período, levando em consideração o relacionamento obra, autor, contexto de produção, intencionalidade, efeitos, temáticas e aspectos estético-literários, a fim de

confrontar as visões de mundo sugeridas pela obra elencada e refletir sobre os sentimentos, impressões e angústias desses literatos em relação à sociedade que representam e que fazem parte. Sendo assim, estudar o discurso construído por meio de obras literárias por um conjunto de intelectuais maranhenses que estabeleceram na época da Primeira República, chamados de novos atenienses, torna-se objeto possível a ser estudado por meio da História Cultural, uma vez que esta nos permite pensar o pensado, o experimentado, o vívido, o imaginado, por meio da noção de representação. Trata-se de uma pesquisa histórica de cunho bibliográfico. A pesquisa desenvolvida em dois momentos básicos: a primeira etapa consiste em mapear os estudos a respeito do período em questão, assim como da obra a ser analisada, tentando mostrar as interpretações feitas acerca dos assim chamados ciclos literários maranhenses, sendo destacado o ciclo dos novos atenienses. Em seguida, parte-se para o levantamento da trajetória intelectual do autor citado, atrelado a leitura da obra, procedendo-se a sua análise literária e histórica e crítica. Nessa fase, será investigado contexto político-cultural da obra, assim como do seu autor, tentando pensar o contexto de produção, as ideologias, temáticas, orientações filosóficas e políticas presentes nessa produção intelectual, influências, intencionalidade e imagens criadas por esta, para isso, a análise do discurso será usada.

## EURÍCO, O PRESBÍTERO E O HISTORICISMO ROMÂNTICO

Leonardo de Atayde Pereira (USP)

Alexandre Herculano foi um intelectual de interesses variados e que soube captar toda a efervescência histórica europeia do século XIX, como a expansão do movimento liberal e do pensamento romântico. Sua produção, formada por trabalhos de cunho jornalístico, literário e historiográfico, revela uma intensa preocupação com os rumos políticos e culturais de Portugal e traça uma unidade temática que tem o “historicismo romântico” como eixo principal e revelador do ecletismo de idéias presentes no pensamento de Herculano. Tanto o “historicismo romântico”, quanto a constatação de um vasto cabedal de vertentes teóricas, advindas do diálogo com o trabalho e as idéias dos mais diversos autores liberais e românticos da Europa, ajudaram a moldar a visão de mundo de Herculano. Com base nesse inegável conhecimento de Herculano acerca da experiência liberal e romântica europeia, representada na sua forma mais direta através de citações de nomes significativos da intelectualidade da época, como Guizot, Thierry, Herder, Vico, Victor Cousin e Ranke, na sua obra, podemos afirmar que a reflexão histórica assumiu um papel de destaque frente a uma maior compreensão dos problemas políticos, econômicos, sociais e culturais de Portugal. Para Herculano, a pesquisa historiográfica e a leitura de trabalhos de autores europeus que se debruçavam sobre a temática histórica tornou-se uma inesgotável fonte de informações e modelo de várias produções

literárias e historiográficas, em destaque para a obra História de Portugal. Pensando nessa unidade temática, no ecletismo de ideias e na presença condicionante do “historicismo romântico” da obra de Herculano, há como situar o autor dentro de um contexto intelectual liberal e romântico, e identificar, dentro das possibilidades de um artigo, as possíveis linhas teóricas, filosóficas e historiográficas, presentes no romance histórico Eurico, o presbítero, de 1843, tomando como referências o seu famoso escrito “Cartas sobre a História de Portugal”, de 1842, e a introdução da História de Portugal, de 1846.

## **ST 12 – Processos educativos e história**

*Terça-feira, 17 de julho, 18h30 às 20h30*

*Local: Sala Ilana Blaj*

Mediação: Eduardo Fiorussi (UFSCar)

### **MEMORIAL DO PNLD: PARA QUE(M) SE AVALIA?**

Almir Félix Batista de Oliveira (UFRN)

O presente trabalho tem por objetivo apresentar o processo de constituição do Memorial do Programa Nacional do Livro Didático – PNLD, sediado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. O Memorial do PNLD tem como acervo os livros didáticos (de Ciências, Geografia, História, Língua Portuguesa e Matemática) avaliados pelo Programa desde o ano de 1997 até o presente momento. Além dos livros, o acervo é constituído pelos editais que iniciam o processo de avaliação, fichas de avaliação, pareceres e guias. Com esse acervo estamos desenvolvendo pesquisas sobre livros didáticos de História e induzindo pesquisas interdisciplinares, bem como ações que buscam problematizar as relações do profissional docente com esse objeto cultural e dos vários sujeitos que lidam com ele. Essas ações buscam, principalmente, refletir sobre formas de divulgação do conhecimento produzido na academia e analisar as funções que a sociedade tem lhe atribuído.

### **QUE HISTÓRIAS CONTAM OS OBJETOS QUE**

**HABITAM AS CASAS DE PROFESSORES**

Henrique Lima Assis (Unicamp)

Este artigo apresenta reflexões iniciais do projeto de pesquisa vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação da

Universidade Estadual de Campinas/Unicamp, sob a orientação da Profa. Dra. Ana Angélica Albano, junto ao LABORARTE - Laboratório de Estudos sobre Arte, Corpo e Educação, cujo foco consiste em conhecer que histórias contam os objetos que habitam as casas de professores. Assim, caminhar tranquilamente pelas casas dos professores de artes visuais, atento aos objetos e, sobretudo às histórias que eles narram, não será uma tarefa simples, pois exige permissão, necessita que portas, janelas e caixas sejam abertas. Aconselha, ainda, muita delicadeza de nossa parte, sendo que “a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa permite sonhar em paz ” e, se cada história “é um ensejo de uma nova história, que desencadeia uma outra, que traz uma quarta ”, quiçá, nessa teia de sentidos e significados, eu não encontre a minha. Desse modo, o ponto de partida será o registro fotográfico de interiores das casas, especialmente dos objetos de adorno e/ou de estima, seguido de uma seleção daqueles que nos chamam mais a atenção, ou que foram apresentados pelos professores com uma ênfase particular. Estes objetos selecionados serão o foco de entrevistas não diretivas, com o objetivo de pesquisar as memórias que suscitam. Serão histórias relacionadas a experiências afetivas, aos processos de formação identitárias, de formação estética? Habitam a casa por necessidade ou estão ali por acaso?

#### INDÍCIOS DE EDUCAÇÃO DO CORPO NOS ESPAÇOS DE DIVERTIMENTO DE BELO HORIZONTE: NOTAS A PARTIR DA IMPRENSA (1900 - 1930)

Cristiane Oliveira Pisani Martini (Centro Universitário de Sete Lagoas)

Este texto busca identificar e compreender a constituição dos espaços urbanos de divertimento na cidade de Belo Horizonte a partir dos impressos circulantes na cidade, no período entre 1900 e 1930. Tendo como fonte de pesquisa as revistas e os jornais do período, propusemo-nos a investigar os espaços reservados às práticas de divertimento na capital mineira, além das prescrições e subversões constantemente publicadas nos impressos. Com o propósito de identificar os indícios de educação do corpo e do comportamento em Belo Horizonte, uma cidade planejada para representar a moderna República, buscamos entender as redes de sociabilidade estabelecidas entre os envolvidos com as diferentes práticas de divertimento. Procuramos, ainda, identificar o surgimento e a permanência desses espaços públicos e privados reconhecendo suas contribuições para a constituição de uma cultura urbana moderna desejada. Partimos da investigação do cenário cultural, político, econômico e social do local escolhido para a instalação da nova capital de Minas Gerais – Curral Del’Rei - a fim de identificar permanências e mudanças no planejamento, organização e na edificação dos novos espaços que se constituíam. Propomos trabalhar no âmbito da História Cultural, ampliando as noções de tempo,

espaço e de compreensão do objeto, estabelecendo um diálogo com as fontes que se articule com os conceitos de representação, imaginário e sensibilidade.

## RODA DE CHORO: PROCESSOS EDUCATIVOS NA CONVIVÊNCIA ENTRE MÚSICOS

Eduardo Fiorussi (UFSCar)

Este trabalho apresenta parte da pesquisa de mestrado, cujos objetivos são descrever e compreender processos educativos decorrentes da interação entre músicos de duas rodas de choro. Baseado nas experiências do pesquisador, oriundos da convivência com músicos e outros amigos em práticas sociais/musicais e ambientes de educação musical, e nos estudos realizados na linha de pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos (PPGE-UFSCar), é apresentada discussão apoiada em referencial teórico que envolve, principalmente, Paulo Freire (1992, 2005, 2007), Enrique Dussel (1991, 2001, 2005), Ernani Maria Fiori (1986) e Jorge Larosa Bondía (2002). Realizada com dois grupos que fazem rodas de choro, um de São Paulo e outro de Campinas, tem-se como inspiração a pesquisa etnográfica, utilizando de procedimentos metodológicos da observação participante, uma vez que o pesquisador é músico e participa das práticas sociais referidas. Roda de choro é uma manifestação musical, coletiva, onde as pessoas se encontram para tocar músicas do repertório popular brasileiro. Nela ocorrem dialogicamente trocas de experiências, de olhares, de gestos, enfim de aprendizagens. Considerando a roda de choro como uma prática social, o olhar na pesquisa está voltado para os processos educativos que nela ocorrem, e em como eles contribuem para a formação dos indivíduos enquanto seres no mundo com os outros. Sendo o choro uma das culturas populares brasileiras, originada em práticas musicais realizada por negros entre o fim do século XIX e início do século XX, compreendo a roda de choro como um espaço de lazer, de vivências culturais/musicais, de resistência, de conscientização e libertação cultural, conceitos estes apoiados em algumas idéias centrais dos autores citados acima.

## A IDADE MÉDIA EM SALA DE AULA

Edlene Oliveira Silva (UnB)

A utilização de sites voltados para formação de professores da educação básica vem ganhando espaço na academia. Num mundo da tecnologia, a internet é uma forma de comunicação e divulgação democrática e que atinge um número enorme de pessoas. Além de se constituir numa maneira eficaz de divulgar projetos, possibilitando a interatividade e a troca de experiências entre a escola e a universidade, permitindo a construção de novos saberes. Em busca de contribuir para o ensino de História e especificamente o ensino de Idade Média



na escola, o site “A Idade Média em Sala de Aula” é um projeto amplo que reúne publicações (artigos, livros, teses, etc), documentos escritos e imagéticos, entrevistas, roteiros de estudo e de aulas, e ainda um canal no youtube com vídeos produzidos pelos bolsistas do projeto sobre linguagem do cinema, História do cinema e análises de filmes objetivando para auxiliar o professor a trabalhar com cinema em sala de aula. Dessa forma, o site constitui-se num instrumento de formação docente, bem como num repositório de pesquisa, informação e divulgação do ensino de História. Hoje, o uso da internet na Educação deve ser capaz de gerar reflexão, análise, depuração dos procedimentos utilizados pelo professor, inclusive e, principalmente, para o desenvolvimento de novas práticas pedagógicas.

## **ST 13 – História em movimento**

*Quarta-feira, 18 de julho, 14h às 16h*

*Local: Sala Caio Prado Jr.*

Mediação: Clarissa Kogik Gottfried (UFPR)

### A REPRESENTAÇÃO DE HENRIQUE VIII NA SÉRIE “THE TUDORS”

Clarissa Kogik Gottfried (UFPR)

A vida de Henrique VIII, rei da Inglaterra, foi de fato muito polêmica. Em se tratando de fatos políticos, podemos observar as várias intrigas com a França em busca por hegemonia mundial, por exemplo. Porém, o que muitas vezes se chama atenção no governo dele é o fato do rei, em busca de herdeiros legítimos, ter derrubado os princípios católicos daquele país e instaurado o anglicanismo, para poder se casar com mais de uma esposa na tentativa de ser gerado um herdeiro ao seu trono. Assim, muitos filmes, livros e seriados foram elaborados com base nestes aspectos pessoais do rei, como o filme “A outra” (The other Boleyn Girl – 2008, Justin Chadwick) e a série “The Tudors”, sem que fossem levados em consideração os aspectos sociais e políticos que estas ações da vida privada do rei influenciavam politicamente a Inglaterra como um todo. Nesta apresentação, abordarei apenas a série televisiva citada, analisando suas principais características, em especial da primeira temporada, realizada no ano de 2007 pela Showtime, bem como, realizarei uma breve análise crítica, observando o seriado em seu tempo e em seu espaço, e as relações que ele estabelece ou não com o período histórico citado, tentando realizar abordar a publicidade que se dá à vida deste rei nesta série.

## UM FILME FALADO, UMA JORNADA PELA HISTÓRIA DO MEDITERRÂNEO

Ximena Isabel León Contrera (USP)

Abordo aqui aspectos da dissertação de mestrado em história social que analisa a película *Um Filme Falado* (2003), de Manoel de Oliveira, que narra e discute uma história do Mediterrâneo, de forma eurocêntrica, orientalista. Discute o papel de Portugal na construção da Europa. Incorpora elementos historiográficos como os lugares de memória, mitos, escatologia, decadência. Uma aula de história fortemente marcada pelo positivismo e historicismo.

## PESQUISA HISTÓRICA PARA CINEMA: POSSIBILIDADES

Vitória Azevedo da Fonseca (Secretaria de Estado de Educação)

Os filmes com temáticas históricas são meios que contribuem para a construção da “cultura histórica” de um povo. No Brasil esses filmes ocupam um espaço significativo na filmografia de vários cineastas. Alguns deles dedicaram grande parte dos seus filmes refletindo sobre o passado brasileiro, como é o caso de Silvio Tendler, Sylvio Back, Sérgio Rezende, dentre muitos outros. Os filmes com temáticas históricas são ficções com características diferenciadas que, no seu processo de produção, contam com uma etapa bastante relevante que é a da pesquisa histórica. A partir de uma pesquisa de doutorado foi possível analisar o papel ocupado por essa pesquisa em três produções cinematográficas brasileiras e demonstrar a estreita relação entre os procedimentos de pesquisa empreendidos e a abordagem histórica construída no filme. Além disso, foi possível refletir sobre como essas abordagens podem ser analisadas como construções historiográficas cujo diferencial em relação às pesquisas acadêmicas é o suporte ou o resultado final. Nessa comunicação pretendo apresentar o resultado dessa pesquisa de doutorado, defendida na Universidade Federal Fluminense, em 2008, e refletir sobre a importância dos procedimentos da pesquisa histórica na elaboração das abordagens cinematográficas.

## O CINEMA COMO UM OPERADOR COGNITIVO

Bruno Sérgio Franklin de Farias Gomes (UFRN)

“O cinema como um operador cognitivo” expõe em forma de ensaio a Comunicação como área de conhecimento e discute bases fenomenológicas da produção de significado utilitário sobre o mundo. Desta perspectiva, apresentamos uma reflexão tendo como referência o filme *Quem quer ser um milionário?* (*Slumdog Millionaire?*) do diretor Danny Boyle como um acionador para produção de conhecimento. A experiência vivida pelo personagem

principal do longo Jamal Malik serve de apoio para seu sucesso num programa televisivo cujos desafios consegue vencer um a um e tornar-se um milionário. O filme e por consequência a trajetória do personagem central é o operador capaz de demonstrar a estratégia de que o conhecimento experimental pode ser transformado em conhecimento pertinente. A partir e várias observações, demonstrarmos uma cartografia das respostas de Jamal no programa televisivo como mecanismos chave de sua racionalidade, astúcia, aposta, sensibilidade e jogo. Tal aposta serve de base para oferecer o argumento central de que só existe conhecimento por meio da experiência vivida. Desta perspectiva o uso do cinema nas Ciências Humanas é na Educação em particular, é mais que um artifício ilustrativo. O cinema passa a ser defendido do ponto de vista das ciências da complexidade. O texto é parte de uma dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

## O INDECENTE ESPELHO: O CINEMA PORNOGRÁFICO COMO FONTE DE CONTRA-ANÁLISES SOCIAIS

Ébano Nunes de Góis Vieira Santana (UESC)

O presente trabalho apresenta o cinema pornográfico como plausível fonte de análise sobre diversos aspectos da sociedade. Para tal hipótese, foi estudada a produção da década de 1970, apogeu do pornô e princípio de inúmeras discussões relevantes sobre o gênero. Inicialmente, surge a problemática da realização de uma análise social a partir do cinema como um todo. Tendo como referência o historiador francês Marc Ferro (1924), é justificada a pertinência das obras cinematográficas para o ofício do historiador. Em seguida, a discussão acerca dessa capacidade de refletir aspectos humanos que tem o cinema é levada para o específico gênero do pornô. Para melhor explicar as dificuldades do cinema pornográfico em ser considerado como fonte plausível, são apontados diversos fatores sociais e culturais que criam obstáculos para essa categoria cinematográfica. Em seguida, é apresentada, de maneira sintética, a trajetória do cinema do obsceno na década de 1970. Visto que o cinema pornô (e a pornografia de uma maneira geral) ainda existe à margem do cinema dito convencional, pode-se deduzir que raros são aqueles que conhecem, mesmo que minimamente, seu percurso na História. Pontuando o caminho traçado pelo pornô no período proposto no presente trabalho, é intencionada uma compreensão acerca de seu potencial analítico.

## **ST 14 – História nas fronteiras**

*Quarta-feira, 18 de julho, 14h às 16h*

*Local: Sala Nelson Werneck Sodré*

Mediação: Lilian Starobinas (Escola Vera Cruz)

### **EXPERIMENTANDO A HISTÓRIA PÚBLICA**

Marilene Rosa Nogueira da Silva (UERJ); Ana Lúcia Vieira (UERJ)

O Laboratório de Estudos das Diferenças e Desigualdades Sociais criado em abril de 2001, está vinculado ao Curso de História da UERJ. Possui caráter interinstitucional e interdisciplinar, voltado para a pesquisa das diferenciações sociais. Exercitamos o diálogo constante entre vários especialistas na construção dos objetos e no trato conceitual, ao longo dos tempos históricos e das hierarquias sociais temporal e espacialmente diferenciadas. Problematicarmos as características individuais utilizadas para a construção das diferenciações sociais, destacamos os traços diacríticos das hierarquizações sociais tais como: classe e status, de ocupação no mercado de trabalho, de gênero, de geração, as étnicas e a raciais, assim como as lingüísticas, as regionais e nacionais, entre outras, que não apenas distinguem, mas hierarquizam, subordinam, opõem e excluem pessoas, conformando suas atitudes e direcionando suas vidas. Entendemos que as taxonomias não são neutras, encontrando-se na relação saber poder em suas decorrentes construções de subjetividades. Um experimento, eticamente voltado ao respeito às diferenças, contanto que isso não implique a eliminação do direito à igualdade, ou seja, a prerrogativa das pessoas serem tratadas como iguais em todas as esferas institucionais que afetam suas oportunidades de vida, influenciando no acesso aos bens e aos serviços sociais. O LEDDES possui uma preocupação axiológica com a justiça social quando a questão da igualdade, mais que uma constatação de sua possibilidade na realidade vivida e estudada por nós, constitui um princípio pelo qual lutamos. Portanto, a plataforma ética sobre a qual nossas pesquisas e a nossa intervenção social assenta-se é a da luta pelos direitos humanos. Assim, propomos um trabalho historiográfico em constante diálogo com a diversificada agenda de movimentos e grupos que compõem a sociedade, estabelecendo um diálogo com outros saberes, acadêmicos ou não. Esta inquietação nos aproxima da noção de História Pública.

**PARA ALÉM DA MEDIAÇÃO: INTERFACES ENTRE  
EDUCAÇÃO E CURADORIA EM MUSEUS DE HISTÓRIA**

Denise Cristina Carminatti Peixoto Abeleira (MP-USP); Ludmila Dias de Paula Lemos (MP-USP); Carolina Gomes Meneses Sevilha Castro (MP-USP)

Integrado à Universidade de São Paulo desde 1963, o Museu Paulista está intimamente comprometido com as três diretrizes universitárias – pesquisa, ensino e extensão – atuando na produção e difusão de conhecimento histórico, do qual suas exposições são a principal via de divulgação. Nesse sentido, a ação educativa do Museu estabelece um canal de comunicação direta com o público, através de estratégias de mediação que fornecem chaves de acesso à apropriação física e conceitual do acervo, catalisando sua percepção. Em posição privilegiada no processo de apreensão das propostas curatoriais pelo público, e sensibilizado quanto aos caminhos que a perpassam, o educador se torna um valioso aliado na montagem de exposições. Sua participação traz à luz anseios e dificuldades experimentados pelo visitante, contribuindo para que o novo módulo expositivo atenda ao máximo suas necessidades - aliadas às dos curadores -, e aproxime-o do conhecimento histórico produzido pela pesquisa acadêmica e veiculado pelo Museu. Transitando entre essas duas frações do eixo curatorial, o educador pode atuar como ponte entre elas, conciliando-as. Como estudo de caso, será discutido o envolvimento do Serviço Educativo na montagem da exposição “O Morar Paulistano”, com inauguração prevista para 2013; e as atividades por ele desenvolvidas em articulação à curadoria e à museografia. Dentre elas, citamos: a elaboração e aplicação de diversas pesquisas avaliativas, dando voz ao visitante sobre suas expectativas, mapeando a recepção e a assimilação da nova proposta; e a produção de núcleos de diálogo multissensoriais que potencializem a experiência museal, compartilhada por diversos públicos.

## NOVOS APONTAMENTOS PARA O FINGIR HISTORIOGRÁFICO:

OS ATOS DE FINGIR NO TEXTO HISTÓRICO

Warley Alves Gomes (UFMG)

Nesta apresentação procuro continuar uma discussão que venho fazendo sobre a relação entre a ficção e a história. Trata-se de uma análise que se inclui dentro das novas tendências teóricas de pensar os pontos em comum e as divergências entre estes dois tipos de discurso. Particularmente neste trabalho, procuro pensar a presença dos “atos de fingir”, anteriormente trabalhados por Wolfgang Iser e Luiz Costa Lima na teoria do ficcional, no texto historiográfico.

## O ESTUDO DE HISTÓRIA EM TEMPOS DE ABUNDÂNCIA DE

FONTES DIGITAIS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Lilian Starobinas (Escola Vera Cruz)

O crescimento da disponibilidade, em meio digital, de acervos documentais variados, coloca a nós, educadores, diante de questões importantes no que diz respeito à metodologia de trabalho com o uso dessas fontes. Desde o surgimento da internet, era grande a expectativa de facilitar o acesso a documentos, jornais, imagens e áudios pertencentes aos acervos de instituições públicas, garantindo a oportunidade de contato com esses recursos a um público muito mais amplo que aquele que poderia dirigir-se pessoalmente às instalações de cada instituição. À medida que amplia-se a quantidade de documentos disponíveis para acesso via internet, o foco de atenção dos professores deve voltar-se para a reflexão sobre as estratégias de inserção desses materiais em atividades que promovam o estudo de diferentes situações históricas. O exercício de pesquisa, seleção, leitura e reinserção desses materiais em novos produtos culturais, frutos do processo de aprendizagem vivenciado por professores e alunos, entretanto, demanda um fazer profissional apurado. A proposta desse artigo é discutir questões conceituais que devem estar na base da orientação dessas práticas educacionais, visando favorecer um contato reflexivo e aprofundado com o conhecimento da História. Pretende-se igualmente discutir as perspectivas de estratégias dialógicas de participação do leitor, buscando consolidar, nos marcos educacionais, uma cultura da participação, dando sentido ao potencial tecnológico oferecido pelos recursos digitais. Autores como Carlos Ginzburg, Henry Jenkins, Kazumi Munakata, Rachel Goulart Barreto, Pierre Levy e Roger Chartier são alguns dos nomes de referência para essas reflexões.

## TEOLOGIA E HISTÓRIA: ATUAÇÃO DOS TEÓLOGOS DA LIBERTAÇÃO NA DIVULGAÇÃO DA HISTÓRIA PARA OS EXCLUÍDOS

ALFREDO CÉSAR DA VEIGA (USP)

Destaca a reconstituição histórica e estética do processo da arte político-religiosa no Brasil de 1970 aos dias atuais. O período marca o nascimento, expansão, recuo e sobrevivência da Teologia da Libertação, e junto com o discurso que brota dessa reflexão, nasceu uma produção iconográfica própria e que escapa daqueles modelos consagrados pela teologia tradicional. O negro, o índio, o retirante nordestino, a mulher marginalizada, emprestam seus rostos à Virgem Maria e a Jesus Cristo, a fim de reafirmar o nascimento de um homem novo que surge dos escombros da colonização e da dependência política e econômica que marcaram a América Latina. As figuras, os desenhos, os cartazes, as expressões corporais, se transformaram em documentos que essa teologia produziu ao longo das décadas e que aqui serão abordados.

## **ST 15 – A história visitada**

*Quarta-feira, 18 de julho, 14h às 16h*

*Local: Sala Ilana Blaj*

Mediação: Rosana Leite (Pinacoteca do Estado de São Paulo)

EXPOSIÇÃO, MUSEUS E SEU PÚBLICO: MODOS DE  
REPRESENTAR A HISTÓRIA DA ARTE

Emerson Dionisio Gomes de Oliveira (UnB)

O presente trabalho problematiza o modo como exposições de arte difundem valores de um dado senso comum da História da Arte para um público “ideal”. Para tanto trabalhamos com mostras coletivas realizadas nos últimos doze anos e que objetivaram um discurso expositivo voltada à sínteses da História da Arte, tanto no âmbito das matrizes europeias, quanto no âmbito brasileiro, com ambições nacionais ou regionais. Como elemento adicional à escolha metodológica, adotamos mostras preocupadas com ações de mediação, publicações de divulgação e projetos curatoriais e expográficos autorais desenvolvidos em museus públicos. Neste tocante, problematizamos como toda uma prática expológica representa diferentes versões da História da Arte. Versões amparadas em noções aparentemente contrapontísticas como ruptura e conservação. Noções que funcionam como operadores curatoriais que muitas vezes amparam-se em questões políticas extra-artísticas e projetos identitários específicos. Do mesmo modo, ao questionar a Exposição como processos de difusão da História da Arte, nos empenhamos em compreender projeções discursivas do que venha ser o “público” da arte e os modelos de interação com o mesmo. A exposição, nas últimas décadas, tem operado majoritariamente no sentido de apresentar a um dado público ideias e artistas, por meio de mostras individuais ou coletivas motivadas por afinidade entre aqueles que apresentam suas obras ou patrocinadas pela cunha conceitual de curadores, de educadores ou de gestores. Antes de provocar uma especulação generalista, o presente trabalho procurou indicar, por meio de mostras específicas, como projetos expositivos podem sustentar um convencional estatuto do artístico, que já é questionado há décadas pelas pesquisas especializadas da História da Arte.

ARQUIVOS EM MUSEUS DE ARTE: DESAFIOS PARA A  
IMPLEMENTAÇÃO DE UM MODELO DE TRABALHO

Gustavo Aquino dos Reis (Pinacoteca do Estado de São Paulo); Rosana Leite (Pinacoteca do Estado de São Paulo)

Arquivos, bibliotecas e instituições museológicas, independentemente de suas normas metodológicas, são locais de guarda de uma determinada documentação. Ou seja, eles são, a rigor, responsáveis pela preservação e disseminação das informações contidas nos diferentes conjuntos documentais existentes em seus acervos. Com base nas experiências desses espaços, o Centro de Documentação da Pinacoteca do Estado de São Paulo – local de guarda permanente dos documentos da instituição e de outras coleções e fundos representativos da história das artes visuais brasileiras –, pretende apresentar um estudo específico de caso. Tendo ciência de alguns problemas enfrentados nos processos de descrição de seus arquivos pessoais, o Cedoc, com a ajuda da consultoria prestada pela Prof<sup>a</sup>. Dra. Ana Maria Camargo, iniciou um projeto no intuito de estabelecer uma metodologia que pudesse promover o preenchimento mais adequado das fichas cadastrais no banco de dados, visando criar ferramentas que propiciassem aos pesquisadores melhores resultados das informações busca. O universo de aplicação da metodologia foi direcionado, a priori, para fundo documental da artista Niobe Xandó – doado ao Cedoc recentemente –, por conta da variedade dos tipos documentais que o integram e o seu tamanho (relativamente pequeno se comparado com os outros fundos do acervo). A partir desses documentos, criou-se um vocabulário controlado que, em vista do acréscimo contínuo de novos termos, fosse capaz de atender grande parte das especificidades dos gêneros, suportes, formatos e espécies documentais presentes no arquivo da artista. Embora em estágio inicial, alguns resultados já foram alcançados. Por conta disso, esse trabalho visa à troca de experiências com entidades congêneres; propondo discussões de teor prático e teórico acerca da implementação de uma maneira alternativa e viável de descrição e guarda de arquivos pessoais.

#### A FORMAÇÃO DA COLEÇÃO DE FOTOGRAFIAS OITOCENTISTAS NO ACERVO DO MUSEU MARIANO PROCÓPIO

Rosane Carmanini Ferraz (UFJF/MAPRO)

A pesquisa tem como foco a identificação e análise das redes de sociabilidade construídas pela Família Ferreira Lage – fundadora do Museu Mariano Procópio (MMP)- Juiz de Fora (MG), na figura de Alfredo Ferreira Lage, que contribuíram na formação da coleção de fotografias oitocentistas no acervo deste museu. É fundamental, nesse sentido, compreender como seu deu a formação desta coleção, sua trajetória, apontando os principais doadores, possíveis critérios de organização das imagens em álbuns, os interesses e gostos no que se refere ao colecionismo de fotografias no contexto do século XIX.



Em outras coleções do MMP, a procedência através de aquisição em leilões é bastante comum. Através da análise da documentação iconográfica e da documentação escrita relativa à procedência do acervo, pode-se observar que, na coleção de fotografias oitocentistas, a formação da coleção pode ter acontecido de outras formas: a doação e especialmente o uso das imagens como forma de estreitamento dos laços sociais entre as famílias abastadas no Brasil da segunda metade do século XIX, além da atuação pública dos membros da Família Ferreira Lage. As imagens da Coleção da Família Imperial Brasileira, da Família Ferreira Lage e do Fundo da Viscondessa de Cavalcanti – prima do fundador do MMP, são exemplos das características de formação deste acervo. A pesquisa se insere na perspectiva da história social da fotografia, que tem como principais autores de referência Boris Kossoy, Pedro Vasquez, Ana Maria Mauad e Mariana Muaze. O estudo sobre a coleção de fotografias oitocentistas no acervo do MMP busca contribuir para a compreensão da fotografia oitocentista, do gosto e das características do colecionismo das famílias da elite brasileira do século XIX. Pretende ainda contribuir com os estudos sobre documentação iconográfica no Brasil, além de possibilitar a difusão deste acervo e suscitar novos estudos contemplando essa documentação.

A IMAGEM COMO ESTÍMULO À LEITURA: EXPONDO MACHADO  
DE ASSIS E CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Silvana Jeha

Esta apresentação pretende demonstrar a minha atuação como historiadora em exposições sobre Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade visando o interesse do grande público através de farta iconografia e objetos emblemáticos. A intenção foi contextualizar as obras em seu tempo e estimular a reflexão no espectador sobre a atualidade do que escreveram. Fotos das exposições e reproduções dos documentos e objetos serão apresentadas.

MUSEU EFÊMERO

Lilian Amaral (Unesp)

Museu Efêmero: narrativas artísticas contemporânea e patrimônio. Mobilização de relações entre pessoas e bens culturais. Lilian Amaral. Instituto de Artes / Unesp [Brasil]. [lilianamaral@uol.com.br](mailto:lilianamaral@uol.com.br) Resumo A presente investigação opera com os conceitos de cartografias culturais - sensibilidade e tecnicidade e complementada-se com noções de cartografia social. Propomo-nos a pensar o mundo como um “museu” articulador do passado e do futuro, isto é, da articulação entre memória a experimentação por meio da criatividade social, ação coletiva e práticas artísticas; um museu “explorador” do que no passado há

de vozes excluídas, de alteridade e “resíduos”, de memórias esquecidas. Ao estabelecermos uma aproximação entre museu e cidade, a cartografia social e cultural pode se converter em lugar onde se encontrem e dialoguem as múltiplas narrativas e diversas temporalidades do mundo. Museu Efêmero pretende investigar as memórias e conectar cidades em rede desenvolvendo experimentação em contextos iberoamericanos.

## **ST 16 – Memória e instituições**

*Quarta-feira, 18 de julho, 18h30 às 20h30*

*Local: Sala Caio Prado Jr.*

Mediação: Sérgio Ricardo Retroz (Memória Petrobras)

### ACERVO AO ALCANCE DAS MÃOS: DIFUNDIR PARA RECONSTRUIR

Sérgio Ricardo Retroz (Memória Petrobras)

O Memória Petrobras foi criado em 2004, dando continuidade ao Projeto Memória dos Trabalhadores Petrobras, criado em 2002. Nascido da parceria com o Sindicato dos Petroleiros Unificado de São Paulo, tinha como premissa contar a história da empresa e do país através da narrativa de seus trabalhadores e parceiros, utilizando o apoio da pesquisa documental. Pretendemos colocar em debate os conceitos que nortearam a construção do novo site do Memória Petrobras. O espaço virtual visa reunir e difundir documentos importantes para a história da companhia e do país, além dos registros de história oral produzidos pelo programa. Embora seja um recorte institucional da história, o site garante a pluralidade de leituras por utilizar depoimentos orais e permitir a interatividade com o usuário.

### CHÁS DA MEMÓRIA: REFLEXÕES SOBRE O FAZER HISTÓRICO A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA DO ARQUIVO PÚBLICO DO DF

Cristiane de Assis Portela (Arquivo Público do DF)

O Arquivo Público do Distrito Federal – ArPDF possui um acervo composto por documentos que retratam minuciosamente - por meio de fotografias, filmes e diversificado material textual - a construção de Brasília e as ações administrativas posteriores. Tendo como atribuições recolher, preservar,

pesquisar e dar publicidade a tal documentação, este arquivo público produziu durante grande parte de sua história uma narrativa que enfatizou a história da nova capital a partir da identificação de marcos fundantes e personagens a eles associados. Essa atuação foi relevante para a produção de uma história institucional no DF, entretanto, compreendemos que o momento histórico que hoje vivenciamos – demarcado pela passagem de mais de meio século da capital e de tantas transformações no fazer histórico - exige que novas perspectivas se apresentem. Nesse contexto, a realização de Chás da Memória nas cidades do DF tem conferido uma nova dinâmica à atuação do ArPDF, descentralizando informações históricas e compartilhando acervos públicos e pessoais de forma a visibilizar atores históricos que protagonizaram o surgimento e desenvolvimento dessas comunidades. Realizados em novo formato desde junho de 2011, a experiência dos Chás da Memória demonstrou para nós a possibilidade de desvelar aspectos negligenciados numa narrativa tornada hegemônica. Essas atividades têm o propósito de divulgar o acervo do ArPDF e estabelecer um primeiro contato formal com as comunidades, identificando imagens do arquivo e verificando a existência de acervos pessoais de interesse público. Destacamos como decorrência dos Chás da Memória um evidente estímulo ao sentimento de pertencimento e à apropriação de elementos que evidenciam a atuação dos moradores como sujeitos da história, apresentando novas demandas ao trabalho do ArPDF. O relato de experiência aqui proposto, busca compartilhar os desdobramentos dessa nova perspectiva assumida por esta instituição, sinalizando a necessidade de trazer novas significações à produção de uma história considerada oficial na contemporaneidade.

## CENTRO HISTÓRICO DA SOCIEDADE BENEFICENTE ISRAELITA BRASILEIRA ALBERT EINSTEIN

Naige Naara dos Reis Goncalves (SBIBAE)

O Centro Histórico da Sociedade Beneficente Israelita Brasileira Albert Einstein foi criado em 2002, por iniciativa do presidente, Dr. Claudio Luiz Lottenberg. Naquela ocasião, a Comissão Diretiva do Centro foi formada e é presidida pelo Prof. Dr. Victor Schubsky e integrada pelos membros Prof. Dr. Abraham Pfeferman, Prof. Dr. Eliova Zukerman, Prof. Dr. José Pinus, Prof. Dr. Moris Chansky, Dr. Eduardo Zlotnik, Dr. Guido Faiwichow, Dr. Milton Glezer, Dr. Sidney Klajner, Sra. Paulina R. Lerner e Sr. Paulo Kövesi. Responsável pela análise, classificação e guarda dos documentos de valor histórico da SBIBAE, o Centro Histórico possui acervo formado por mais de 80 mil documentos, entre textos, fotos, filmes e depoimentos e está disponível para pesquisas através do Sistema Acervo, com acesso local. Documentos relacionados à fundação da SBIBAE, em 1955, à construção do Hospital Israelita Albert Einstein, inaugurado em 1971, e seu desenvolvimento e consolidação no decorrer das

décadas de 1980 a 2010, estão acondicionados em ambiente climatizado. Periodicamente, são organizadas exposições históricas abertas ao público nas quais é possível conferir parte desta valiosa documentação que, preservada, serve de matéria-prima a pesquisadores de diversas áreas do conhecimento. Para atendimento, a pesquisa e visita técnica, é necessário agendamento por e-mail ou telefone.

REPENSANDO AS MEMÓRIAS COMO FONTES DE UMA  
HISTÓRIA PÚBLICA – UMA VISÃO SOBRE MEMÓRIAS DO  
MINISTÉRIO PÚBLICO DO RIO GRANDE DO SUL

Marcelo Vianna (PUC-RS)

Muitas instituições de caráter público apresentam – sob forma de uma publicação ou até mesmo projetos e memoriais – a preocupação de contar aos seus pares e ao grande público, sua história institucional. Trata-se de uma forma particular de constituir uma História Pública, produzida para constituir uma identidade de grupo e/ou reafirmar o papel institucional frente à sociedade, mas que (voluntariamente ou não) serve como uma fonte aos historiadores e pesquisadores interessados em constituir uma visão mais crítica sobre a formação desses órgãos. Uma das formas escolhidas pelas instituições está no uso de memórias de seus antigos membros, que corroboram para construir uma visão homogênea e por isso mesmo, um tanto contraditória por obscurecer eventuais conflitos nesses espaços. Intencionamos nos deter no caso das memórias de antigos integrantes do Ministério Público do Rio Grande do Sul dos anos 1940 a 1970 e as primeiras publicações da série “Histórias de Vida do Ministério Público”. Pretendemos discutir as implicações dessas fontes através de exemplos presentes nas memórias: desde aqueles escolhidos para rememorar suas experiências até as formas de como rememoraram suas experiências, pontuando assim um forte embate entre o discurso de unidade do Ministério Público e as ausências e silêncios que o contradizem.

OS MUSEUS DA REGIÃO ADMINISTRATIVA DE RIBEIRÃO  
PRETO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Michelle Cartolano de Castro Silva (Museu da Imagem e do Som “José da Silva Bueno”)

A presente comunicação tem como objetivo relatar a experiência como Representante Regional dos Museus da Região Administrativa de Ribeirão Preto pelo Sistema Estadual de Museus-SP. Num primeiro momento será abordado os objetivos do SISEM e os trabalhos já realizados, para depois ser apresentado um panorama dos museus dessa região, suas potencialidades e

possíveis parcerias entre eles. O modelo de instituir representantes para cada região do Estado de São Paulo foi feito pelo SISEM para auxiliar e dinamizar o diálogo entre os museus e o Sistema Estadual de Museus. Essa otimização acabou gerando mais interatividade entre os museus, democratização das informações e maior participação nos cursos.

## **ST 17 – Olhares para o público**

*Quarta-feira, 18 de julho, 18h30 às 20h30*

*Local: Sala Nelson Werneck Sodré*

Mediação: José Miguel Árias Neto (UEL)

### **CULTURA HISTÓRICA E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL - MEMÓRIAS DO NAZISMO: 70 ANOS DA EXPOSIÇÃO ENTARTETE KUNST**

José Miguel Árias Neto (UEL); Regina Flora Egger Pazzanese (UEL); Gabriela Canale Miola (UEL); Guilherme Baracat (UEL)

Abordar as relações entre cultura histórica e educação patrimonial é um desafio, pois envolve uma gama complexa de questões. Estas dizem respeito à definição de cultura histórica, patrimônio, educação patrimonial. Buscar-se-á aqui, na medida do possível, articular algumas meditações sobre estes temas a partir de experiência realizada no âmbito do Centro de Documentação e Pesquisa Histórica da Universidade Estadual de Londrina, no ano de 2007, intitulada: Memórias do Nazismo: 70 anos da Exposição Entartete Kunst (Arte Degenerada).

### **CONSTRUINDO DIÁLOGOS: EM BUSCA DE CAMINHOS ALTERNATIVOS PARA A HISTÓRIA NA NARRATIVA TELEVISIVA**

Priscila de Oliveira Vaz (UFJF)

A pesquisa que se iniciou e que no presente momento engatinha nos trilhos da História tem por objetivo investigar a influência da televisão para a disseminação da História no meio público, o que engloba enquadrar a História para seus diferentes públicos, estejam estes onde estiverem – na academia, nas escolas primárias ou imersos na sociedade. O que se pretende investigar é como a televisão tem sido uma ferramenta importante para a disseminação da História, levando-se em conta também suas potencialidades positivas e negativas para

tal perspectiva. Mas só a narrativa televisiva em si não torna o tema especial, porém a apropriação da mesma e a criação de novas mentalidades a partir dela sim. O que aqui se propõe é avaliar o grau de absorção dessa narrativa no meio social, buscando averiguar o caráter da suposta manipulação contida nessa mídia, como também os discursos trazidos a partir dessa para o meio social. O estudo engajado das dimensões da narrativa televisiva pode corroborar para a formação de novas visões do panorama dessa mídia para a História Pública nos dias de hoje, levando talvez a uma demonstração de uma sociedade mais ativa e dinâmica em suas relações com o conhecimento histórico. Além do mais, a trajetória deste estudo pode ainda contribuir para uma melhor compreensão da História e de seus objetivos em diferentes espaços sociais.

#### EDITORA UNIVERSITÁRIA: PARA QUAL PÚBLICO?

Jadir Peçanha Rostoldo (Cead/Ifes - ES)

As editoras universitárias estão vinculadas e instaladas no interior das instituições de ensino superior, o que faz com que estejam impregnadas de suas concepções, cultura e opções. A análise dessas editoras indica uma clara opção pela divulgação das produções acadêmicas para o meio acadêmico, sob o manto de “obras relevantes para os estudos universitários” e “trabalhos (...) a contribuir para o enriquecimento do saber humano”, como divulgam a editora da Unicamp e da USP, respectivamente, entre outras. A reflexão proposta objetiva incentivar a discussão sobre o público dessas editoras, ou seja, ele pode ser ampliado? A estrutura e a expertise dessas instituições podem representar um importante aliado na divulgação e propagação da produção histórica nacional, hoje com tão poucas opções. A comunidade externa as instituições de ensino poderia fazer parte do nicho de mercado que pretendem atingir, onde a publicação de textos de considerável consistência histórica teriam uma forma leve, agradável, e em linguagem acessível ao grande público.

#### HISTÓRIA ORAL E CULTURA EDITORIAL

Ricardo Santhiago (USP/Fapesp)

A face essencialmente acadêmica da história oral feita no Brasil não impediu que os intelectuais que utilizam tal método, ou que inserem nesse campo, ficassem fora do mercado editorial brasileiro. Porém, historiadores orais poderiam ocupar melhor o espaço editorial, em duas direções: tanto como uma forma de escoar a produção acadêmica quanto como um âmbito de trabalho específico. Nesta comunicação, integrada a um estudo maior sobre o desenvolvimento da história oral no Brasil, discuto a trajetória e as potencialidades da relação entre história oral e cultura editorial.

## O PÚBLICO DE SUA PRÓPRIA HISTÓRIA

Clarice Trindade Laender (Biografia - O livro da sua vida); Renato Pinto Ribeiro (Biografia - O livro da sua vida)

A Biografia é uma empresa mineira que atua na difusão da história pessoal e familiar como meio de preservação e ampliação da memória. O projeto, que recebeu surpreendente acolhida do mercado e da sociedade, foi idealizado por Renato Ribeiro: “Eu queria transformar a história no que ela sempre foi, mas que estava oculto pela inconsciência, falta de tempo ou de recursos técnicos para lhe render um olhar mais dedicado e afetuoso.” A Biografia conta em seus títulos com histórias de famílias, patriarcas/matriarcas, casais, empresários, instituições, cidades. São projetos sob demanda, em que a pesquisa e o desenvolvimento dos livros têm público definido, determinando uma relação absolutamente subjetiva do leitor com o conteúdo, uma vez que geralmente existe vínculo afetivo com o personagem. Nossa experiência suscita questões instigantes para uma discussão multidisciplinar: O caráter de homenagem do livro histórico e o critério afetivo por trás da seleção do objeto historiado. (seja este uma cidade, uma pessoa, um período histórico, sua escolha demonstra um valor para o autor ou pesquisador); O cultivo dos sentimentos e da penetração psicológica do historiador como elemento de competência de pesquisa; O que é relevante para o público leitor e o que é relevante para o autor num livro autobiográfico? Como ajustar o projeto editorial ao público definido?; Como o relato de fatos revela o teor moral e a atmosfera de uma época; Qual fidelidade deve ser dada ao texto biográfico, uma vez que a história está sendo contada pelo viés de um ser individual e emocional?; O ghost writer nas autobiografias: Como administrar sua identidade? (o fantasma pode aparecer?); “O livro bonito” – a estética como fator de sobrevivência do conteúdo histórico; O objeto livro e seu a institucionalização da história no seio da humanidade - Quem tem coragem de rasgar um livro? Ninguém.

## **ST 18 – A educação, sua história e seus agentes**

*Quarta-feira, 18 de julho, 18h30 às 20h30*

*Local: Sala Ilana Blaj*

Mediação: Tamires Farias de Paiva (UERJ)

HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DA EDUCAÇÃO NA AMAZÔNIA ATRAVÉS  
DE FOTOGRAFIAS: ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO

Leticia Souto Pantoja (UFPA); Rosana Daher dos Reis Daher (UFPA); Marielza  
Ferreira Gonçalves (UFPA)

Como parte das ações do projeto extensionista “Histórias e memórias de escolarização na região dos Caetés-Pará-Brasil”, desenvolvido com alunos do curso de graduação em Pedagogia, no âmbito da disciplina curricular História da Educação no Brasil e na Amazônia; este trabalho se dispôs investigar novas possibilidades de pesquisa acerca da História da Educação Paraense durante o século XX, com fulcro na análise de fontes não utilizadas comumente nos estudos regionais desse campo do conhecimento. Através do inventário, coleta, recuperação técnica, registro e análise do conteúdo de um vasto acervo de fotografias públicas e privadas que albergavam memórias de vida escolar, se procurou identificar alguns aspectos norteadores das práticas educacionais predominantes na sociedade paraense de outrora. Isto porque, tais manifestações subsidiaram a construção de experiências peculiares de escolarização e o entretencimento de certas representações a respeito do lugar social da educação escolar na região. Nesse sentido, três critérios orientaram a busca e a coleta das imagens, a saber: fotografias contidas em documentos oficiais produzidos pelos poderes públicos locais –estaduais e municipais durante a primeira metade do século XX; fotografias produzidas por alunos e seus conhecidos como parte de coleções privadas de álbuns de família; imagens registradas por professores e outros profissionais envolvidos com o sistema escolar regional. O acervo originado do montante de fotografias coletadas foi organizado por eixos temáticos através dos quais foi possível percorrer algumas questões políticas, culturais e simbólicas que perpassaram a educação escolar paraense ao longo do século XX. Finalmente, a partir desse material foi organizada uma exposição fotográfica itinerante intitulada “Histórias e memórias da educação paraense através de imagens”, cuja finalidade é percorrer diversas instituições de pesquisa de âmbito local, dentre as quais se destacam universidades e escolas do sistema público paraense.

ENTRE MEMÓRIAS E ESQUECIMENTOS: HISTÓRIA DAS  
INSTITUIÇÕES ESCOLARES DE JUIZ DE FORA

Paloma Rezende de Oliveira (PUC Rio)

Este projeto pretende voltar o olhar para a escola como um lugar de memória e de pesquisa, ressaltando a importância da preservação do patrimônio histórico e cultural, por meio da elaboração de um vídeo sobre as escolas centenárias de Juiz de Fora, que servirá como recurso didático e de pesquisa para educandos das escolas da rede pública de ensino do município. A partir de uma investigação



documental iniciada em dissertação de mestrado em educação, defendida em 2009, pela Universidade Federal de Juiz de Fora, objetiva localizar e mapear os diferentes documentos que apresentam sujeitos, memórias e objetos destas antigas escolas, num movimento que busca dar visibilidade a estas instituições educativas, muitas vezes esquecidas. A produção de um vídeo possibilita tanto uma reflexão nos modos de seu fazer pelos educandos e educadores da rede pública de ensino, na medida em que se tornou um rico veículo para a ampliação das pesquisas arquivísticas. Daremos ênfase, sobretudo, aos usos pelas escolas públicas, além da divulgação das pesquisas para um público mais amplo, respeitando o princípio da universalidade do conhecimento e do direito ao acesso aos bens culturais. Para a realização do vídeo, será de grande valor a diversidade de fontes coletadas, dentre as quais, as coleções de fotografias sobre as escolas em seus múltiplos aspectos: institucionalidade, cotidiano, público atendido, arquitetura, dentre outros, e os documentos escritos sobre a fundação das escolas, disponibilizados nos Arquivos da Biblioteca Murilo Mendes, Arquivo Público de Juiz de Fora e Arquivo da Igreja de Nossa Senhora da Glória.

## CONSTRUINDO A EDUCAÇÃO DE SEROPÉDICA A PARTIR DA MEMÓRIA DAS PROFESSORAS

Maria Angélica da Gama Cabral Coutinho (UFFRJ), Kátia Strottmann Stanieski Graebin (UFFRJ), Camila Pugialli (UFFRJ)

O presente trabalho pretende compreender o perfil do docente da rede pública de ensino do município de Seropédica, em seus diferentes aspectos, e está inserido em um projeto de pesquisa mais amplo que investiga a História da Educação dessa cidade e sua relação com a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. O estudo sobre a professora municipal abrange desde a sua formação inicial, até as instituições em que a titulação ocorreu – pública ou privada. Foi examinado, ainda, o papel das escolas no incentivo ao aperfeiçoamento docente, favorecendo a formação continuada; a memória dos professores acerca de sua infância escolar, as condições de trabalho, nas escolas e nas salas de aula, elementos fundamentais para o pleno exercício da docência. Para a caracterização docente fez-se necessário a apresentação da região na atualidade, incluindo um breve histórico desse território, desde os primeiros primórdios de sua ocupação. A História Oral foi a metodologia utilizada para o exame do trabalho docente. A História Oral permite ao pesquisador a construção de documentos. Estes documentos funcionam como fonte para a pesquisa daquelas vivências do cotidiano que não são retratadas em documentos escritos. Através dos testemunhos de professores, sob a forma de entrevistas, pode-se compreender a realidade educacional do município em questão.

OFÍCIO DE MESTRES, LENTE DE MÉDICOS: MAGISTÉRIO, PEDAGOGIA  
E HIGIENE ESCOLAR EM INÍCIO DO SÉCULO XX

Tamires Farias de Paiva (UERJ)

Inserido no campo de estudos da história da educação, este trabalho se trata de um dos resultados da pesquisa em desenvolvimento no mestrado, cuja problemática está centrada na interferência dos discursos médico-higiênicos na formação do professor das classes primárias e na conformação de representações da prática docente na cidade do Rio de Janeiro, em início do século XX. Para darmos tratamento a esta problemática, em uma perspectiva histórica, investimos nas possibilidades investigativas do impresso escolar e elencamos, neste grupo, os compêndios escolares de higiene que foram endereçados aos professores primários em formação. Em um período em que a ordem era civilizar e aperfeiçoar a raça brasileira (D'AVILA, 2005), os compêndios de higiene se constituíram como dispositivos – ao lado de cartazes e outros tipos de impresso – que visavam à conformação, por um lado, de um fazer docente harmonizado com as exigências sanitárias daquele momento e, por outro, de uma escola primária que resguardava “vidas em botão”, cuja saúde necessitava ser enrijecida, pois dela acreditava-se promanar uma mocidade vigorosa. Notáveis dispositivos escolares, estes compêndios deveriam cumprir a função de difusores dos ideais higienistas entre a população em processo de escolarização. Dessa forma, o exame destes objetos dá à vista não somente um corpo de doutrinas que tem a higiene como seu referencial, mas oferecem elementos para tornar pensáveis a pedagogia, a escola e os modos como dispositivos próprios a esta última – como os compêndios escolares– serviram para a conformação de modelos de práticas educativas, ainda que se tenha de levar em conta os limites entre usos prescritos e usos efetivos destes artefatos escolares, como nos lembram Marta Carvalho e Maria Rita Toledo (2007).

HISTÓRIA ORAL, A ESCRITA E A LEITURA DE SI COMO INSTRUMENTOS  
DE SUBJETIVAÇÃO DE EDUCADORES E ARTISTAS

Renata Sieiro Fernandes (Unisal)

Este relato oral origina-se de uma pesquisa que baseia-se no pensamento de Larossa e de Foucault e nos conceitos de dispositivos de subjetivação denominados “tecnologias” do eu e de “estética de si”. O foco é conhecer pela metodologia da História Oral e por meio da coleta de depoimentos orais e dos registros do cotidiano, de fazeres e de saberes de educadores que atuam no campo da educação não formal e de artistas em seus registros (do tipo livros, anotações, portfólios, cadernos de artista etc), lugares de memória – se e como ocorrem os processos de subjetivação, pois que trabalho e vida se entrecruzam nesses dois casos. O trabalho sobre si constitui-se como instrumento de

pensamento sobre si para que os sujeitos se apropriem de suas experiências e construam “estéticas de si”. Ao se escreverem e se inscreverem em suas narrativas por meio de palavras ou grafismos ou imagens, se dão a ler a si mesmos e aos outros sujeitos.

## **ST 19 – O passado (re)visitado**

*Quinta-feira, 19 de julho, 14h às 16h*

*Local: Sala Caio Prado Jr.*

Mediação: Marlene Almeida de Ataíde (Unisa)

### **O PASSADO (RE)VISITADO: MEMÓRIAS DE MORADORES DO BAIRRO DO CAMBUCI - SP**

Marlene Almeida de Ataíde (Unisa)

O presente trabalho tem como objetivo apresentar os resultados parciais de uma pesquisa que tem como sujeitos sociais moradores do bairro do Cambuci, São Paulo - Capital. A pesquisa de natureza qualitativa pressupõe que por intermédio das memórias os sujeitos reconstroem as lembranças marcantes de uma determinada época: a organização e luta política nos movimentos sociais que foram se engendrando para as melhorias do bairro; as relações sociais e interpessoais estabelecidas num bairro tão antigo que se confunde com a cidade de São Paulo, e ainda, o que significa a Igreja de Nossa Senhora da Glória e a Capela de Nossa Senhora de Lourdes, patrimônios históricos do bairro e que foram tombadas em 2006. Nesta perspectiva se fez premente discutir alguns conceitos/definições de história oral e da memória a partir de autores consagrados que se detêm a esse tipo de estudo e uso de metodologia para compreender como estes autores vão tecendo as suas teorias. A história oral na contemporaneidade vem assumindo um lugar de destaque e se legitimando no âmbito das ciências humanas e sociais enquanto campo fértil que tem se utiliza das pesquisas de abordagem qualitativa. Enquanto uma metodologia ou técnica de pesquisa atinge os mais variados sujeitos ou, instituições sociais na busca do resgates das memórias individuais ou coletivas.

O DESENRAIZAMENTO E A MEMÓRIA NAS PRÁTICAS,  
AÇÕES E REPRESENTAÇÕES DO MOVIMENTO DOS  
TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA - MST

Ana Maria Augusta da Silva (UERJ)

Pretendemos refletir acerca da cultura política que o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST tentam efetivar a partir da construção de sua memória social e de seus enfrentamentos políticos que podem ou não ser geradores de um enraizamento social, político e cultural na implementação de sentidos compartilhados. Observamos a forma pela qual as vivências dos sem-terra são interpretadas e traduzidas numa cultura comum que busca a efetivação de um espaço público democrático. Estas categorias pensadas na sua dimensão de imbricação e de análise estabelecem uma urdidura cujos fios de reflexão são tecidos com a contribuição de autores como Walter Benjamin, Castoriadis e Hannah Arendt que se debruçam sobre a memória e suas representações. Por outro lado, Florestan Fernandes, José de Souza Martins e Otávio Ianni apontam na luta pela terra a sua dimensão política e social. Essa disputa pela memória aponta para a necessidade de uma revisão do passado, uma auto-crítica pretérita que permita uma mudança política de inserção de cidadãos marginais ou subcidadãos até então e de suas memórias. Porém, essa revisão guarda uma acomodação estrutural entre a memória oficial e as memórias subterrâneas. A conclusão que chegamos parece apontar para a construção de uma cultura comum contraditória que se por um lado, gera o enraizamento social, por outro, desenraiza seja pelas relações sociais e estruturais neoliberais, seja pelas condições em que se efetiva essa cultura política não livre de disputas e interesses outros internos e ou externos.

ANDANDO NOS TRILHOS “RESISTENCIA OPERÁRIA  
E A FORMAÇÃO DOS TRABALHADORES NA COMPANHIA  
PAULISTA DE TRENS EM JUNDIAÍ (1931 - 1942)”

Jean Marcel Caum Camoleze (PUC-SP)

Ao estudar A Formação da Classe Operária Inglesa do historiador Thompson, E.P. aprendi sobre a diversidade da formação operária e sua concretização ativa para o desenvolvimento da Sociedade. Como aluno do Serviço Nacional de Aprendizagem (SENAI) da cidade de Jundiaí, reconheci que também participei da formação operária da minha região, sendo fato que me trouxe grande interesse pelo assunto. Com graduação em História e grande empenho na pesquisa de História do Trabalho comecei a aprofundar-me no assunto. Fator que me levou aos estudos no Museu Ferroviário de Jundiaí, onde descobri uma importante resistência dos trabalhadores na Companhia Paulista de Trens

(CP) e o surgimento dos Centros Ferroviários de Ensino e Seleção Profissional (CFESP), que serviu com um contra ponta a luta dos trabalhadores e um “modelo” para a fundação do SENAI, colaborando para a formação da classe operária ferroviária de Jundiá. Visando à importância da constituição operária nas ferrovias e sua contribuição para a história do operariado brasileira, a pesquisa se desenvolve sobre a formação e a consolidação do operariado nas ferrovias, analisando ações dos trabalhadores, dos patrões e membro governamentais do Brasil de 1931, ano da criação da Lei de Sindicalização a 1942, ano que se encerram as atividades dos CFESP. Neste âmbito, busco um grande aperfeiçoamento, por meio da pesquisa e dos estudos, sobre a formação da classe operária e sua especificação, por meio da relação entre educação e trabalho e suas manifestações.

## MAQUINARIA DE GUERRA

Priscila de Oliveira Xavier Scudder (UFMT); Silas Borges Monteiro (UFMT)

A partir da convivência com prisioneiros confinados na Penitenciária Central do Estado de Mato Grosso, de suas narrativas, de meu ofício como agente prisional e como pesquisadora, das obras de Friedrich W. Nietzsche, tencionamos (eu, os prisioneiros e Nietzsche), levar a público a história do Sistema Prisional de Mato Grosso a partir de uma perspectiva há muito silenciada: a dos encarcerados. O funcionamento desta maquinaria degenerescente e de adocimento da vida, pode ser percebido, entre outras coisas, nas inscrições nos corpos destes homens apressadamente nomeados como monstruosos. É o direito, a medicina, a psiquiatria, os dispositivos punitivos que se inscrevem nestes corpos e compõem sobre ele um poder-saber, que ao arrogar-se do status de ciência proferem uma verdade, uma sentença, dizem quem é o homem que constrói sua existência no território do isolamento, sem contudo ouvi-lo. Lançando mão das obras do filósofo alemão como ferramenta para pensar a prisão, invadindo alas, celas e pavilhões, apurando os ouvidos para a algazarra da vida dos prisioneiros, procuramos problematizar a vida que se expande e afirma sua vontade de potência entre muros, que entende a morte como espaço de descanso e reposição da força, que é sempre reativa e resistente ao poder da maquinaria de guerra, que desvenda labirintos, abre frestas, escava linhas de fuga na incansável luta para fazer a guerra. Tornar pública esta perspectiva sobre a prisão e sua gente, permite que os discursos unilaterais comecem a ser postos sob suspeita, que não incorramos no erro já apontado por Nietzsche, qual seja, o de tratarmos os criminosos como patifes e não o percebermos como alguém de quem se pode extrair um ensinamento, com quem é possível construir um objeto de experiência, e a quem devemos dar a possibilidade de lutar.

**MULHERES PÚBLICAS LEVADAS Á PÚBLICO: PANELEIRAS DE GOIABEIRAS**

Xenia Salvetti (USP)

O artigo analisa a história cotidiana das mulheres Panelleiras de Goiabeiras em Vitória contada por elas por meio de pesquisa em forma de vídeo documentário, contribuindo no estudo de novos caminhos do fazer e apresentar pesquisas sobre mulheres públicas. Para tanto a pesquisa tomou como eixo de referência dentro a historiografia feminista os estudos de Michele Pierrot sobre o lugar das mulheres no espaço público. Segundo a historiadora, volume e a natureza das fontes das mulheres e sobre as mulheres variam conseqüentemente ao longo do tempo. Por isso longe de ser fruto do acaso, a constituição do Arquivo, da mesma forma que a constituição ainda mais sutil da memória, é o resultado de uma sedimentação seletiva produzida pelas relações de força e pelos sistemas de valor e o mesmo ocorre no que concerne à narrativa histórica. A partir das considerações de Michele Pierrot sobre a importância que deve ser dada as variações das fontes das mulheres e sobre as mulheres, artigo analisa o percurso metodológico adotado para o registro da história das mulheres Panelleiras de Goiabeiras e seus resultados por meio da gravação em vídeo e produção de vídeo documentário. Neste percurso foram analisadas as metodologias quantitativas e qualitativas utilizadas. Considerando a problemática do testemunho oral, a pesquisadora foi inquirindo por novos fatos, esclarecendo alguns episódios e passagens obscuras, estimulando as narradoras a seguir seus relatos, respeitando os sentimentos aflorados com a memória. Através de suas memórias estas mulheres relataram suas iniciações ao ofício, momentos de interrupção para outras formas de ganho, como merendeiras, auxiliares em creches escolas, relações amorosas, construção e manutenção de redes de informações de apoio, retornando ao ofício das painéis após obtenção da aposentadoria, revelando-se sábias habilidosas as oportunidades, brechas de trabalho nos vários ciclos de suas vidas.

## **ST 20 – Canais digitais da história**

*Quinta-feira, 19 de julho, 14h às 16h*

*Local: Sala Nelson Werneck Sodré*

Mediação: Pedro Eurico Rodrigues (Colégio da Lagoa)

A AVENTURA DO DOCUMENTO: A HISTÓRIA EM BLOG,  
OFICINAS, JOGOS E ROTEIROS DE CAMINHADAS

Janice Gonçalves (UESC)

Desenvolvido desde 2004, o projeto de extensão “A Aventura do Documento” objetiva propor formas e procedimentos de utilização de documentos no ensino de História, valorizando acervos custodiados por instituições públicas (arquivos, museus, centros de documentação) e discutindo seu papel na preservação do patrimônio cultural. As propostas de utilização dos documentos são traduzidas em caixas pedagógicas contendo reproduções e transcrições de documentos ou “originais” (no caso de documentos que nascem múltiplos, como cartazes, folhetos de divulgação etc.). Acompanhando os documentos das caixas, há textos que informam sobre seu contexto e sugerem atividades em sala de aula. Os materiais das caixas pedagógicas são disponibilizados: a) em forma impressa, através de empréstimo; b) em arquivos eletrônicos gravados em CDs (se fornecidos pelos interessados); c) em arquivos eletrônicos disponíveis no sítio eletrônico do Laboratório de Patrimônio Cultural. Os professores das escolas da rede pública que utilizam o material posteriormente informam sobre os aspectos positivos e negativos observados em sua utilização, oferecendo sugestões de aperfeiçoamento. Em 2008, também passaram a ser produzidos jogos; partir de 2009, roteiros para caminhadas de registro fotográfico em espaços urbanos; em 2010, textos de discussão das relações entre História e Cinema. Em 2011, foi elaborado o blog do projeto (aventuradodocumento.blogspot.com). A apresentação pretende destacar não só as atividades desenvolvidas como problemas e desafios vividos em sua realização.

“CADA MERGULHO É UM FLASH”: MEMÓRIA DO EU  
ATRAVÉS DE ÁLBUNS DO ORKUT (2004-2010)

Pedro Eurico Rodrigues (Colégio da Lagoa)

Retirado da Dissertação de Mestrado “Do On-line para Off-line: Sociabilidade e Cultura Escrita proporcionadas pela Internet no Brasil do Século XXI (2001-2010) defendida no programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGH-Udesc) a presente comunicação aborda as construções de si na Internet através dos álbuns da Rede Social Orkut (2004-2010). De modo que a popularização das Redes sociais na Internet veio ao encontro com o acesso as câmeras fotográficas digitais resultando em um “boom de fotográfico” um “boom da memória” (NORA, 1993) nunca antes experimentado. Tal procedimento forneceu elementos para abordar aspectos da amizade no século XXI que caracterizam outras formas de sociabilidade no Tempo Presente. Nesta rede social - Orkut - foi possível trabalhar as formas de construção de si e formas de musealização (HUYSEN, 2000) do passado

a partir da escrita de algumas mulheres participantes e que foram dadas a ler por meio dos seus álbuns e seus depoimentos disponíveis em forma digital. A interpretação desse material escrito e fotografado, disponível no Orkut, permitiu aproximações para pensar sobre o ato e as motivações para se relacionar entre si e para guardar/salvaguardar os materiais produzidos, nessa forma de suporte digital. Nesta perspectiva são analisados dois perfis de duas mulheres com mais de 50 anos de idade que possuem cada uma mais de 3 mil fotos, e através das fotos, narram cenas dos seus cotidianos, tais como festas, encontros e trajetórias, assim fazem com que suas vidas tornem-se públicas (Super Exposta como aborda Paul Virilio 1993), permitindo que todos os seus contatos vejam parte da sua construção de si na contemporaneidade.

## O HÉLIO

Pedro Paulo Rosa (Unirio)

Este canal virtual, com mais de 15 mil visitantes cativos, pretende ser um ponto de encontro, mobilização e debate no sentido de ampliar os avanços na área da promoção da cultura e conhecimento brasileiro. O Blog recebe pessoas iniciantes ou já consagradas no meio em que atuam. Os posts são atualizados de 15 em 15 dias.

## CARTOGRAFIA DIGITAL

Júlia Faria (UFMG), Luiz Guimarães Souza (UFMG) e Regina Helena Alves da Silva (UFMG)

O programa “Cartografia Digital” explora o mapeamento do espaço urbano tomando-o como lugar de convergência de sentidos, e gerando novas perspectivas sobre o espaço, práticas sociais, território, sociabilidade, circuitos comunicativos e patrimônio cultural. Enxergando o educando como cidadão, “ser ativo” no processo de pensar e (re)construir a história, o objetivo é trabalhar em conjunto a percepção – tanto dos licenciandos quanto dos próprios educandos – de tal espaço, assim como a utilização crítica de documentos e fontes históricas, re-significando as noções de “Patrimônio”, “Sujeito Histórico” e “Fonte Histórica” no processo de formação do historiador, e do ensino de história. Como propõe o Simpósio, ressaltamos os aspectos da “ampliação dos horizontes de atuação para o historiador” e da “exploração de novos modos de fazer história”, concretizadas durante o projeto principalmente a partir das tecnologias de informação e comunicação utilizadas no processo de ensino/aprendizagem, e da aproximação da realidade palpável do ensino público - entre possibilidades e limitações. Deste modo, a partir da articulação entre um centro de documentação pública (Arquivo Público da Cidade de BH -



APCBH), a Fundação Municipal de Cultura, os Centros Culturais (integrantes do poder público, mas fortemente relacionados com iniciativas comunitárias voltadas para memória, cultura e patrimônio locais) e a extensão universitária, privilegiou-se a formação de historiadores cada vez mais preparados para lidar com (e problematizar) o dinamismo da profissão e do próprio conhecimento histórico. O Projeto Cartografia Digital foi uma parceria entre o Centro de Convergência de Novas Mídias da UFMG, a Fundação Municipal de Cultura de BH, os Centros Culturais e Escolas Municipais, e foi aprovado pelo Programa de Extensão Universitária do Ministério da Educação 2011.

#### TROMBAS E FORMOSO: MEMÓRIAS DE UMA LUTA

Maiara Dourado (UFGO), Gabriela Marques (UFGO), Ana Lúcia Nunes (UFGO), Tatiane de Assis (UFGO), Ícaro Batista (UFGO)

O “Memorial da Revolta de Trombas e Formoso” apresenta uma tentativa de reconstrução e valorização da memória coletiva da Revolta de Trombas e Formoso. A movimento camponês ocorreu em meados dos anos 50 na região norte de Goiás e foi cenário de uma das maiores disputas por terra do Estado. O Memorial se configura em uma plataforma multimeios, disponibilizando, fotos, documentos, um filme-documentário, artigos e links referentes a questão camponesa e ainda uma linha do tempo e pequenas biografias dos principais personagens/participantes da Revolta. A proposta da plataforma é tornar acessível todo o material encontrado e produzido de forma que a história do povo da região de Trombas e Formoso seja lembrada como a história de um povo vitorioso e que desenvolveu uma das mais importantes lutas camponesas do Brasil. Memorial: <http://www.trombaseformoso.org/>

## **ST 21 – Acervos e centros de memória**

*Quinta-feira, 19 de julho, 14h às 16h*

*Local: Sala Ilana Blaj*

Mediação: Cibele Barbosa (Fundação Joaquim Nabuco)

#### ARQUIVO E MEMÓRIA NO CENTRO-SUL DO PARANÁ: A EXPERIÊNCIA DO CEDOC/UNICENTRO/CAMPUS DE IRATI

Hélio Sochodolak (UFPR); Neli Maria Teleginski (UFPR)

Em 2004 foi criado na Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO/I)

o Centro de Memória e Apoio à Pesquisa - CEMODAP, a partir de iniciativas do “Programa de Intercâmbio Internacional Brasil/Ucrânia” com o objetivo de preservar documentos relacionados à imigração ucraniana na região centro-sul do Paraná. Em 2007 o centro foi incorporado à estrutura da universidade passando a ser denominado CEDOC - Centro de Documentação e Memória. A partir de então, ganhou maior abrangência, voltando-se à preservação de documentação relacionada à memória e história regional, tendo como meta de longo prazo alcançar os 9 municípios que compõem a região centro-sul, área de atuação do Campus de Irati. Em 2011 o CEDOC ganhou novas instalações passando a se estruturar para atender a comunidade universitária e demais interessados de maneira adequada. Entre as ações desenvolvidas pelo centro atualmente estão a construção de um site para divulgação do acervo sob sua guarda, a atuação como espaço de formação dos graduandos em História através da realização de estágios e oficinas e o desenvolvimento de projetos de extensão, como o Projeto Mnemosine. Esse projeto, criado em 2012 em caráter permanente, tem como objetivo complementar a formação de historiadores e profissionais que atuam em instituições voltadas à organização e conservação de documentos de valor histórico, contribuindo também para a atualização técnica e para a própria gestão do acervo do CEDOC. Dessa forma, além de captar, tratar, organizar, preservar, gerenciar e tornar acessíveis os fundos documentais, o CEDOC busca desenvolver habilidades no tratamento adequado dos documentos através do conhecimento e utilização das normas técnicas vigentes, estimulando também o interesse sobre a importância dos documentos e a necessidade de sua preservação, especialmente em arquivos históricos universitários como o CEDOC. O objetivo dessa comunicação é compartilhar a atuação de historiadores que compõem a estrutura do CEDOC/ UNICENTRO, Campus de Irati/PR e discutir as relações da História com a preservação da memória, cultura e patrimônios regionais.

MEMÓRIA PRESERVADA: O CENTRO DE MEMÓRIA E DE  
PESQUISA HISTÓRICA DA PUC MINAS - CONSERVAÇÃO,  
PRESERVAÇÃO E DISSEMINAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Leandro Pereira de Abreu (PUC Minas) e Rafael Pacheco Mourão (PUC Minas)

A questão da memória é hoje percebida nos meios acadêmicos e universitários como indispensável para construção de identidades e conquista da cidadania. Conhecer o passado e recuperar trajetórias, de grupos, sociedades e instituições, das origens até o tempo presente é um compromisso social das instituições. Seguindo estes preceitos o Centro de Memória de Pesquisa Histórica da PUC Minas, criado em 1989, abriga os acervos composto por documentos institucionais gerados a partir de 1942, relativos às faculdades que deram

origem à Universidade Católica de Minas Gerais e por fundos privados, tais como: do Diretório Central dos Estudantes e de três renomados professores, Prof. Arduíno Bolívar, Prof. João Camillo de Oliveira Torres e Pe Alberto Antoniazzi. O CMPH tem como objetivo organizar e implementar ações de fomento à pesquisa histórica contribuindo para a divulgação e a socialização do conhecimento adquirido enfatizando a importância da preservação documental, conservação e acesso à informação. Hoje, o CMPH ocupa um papel de destaque na gestão documental da PUC Minas, contribuindo, nesse sentido, para a formação da identidade universitária. Além disso, promove parcerias de cooperações técnicas com Tribunal Regional do Trabalho, Instituto Inhotim, Rede Memória das Instituições de Minas Gerais (REMIG) O CMPH atua como consultor do programa Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER) na região sudeste em conjunto com Universidade de São Paulo. O SEER integra o Projeto de Cooperação Técnica entre o Governo Brasileiro e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), sendo responsabilidade do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Em junho de 2009, recebeu justo reconhecimento da sua atuação, pelo MEC, na avaliação institucional sobre a Universidade. Assim sendo, pretendemos divulgar o trabalho de organização arquivística, os projetos desenvolvidos e a produção do conhecimento realizados pelo CMPH.

#### O PERCURSO INICIAL DO CENTRO DE MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE E LAZER DO IFSULDEMINAS - CAMPUS MUZAMBINHO

Mateus Camargo Pereira (IFSULDEMINAS); Lena Pacheco dos Santos (IFSULDEMINAS); Susany Cristiny Hipólito da Silva (IFSULDEMINAS); Amanda Souza de Oliveira Gonçalves (IFSULDEMINAS)

Este resumo objetiva apresentar o percurso inicial do Centro de Memória da Educação Física, Esporte e Lazer do IFSULDEMINAS – campus Muzambinho (CEMEFEL/IFSULDEMINAS – campus Muzambinho), fundado em 2010. O espaço propõe-se a preservar, organizar e divulgar os documentos diversos (livros de ata, de ponto, documentos administrativos, contábeis, fotografias, slides, vídeos, livros, avaliações, diários de classe etc) acerca do mundo da educação física em Muzambinho e região do Sul de Minas Gerais, especialmente a partir da década de 1970 em diante. A documentação no arquivo tem como marco inicial a fundação da Escola Superior de Educação Física de Muzambinho (ESEFM), criada em 1971 a partir da Fundação Educacional de Muzambinho (FEM) e federalizada em 2010, quando passa a compôr o Instituto Federal do Sul de Minas – campus Muzambinho. Desde então, temos envidado esforços no sentido de estabelecer uma metodologia de organização documental baseado nas Normas Brasileiras de Documentação (NOBRADE), bem como na divulgação dos documentos existentes e fontes orais, por meio de link na

internet ([www.ifsuldeminas.edu.br/centrodememoria](http://www.ifsuldeminas.edu.br/centrodememoria)). Primeira instituição do gênero em Institutos Federais, o CEMEFEL/IFSULDEMINAS busca contribuir para a construção de conhecimento histórico acerca das práticas associadas à educação física, compondo o quadro explicativo do percurso da educação física no Sul de Minas Gerais. Além disso, dá voz a diversos sujeitos históricos que ajudaram a construir a instituição que durante 40 anos formou cerca de 2000 professores. Foi a 2ª faculdade de Minas Gerais e a 8ª do Brasil numa cidade que sempre contou com aproximadamente 20 mil habitantes.

## A FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO E OS ACERVOS HISTÓRICOS:

### UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A EDUCAÇÃO

Cibele Barbosa (Fundação Joaquim Nabuco)

O Centro de Documentação e Estudos da História Brasileira Rodrigo Mello Franco de Andrade-Cehibra apresenta em sua história uma contribuição significativa para a memória Nacional, e em especial do Nordeste, ao conservar em seus acervos mais de quinhentos mil documentos de tipologias diversas. A presente comunicação pretende analisar a história desse centro e o seu papel para a educação a cidadania na contemporaneidade.

## O DESENVOLVIMENTO DO “MERCADO DA MEMÓRIA” ATRAVÉS DO CASO DO INSTITUTO FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

Raphael de Souza Novaes (USP/Grifo)

Esta pesquisa deslindará alguns aspectos do trabalho no iFHC, como: fontes de financiamento; áreas de formação dos funcionários; forma de organização da documentação; diretrizes de divulgação do acervo; desenvolvimento de atividades paralelas ao processamento da documentação. Através da descrição das atividades levadas a cabo no iFHC, pretendemos ancorar uma problematização que inclua, entre outras questões que se mostrarem pertinentes, um debate sobre: a legislação que determina as ações para com os arquivos de ex-presidentes da República; as dificuldades de sustentação de instituições privadas que atuam no campo da memória; as vantagens e desvantagens de uma desvinculação do poder público e da academia; o perfil do profissional atuante nesses espaços; os riscos de monumentalização da imagem do titular de acervo e os usos políticos da memória de maneira geral. Pretendemos apresentar pontos pertinentes à discussão sobre a atividade do historiador nos dias atuais e pontuar o debate sobre o desenvolvimento e alargamento do campo de trabalho deste profissional através da expansão daquilo que chamaremos “mercado da memória”. São hipóteses deste trabalho: a) Há, na intersecção entre as iniciativas de interesse público de patrimonialização da cultura e as iniciativas

do setor privado de mercantilização da cultura, um nicho de especialização – o “mercado da memória” – no qual a história/memória tem ocupado espaço de principal produto e, portanto, fomentado interesses econômicos de diversas origens; b)O nicho de atividade a que nos referimos serve-se de serviços e profissionais de diversas áreas, os quais têm atuado crescentemente como mediadores do conhecimento histórico e da construção da memória coletiva; c) Há um processo de retroalimentação entre a academia e esse nicho de atividade extra-acadêmico, na medida em que pesquisadores universitários fazem uso dos acervos detidos por essas instituições e também atuam em favor das mesmas oferecendo sua força de trabalho intelectual como funcionários ou prestadores de serviços.

## **ST 22 – A história e seus acervos digitais**

*Quinta-feira, 19 de julho, 18h30 às 20h30*

*Local: Sala Caio Prado Jr.*

Mediação: Simone Silva Fernandes (CEDIC-PUC-SP)

A HISTÓRIA E SEUS PÚBLICOS: SOBRE AS FORMAS DA  
HISTÓRIA NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

Gilberto César de Noronha (UFG); Rita Maria Arruda Ferreira (SEE-MG)

O objetivo da comunicação é discutir as possibilidades de estudo/ensino, pesquisa e divulgação do conhecimento histórico através das novas tecnologias da informação. Para tanto, pretende-se tomar como ponto de partida a experiência de constituição de um weblog com temática regional colocado no ar em 2010, como uma iniciativa de professores da Educação Básica da rede estadual de Minas Gerais. A ideia do projeto surgiu como parte das discussões de um Grupo de Desenvolvimento Profissional criado na E.E. “Dr. Edgardo da Cunha Pereira”, em Abaeté-MG que discutia e investigava novas estratégias de ensino para o letramento cujos resultados ultrapassaram os limites da educação básica. O Blog iniciou-se como um projeto pouco ambicioso que, ao longo de seus 30 meses foi cada vez mais seduzindo leitores, seguidores, comentaristas e colaboradores que, de vários lugares do Brasil e do mundo, passaram não apenas a comentar e sugerir, mas também enviar fontes primárias e obras historiográficas sobre a cidade-tema. A experiência trouxe à tona discussões que interessam a todos os historiadores e ao futuro de nossa disciplina: as potencialidades das novas linguagens e novas formas de organização das

narrativas historiográficas, os desafios e possibilidades da utilização das TI's como forma de arquivamento, organização, acesso e divulgação de fontes históricas e como espaço de interpretação colaborativa dos processos históricos. Aponta, ainda, para a necessidade de aprofundamento das reflexões sobre o lugar da história na sociedade contemporânea em que se multiplicam as potencialidades de arquivamento e suscitam discussões sobre as funções sociais da memória e da educação histórica.

#### **MOSTRAS VIRTUAIS: NOVA FERRAMENTA PARA DIFUSÃO DE ACERVOS ARQUIVÍSTICOS**

Simone Silva Fernandes (CEDIC-PUC-SP)

Notamos cada vez mais que os arquivos e centros de documentação vêm utilizando como estratégia de difusão de seus acervos as diferentes possibilidades que o ambiente web oferece. Tem sido recorrente a discussão a respeito das novas tendências das redes sociais virtuais que solicitam o acesso irrestrito à informação e à íntegra de documentos e a digitalização de totalidades de acervos arquivísticos. Diante dessa realidade, no sentido de colaborar com a discussão, propomo-nos a apresentar as estratégias utilizadas pelo Centro de Documentação e Informação Científica, CEDIC, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, na concepção de mostras virtuais de fundos e coleções e seu diálogo com as demais políticas de preservação e acesso ao acervo da instituição, procurando analisar as relações estabelecidas entre as práticas arquivísticas e as novas tecnologias de informação e comunicação. Para além de um serviço de difusão cultural, que lança luz para dentro do arquivo de maneira a dar-lhe projeção e conseqüentemente conquistar novos públicos, procuraremos pensar a respeito da informação transmitida pelas mostras virtuais e o papel dos centros de documentação na construção do conhecimento.

#### **PARA O PÚBLICO, PARA OS PROFESSORES: BRASIL REPUBLICANO NA WEB**

Marcela Fogagnoli (Fiocruz)

O site Brasil Republicano ([www.brasilrepublicano.com.br](http://www.brasilrepublicano.com.br)) é resultado do trabalho do Grupo de Pesquisa Brasil Republicano – Pesquisadores em História Cultural e Política (BR-PEHCP), registrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq. O grupo constituiu-se no em torno das pesquisas desenvolvidas no Programa Cientistas do Nosso Estado, patrocinado pela FAPERJ, e coordenado pelo Professor Doutor Jorge Ferreira, da Universidade Federal Fluminense. O site é um dos produtos resultantes das atividades dos pesquisadores. O objetivo do site é proporcionar aos professores de História de nível médio e fundamental

das redes pública e privada de ensino ferramentas teóricas e metodológicas para desenvolverem suas atividades em sala de aula. Atualmente, o período de estudo é dedicado ao Brasil republicano e está delimitado na temporalidade 1930-1964. Atualizado periodicamente, o site disponibiliza aos professores os seguintes produtos: resultados das pesquisas produzidas pelos historiadores envolvidos no projeto; documentos históricos em arquivos PDF que se tornaram referências para o estudo do período; fontes iconográficas relativas ao mesmo período; links de artigos publicados em revistas científicas na área de História e disponíveis na internet, possibilitando o site linkar os artigos e disponibilizá-los aos professores; artigos publicados em revistas científicas tratando sobre História Cultural e a História Política; artigos publicados em revistas científicas referentes a temáticas sobre o Ensino da História. bibliografias sobre diversos temas relativos ao período; filmografia sobre o mesmo período; vídeos com imagens de época; teses de doutorado e dissertações de mestrado produzidas nos Programas de Pós-Graduação em História do país. Avisos sobre congressos, seminários e cursos na área de História na cidade do Rio de Janeiro.

## MEMÓRIA ESTATÍSTICA DO BRASIL NA BMF-

RJ: ACERVO DIGITAL E COLABORAÇÃO DO PÚBLICO

Eustáquio José Reis (IPEA); Lucas Ferreira Mation (IPEA); Ana Cecília Kreter (IPEA); Gabriela Carvalho (IPEA)

O projeto Memória Estatística do Brasil visa a recuperação, preservação e digitalização de obras sobre economia, finanças, política, administração, demografia, condições sociais e sanitárias do Brasil no Século XIX e na primeira metade do Século XX. O projeto é fruto de parceria entre o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e a Biblioteca do Ministério da Fazenda no Rio de Janeiro (BMF/RJ). A Biblioteca é depositária, desde o século XIX, das publicações do próprio Ministério da Fazenda e de outros ministérios e herdeira dos acervos bibliográficos da Alfândega do Rio de Janeiro, do Instituto Brasileiro do Café (IBC) e do Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA), contando com um rico acervo de obras contendo estatísticas históricas brasileiras. A fim de garantir a preservação e amplo acesso às obras, o projeto digitaliza e publica no sítio <http://memoria.nemesis.org.br/> obras relevantes contendo dados e estatísticas que permitam melhor entendimento da história do Brasil. Desde 2004 já foram disponibilizados mais de 800 obras contendo 250 mil páginas. A partir de 2012, em parceria com o Internet Archive, a digitalização é feita por meio de scanners de alta resolução e produtividade. Estas obras estão disponíveis em formatos eletrônicos no sítio: <http://archive.org/details/memoriaestadisticadobrasil>. Por fim o projeto busca desenvolver alguns projetos piloto com novas tecnologias para facilitar os trabalhos dos historiadores e permitir que o público em geral tenha acesso a conteúdos históricos, como uma

plataforma de transcrição de dados por voluntário na internet e um repositório onde historiadores possam registrar e tornar públicas as bases de dados dos seus projetos.

## MEMÓRIA, PESQUISA E PATRIMÔNIO HISTÓRICO DE QUEIMADOS

Claudia Patrícia de Oliveira Costa (UERJ); Nilson Henrique de Araujo Filho (UERJ)

Segundo o historiador Paolo Rossi, “entre as razões que explicam as paixões atuais pelo tema da memória há, sem dúvida, uma grande ‘demanda de passado’ e uma renovação do interesse pelos argumentos e temas que pareciam superados ou marginais...” (ROSSI, 1991 [2010]: 25) Refletindo sobre essa perspectiva, buscamos analisar o processo de formação do Município de Queimados – RJ, registrando, por meio da coleta de depoimentos orais iniciada há cerca de três anos, as histórias de vida dos moradores, em seus variados graus de participação política. A partir de então, uma gama considerável de possibilidades de pesquisa e divulgação da história dessa cidade se impôs. Assim, foi criado o blog Memória e Patrimônio Histórico de Queimados, como proposta de divulgação parcial dos resultados dessas entrevistas, bem como de iniciativas ligadas às pesquisas e preservação do patrimônio histórico dessa região. Paralelamente, o espaço virtual criado também tem contribuído para uma maior participação política da população da cidade, na medida em que suscita o debate e a interação daqueles que, ao acessar a página, se identificam com as narrativas ali expostas e se propõe a compartilhar suas próprias memórias. Consideramos que tais resultados têm contribuído significativamente para a valorização da História da Baixada Fluminense, região que ao longo do século passado, teve sua imagem atrelada a estigmas de violência e atraso. Verticalizando nossa análise, propomos o enfoque das interações entre a cidade de Queimados e a Baixada Fluminense, bem como com as regiões vizinhas. Dessa forma, visamos constituir uma perspectiva historiográfica articulada à História Regional e à própria História do Brasil.

## **ST 23 – Ensino e cultura histórica**

*Quinta-feira, 19 de julho, 18h30 às 20h30*

*Local: Sala Nelson Werneck Sodré*

Mediação: Erica Dal Poz Ezequiel (FEUSP)



FORMAÇÃO E DEFORMAÇÃO: IRRECONHECIMENTO  
SOCIAL E HISTORIADOR COM “I”

Bruno Flávio Lontra Fagundes (UFMG)

A comunicação tratará da relação entre objetivos assumidos de boa parte dos cursos de graduação de História brasileiros, que instituem uma formação profissional que treina estritamente para habilidades de pesquisa acadêmica e evitam - por indiferença ou insegurança - a interação e/ou interlocução com as histórias/memórias legítimas que existem socialmente. Tal situação parece rebaixar historiadores como amantes de coisas velhas e empoeiradas, sisudas e pretensiosas, preocupadas mais com a morte do que com a vida, alheio aos problemas dos homens comuns e mortais. Situação cujo emblema pode ser o modo com que muitas pessoas escrevem a palavra “historiador”, com “i”: istoriador. A comunicação fará considerações sobre possíveis fundamentos dessas percepções construídas.

CULTURA HISTÓRICA, MÍDIA E ENSINO DE HISTÓRIA:  
PROBLEMAS POLÍTICOS DE ENSINAR E APRENDER

Sonia Wanderley (UERJ)

O presente trabalho visa realizar uma reflexão acerca da cultura histórica produzida/permeada pela mídia e sua influência na produção do saber histórico escolar. Considerando a crescente valorização da história e da memória nos espaços da comunicação midiática e a grande circulação dos significados produzidos por esses agentes na sociedade torna-se fundamental a reflexão dos profissionais da história (professores/pesquisadores) acerca de sua influência no ambiente escolar.

ESBOÇO PARA UM CONCERTO: MÚSICA, EDUCAÇÃO  
E LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA

Erica Dal Poz Ezequiel (FEUSP)

O livro didático tende a ser o primeiro contato sistemático de crianças e jovens com o conhecimento histórico. Nele, o autor se propõe a realizar uma tarefa nada fácil: dizer, de modo simples, o essencial, e, com isso, tornar o conhecimento acadêmico acessível e também conhecido para um público amplo. Se observarmos atentamente os conteúdos desses livros, encontraremos diversos documentos neles reproduzidos: cartas, decretos, imagens, músicas, dentre outros, que foram utilizados pelos autores para comprovar ou ilustrar determinada ideia. Ao se valerem de tais recursos, além de divulgarem uma fonte histórica e extrair informações delas, os autores também estão, aos poucos, sensibilizando seus

leitores a notar na cultura comum (livros, filmes, músicas) em lugares (museus, monumentos, memoriais) e situações (greves, revoltas, guerras), o conhecimento histórico. O pesquisador que se debruçar sobre o estudo sistemático desses livros didáticos poderá observar que os autores, ao inserirem e examinarem documentos históricos para ilustrar ou debater determinado conteúdo teórico com seus leitores, também constroem um modelo de análise documental. Com isso, dão certa autonomia aos seus leitores/estudantes para que, fora da instituição escolar, e, a partir de suas próprias experiências com objetos, situações e lugares semelhantes aos dos documentos analisados em livros, consigam ampliar sua visão do passado. Neste estudo pretendemos explorar a música como registro de história pública e sua utilização em livros didáticos, a partir da análise dos manuais de História do Brasil dirigidos para o Ensino Básico, editados na década de 1990. Portanto, não é nosso objetivo investigar os usos de músicas como documento em sala de aula, criticar ou propor novas metodologias, mas localizar, a partir do conjunto de citações musicais encontradas, quais ferramentas de História da Música estão sendo disponibilizadas pelos autores e demais agentes envolvidos com a criação de livros didáticos, aos estudantes do país.

#### APLICABILIDADE DA LEI N.10.639/03 – SUCESSOS E OBSTÁCULOS - A EXPERIÊNCIA NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE SANTOS/SP

Sandra Regina Pereira Ramos (Secretaria Municipal de Educação de Santos)

Com a promulgação da Lei 10639/03, que tornou obrigatória a inclusão do ensino da História da África e da Cultura Afro-brasileira no currículo das escolas brasileiras, fez-se necessário promover ações afirmativas voltadas à esfera educacional que sistematizassem na comunidade escolar a igualdade racial a partir de uma nova visão da história local e mundial. Neste sentido, a Secretaria de Educação de Santos, reconheceu como demanda imediata, a necessidade de desenvolver junto ao corpo docente e discente das unidades municipais de educação projetos que promovessem a discussão sobre a diversidade étnico-cultural do nosso povo bem como a valorização da história e cultura africana e afro-brasileira, visando a conscientização da sociedade quanto à igualdade étnica e racial. Esta atuação deve-se ao fato de que, ao omitir conteúdos em relação à história do país, relacionados à população negra, ao omitir contribuições do continente africano para o desenvolvimento da humanidade e ao reforçar determinados estereótipos, a escola tem contribuído fortemente para a constituição de uma ideologia de dominação étnico-racial. Neste contexto, a escola reproduz o racismo presente na sociedade brasileira, como todas as demais contradições oriundas de nossa história, e a aplicação da Lei 10.639/03 emerge como um dos principais avanços em direção a uma compreensão mais verdadeira da História do Brasil e da sociedade brasileira. Assim, para a mudança de paradigmas no que tange ao conhecimento da história e, principalmente, sobre questões raciais, faz-se necessária uma

atuação em nível institucional voltada ao reconhecimento de uma história diversa daquela postada nos bancos escolares e universitários, perpassando, também, pela revisão bibliográfica e a adoção práticas pedagógicas adequadas à nova demanda educacional. Esta jornada está sendo construída a partir dos desafios que ora se apresentam e que, muitas vezes, extrapolam as demandas educacionais, mas que não podem deixar de ser combatidos e ultrapassados.

ENTRE O TERREIRO E A ACADEMIA: A EXPERIÊNCIA DE EKEDES,  
MOKATAS E EBOMES NA PERTENÇA E NA VIVÊNCIA PEDAGÓGICA

Maria Durvalina Cerqueira Santos (UNEB)

O Terreiro de Candomblé é espaço eminentemente educativo, a pertença a Comunidade Terreiro estabelece aprendizagem, conhecimento, Educação de Vida, Educação de Axé, e conseqüentemente pressupõe situações e pessoas que educam e que são educadas, e as pessoas que ocupam as funções de Ekedes, Makotas, Ebomes são fundamentais no processo educativo dentro do Terreiro, processo que reflete a cultura originária africana, e as reelaborações afro-brasileira, na medida em que as ações afirmativas é a tentativa de devolver as populações afro-brasileiras sua dignidade humana, a partir do resgate de seus valores ancestrais, sua história e cultura, reconhecendo-se o Terreiro de Candomblé como importante espaço de preservação das culturas de matriz africana, um nicho que resguarda e mantém não apenas as tradições religiosas do Candomblé como resguarda e preserva o modo de agir, de viver, de ser e de estar no mundo numa perspectiva africanobrasileira, as Comunidades Terreiro são eminentemente espaços afirmativos, nesse sentido esse estudo analisa se ações pedagógicas de Ekedes, Makotas e Ebomes na academia evidenciam sua pertença ao candomblé, e contribuiu para a construção da concepção pedagógica que caracteriza o que denominamos de Ação Afirmativa em educação, a partir da caracterização das atividades da Ekede, Mokota e Ebome nos Terreiros de Candomblé, identificando as que se constitui em ação pedagógica como estão articuladas com as ações pedagógicas que são denominadas de ações afirmativas em Educação.

## **ST 24 – Sonoridades da história**

*Quinta-feira, 19 de julho, 18h30 às 20h30*

*Local: Sala Ilana Blaj*

Mediação: Martha Bento Lima (UERJ)

CANÇÕES SENSÍVEIS: TRANSFORMAÇÕES/HISTÓRIAS  
DE JOVENS DE FAVELAS CARIOCAS

Martha Bento Lima (UERJ)

Este projeto de doutorado tem a intenção de pesquisar as práticas artísticas e terapêuticas que trabalham com a criatividade, facilitando a expressão de um contexto sensível, podendo se constituir em dispositivo de singularização social. O projeto faz parte do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e trabalha com dispositivos artísticos e criativos para intervir. Através de uma Oficina de Composição Musical criamos um dispositivo de comunicação/singularização entre os jovens de duas favelas cariocas: a favela do morro da Mangueira e a favela do morro dos Macacos em Vila Isabel. A primeira oficina se realizou em meados do ano 2007 no morro da Mangueira, em um projeto de mestrado na mesma instituição referida, compreendendo realidade e contexto diferentes do que assistimos atualmente no cenário das favelas cariocas. O morro dos Macacos, nosso atual projeto, se insere nesse novo contexto da instalação das UPPS nas favelas do Rio de Janeiro e da corrente aproximação da Copa do Mundo e das Olimpíadas nos próximos anos. As canções produzidas pelos jovens da favela tornam-se sensíveis a essas mudanças e tensões ocorridas no cenário social. Suas vozes validam a polifonia de histórias silenciadas, que através das canções ganham corpo e presença na comunidade, criando sonoridades/narrativas reveladoras da memória coletiva de um grupo, suas lutas e suas marcas.

REPRESENTAÇÕES DA JOVEM GUARDA NA MÍDIA DOS ANOS 60

Eleonora Zicari Costa de Brito (UnB)

Procura-se refletir sobre o alcance da mídia na produção de representações sobre a Jovem Guarda, grupo musical que alcançou enorme sucesso nos anos 60. A problemática central volta-se à seguinte indagação: em que medida as imagens públicas de seus principais representantes (Roberto Carlos, Wanderléa e Erasmo Carlos), foram sendo moldadas pela indústria das revistas de focos (neste caso a revista Intervalo) e mesmo por aquelas que propunham uma visão mais analítica e “séria” sobre os comportamentos juvenis (como dizia fazer a revista Realidade)?

HISTÓRIA EM IMAGEM E SOM: PENSANDO A CULTURA  
HISTÓRICA DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Silene Ferreira Claro (Faculdades Integradas Campos Salles)

Vivemos em uma sociedade em que as facilidades de acesso à informação e

às mídias são cada vez maiores. Cada vez mais os alunos e o público em geral aprendem sobre os mais variados assuntos fora da educação formal. No caso do conhecimento da História, o contato com a herança cultural se dá o tempo todo e de diferentes maneiras. Das várias formas possíveis, o cinema é uma que se destaca, pois, a linguagem fílmica permite a construção de narrativas ou enredos históricos que constroem, veiculam e até mesmo ratificam imagens que podem ser entendidas como representantes da cultura histórica de uma sociedade. A construção de uma narrativa ficcional ou documentária através da conjugação de imagens e trilha sonora pode ter forte apelo na sociedade, contribuindo para a construção ou manutenção de estereótipos que marcam o pensamento histórico da sociedade contemporânea. Pensando desta forma, ao ser utilizado como material didático, cinema e vídeo permitem a construção do conhecimento histórico. Ao assistir a um filme, habilidades e competências são estimuladas e contribuem para a construção de conceitos que permitem a compreensão da relação presente-passado. Além dessas questões, o uso do cinema como ferramenta didática flexibiliza o processo da educação formal, tornando-a mais atraente. Analisar possibilidades de interdisciplinaridade e projetos transversais através do uso do cinema.

## HISTÓRIA E FILME DOCUMENTÁRIO

Áurea Pinheiro (UFPI), Cássia Moura (UFPI)

A comunicação que apresentamos tem por objetivo discutir os resultados de investigações com linguagens audiovisuais com a pretensão de decifrar composições de palavras, imagens e sons. Consideramos essas linguagens expressões de discursos histórico, artístico e cultural, marcados por elementos éticos, ficcionais e de realidade; palavras e imagens, memórias em construção, informes e registros do passado e do presente. O centro de nossas reflexões é o filme documentário e a escrita etnográfica. Destacamos a investigação e a criação de narrativas fílmicas e etnográficas, imersas em um jogo dinâmico e complexo que implica técnicas de montagem e liberdade poética. A intenção é elaborar outras narrativas que nos permitam interpretar e avaliar experiências do trabalho de campo e realização de documentários; apresentar, de forma elaborada, conceitos e metodologias de investigação etnográfica e oral, que resultaram nos documentários etnográficos “Passos de Oeiras” [2008], “Congo: ritmo e devoção” [2009] e “As Escravas da Mãe de Deus” [2010].

## QUALQUER BOBAGEM: UMA HISTÓRIA DOS MUTANTES

Eduardo Kolody Bay (UnB)

Os Mutantes – grupo protagonizado por Arnaldo Baptista, Rita Lee e Sérgio

Dias, cuja importância foi fundamental na composição da música rock no Brasil. Reflexões acerca da construção de uma identidade musical e cultural brasileira e participação dos Mutantes junto ao movimento conhecido como tropicalismo. Na apresentação desta pesquisa, procura-se desvelar a participação do grupo no movimento tropicalista – percebendo sua importância estética e comportamental – bem como sua inserção junto às novas práticas e fazeres musicais relacionados à indústria cultural desenvolvidos durante os anos 60, período de desenvolvimento da contracultura e da música psicodélica.

## **ST 25 – Múltiplos temas, novos debates**

*Sexta-feira, 20 de julho, 14h às 16h*

*Local: Sala Caio Prado Jr.*

Mediação: Fernanda Ozório da Conceição (Udesc)

### **NILO PREVIDI: O ARTISTA CURITIBANO E O AMBIENTE CULTURAL DA CIDADE NA DÉCADA DE 1960**

Carla Emilia Nascimento (UFPR)

O presente artigo pretende expor o ambiente cultural da cidade de Curitiba na década de 1960, a partir de uma discussão que é pautada por reflexões das teorias da cultura, especificamente o enfoque da História Cultural. Em um segundo momento, a partir do ambiente artístico, as ações do artista Nilo Previdi (1913-1982), incluindo sua produção no Centro de Gravura do Paraná (1950-1970) são confrontadas com o ambiente cultural exposto. O texto explora a posição de artista engajado assumida por Nilo Previdi, em um contexto cultural local, onde há a crescente valorização da arte abstrata, financiada por uma elite dominante na política cultural. A discussão se pauta pelo estudo do contexto histórico da cidade e das imagens da cidade publicadas na Revista Panorama durante a década de 1960 – com ênfase ao discurso da modernidade – somado aos relatos dos agentes culturais contemporâneos ao artista e a uma análise do debate artístico pautado pelos principais jornais locais. Para se pensar a cidade, trabalha-se com Roger Chartier e seu conceito de representações e para discutir as ações do artista Previdi, Michel de Certeau a partir da noção de táticas e estratégias. O conceito de engajamento social é discutido a partir de Jean-Paul Sartre e Benoît Denis.

## “PRIMAVERA ÁRABE” NO CIBERESPAÇO: O EGITO EM 18 DIAS

Fernanda Ozório da Conceição (Udesc)

Este paper procura discutir a expansão dos lugares de interatividade a partir das representações e difusão de imagens do Levante Árabe, ou como se convencionou chamar “Primavera Árabe”. Manifestantes mulheres e homens do Egito, inseridos no contexto das revoltas no mundo árabe, fabricaram novas paisagens virtuais que denunciaram o regime autocrático de trinta anos de Hosni Mubarak. A utilização de diversas imagens das manifestações no ciberespaço promoveu o trânsito de informações mais autônomas. Nesse sentido, a relação da percepção de tempo e sociabilidades que perpassam as mídias sociais mobilizam novas linguagens e funções para se transitar entre o local e o global. As mídias, aliadas à diversidade de recursos audiovisuais e informáticos, fomentam a construção de sistemas comunicativos, sedimentados em regimes de descentralização e desterritorialização cultural. O material multimídia analisado foi veiculado nos 18 dias até a queda do ditador em fevereiro de 2011, como vídeos postados no youtube por manifestantes, fotografias, reportagens e posts em blogs pessoais. Esta estrutura em transformação sugere a complexidade das sociedades contemporâneas, principalmente no fluxo via web, onde manifestantes egípcios promoveram esses cenários pelas redes sociais. Por fim, salienta-se que essas investigações são parciais e se inserem nos domínios da pesquisa de mestrado desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina.

## HISTÓRIAS INVISÍVEIS DO TEATRO DA PAZ: DA CONSTRUÇÃO À PRIMEIRA REFORMA - BELÉM DO GRÃO-PARÁ (1869-1890)

Roseane Silveira de Souza (Rose Silveira) (PUC-SP)

O Teatro da Paz, em Belém do Pará, é um dos teatros de ópera em estilo neoclássico erguidos no Brasil no século 19. É considerado um teatro-monumento tal como o Arthur Azevedo (MA), o Santa Isabel (PE), o São Pedro (RS) e o Amazonas (AM), seus contemporâneos. Sua construção (1869-1874) ocorreu na chamada Era da Borracha na Amazônia em meio a denúncias de fraudes e conflitos entre as autoridades locais. Da inauguração, em 15 de fevereiro de 1878, até sua primeira grande reforma (1887-1890), muitas histórias caíram na invisibilidade em um processo político de apagamento do passado e agora são desvendadas pela autora deste livro, a jornalista e historiadora Rose Silveira, paraense residente em São Paulo. A pesquisa foi realizada em centenas de documentos administrativos, relatórios de governo, matérias de jornais, letras de música, fotografias e outras fontes pertencentes a arquivos e bibliotecas do Pará e aos arquivos eletrônicos do Center for Research Libraries. A obra resulta

da dissertação de mestrado homônima defendida no Programa de Estudos Pós-Graduados de História da PUC-SP, em 2009, sob a orientação de Estefânia Knotz Canguçu Fraga, que assina a apresentação do livro. O historiador Paulo César Garcez Marins (FAUUSP e Museu Paulista) assina o prefácio. Para ele, a pesquisa, ao não se restringir ao aspecto arquitetônico, apresenta uma abordagem original no modo de se investigar os teatros no Brasil. “Tomando como recorte temporal os anos entre o início de sua construção e a conclusão de sua primeira reforma, Rose Silveira levanta camadas de ocultamento – impostas pela memória social ou pela historiografia, e mesmo pelas formas imediatas com que a evocação da memória de um teatro nos vem à mente”. O livro foi publicado em 2010 pela Editora Paka-Tatu, com patrocínio do Banco da Amazônia (Edital de Patrocínios).

COSMOPAULISTANOS: OS CAMINHOS, AS PESSOAS, A CIDADE -  
EXPOSIÇÃO VIRTUAL INTERATIVA E HISTÓRIA PÚBLICA

Marcela Boni Evangelista (USP); Suzana Lopes Salgado Ribeiro (USP)

A apresentação proposta tem como base a exposição virtual interativa “Cosmopaulistanos: os caminhos, as pessoas, a cidade” promovida pelo Museu da Imigração em parceria com a Fala Escrita, empresa responsável pelo registro das narrativas que colorem a exposição através do relato de experiências sobre os bairros da cidade de São Paulo. Trata-se de uma forma inovadora e democrática de produzir documentos acerca da história dos lugares contando com a participação daqueles que vivenciam esses espaços. Uma forma de tornar mais públicas a produção de conhecimentos e sua divulgação, sem contar com facilitadores relacionados à acessibilidade.

HISTÓRIA, ARTE, FOTOGRAFIA, O TEMPO  
PRESENTE E O TERRENO DA FICÇÃO: UMA  
REFLEXÃO SOBRE AS PRODUÇÕES DE REGINA  
SILVEIRA E CARLOS FADON VICENTE

Daniela Maura Ribeiro (USP)

Qual o público, na História Social, para uma reflexão sobre História, Arte, Fotografia, o Tempo Presente e o terreno da ficção pautada na produção de artistas? Essa pergunta motiva a apresentação desta comunicação. O velho debate sobre a Fotografia é ou não uma Arte (que, em certa medida, perdura até hoje) leva-me a pensá-las dentro do terreno da ficção (o debate em torno da representação) o qual as une em um mesmo campo. No século XIX a Fotografia era, principalmente, símbolo da indústria e da ciência, de modo que era vista como duplo do real. Ao longo do século XX e nesta primeira década do século



XXI, percebe-se o contrário: o potencial para a criação de realidades (construção na fotografia), que traz à tona o seu caráter ficcional. Nas Artes Visuais Contemporâneas, observa-se fenômeno semelhante. A mudança de enfoque com relação à representação que dá lugar à ideia de virtual, simulação do real e gera uma realidade em si mesma (ficção). Reflete-se sobre esse panorama por meio dos universos dos artistas Regina Silveira (Porto Alegre, RS, 1939) - uma das pioneiras no uso da imagem fotográfica em obras artísticas, cuja obra tem forte questionamento sobre a representação -, e Carlos Fadon Vicente (São Paulo, SP, 1945) - fotógrafo, cuja obra, desenvolvida como fotografia em si ou inserida em obras audiovisuais e de hiperídia, se conecta à ideia de ficção, entendida no sentido de criação de realidades, nos termos de Boris Kossoy. Ambos iniciam suas carreiras nos anos 1970 e produzem até hoje (ano de 2012). Por conseguinte, a reflexão traz à tona a problematização sobre o estudo do Tempo Presente.

## **ST 26 – Patrimônio e políticas públicas**

*Sexta-feira, 20 de julho, 14h às 16h*

*Local: Sala Nelson Werneck Sodré*

Mediação: Raul Amaro de Oliveira Lanari (UFMG)

O HISTORIADOR E O PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO E  
PROTEÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL EM MINAS GERAIS:  
REFLEXÕES SOBRE O PROGRAMA ICMS CULTURAL

Raul Amaro de Oliveira Lanari (UFMG)

Criado e desenvolvido pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA/MG) a partir do início da década de 2000, o Programa ICMS Cultural foi responsável pela proliferação das atividades preservacionistas no estado. De acordo com a legislação que normatiza o Programa, os investimentos em identificação e preservação do patrimônio cultural são analisados, dando origem a uma pontuação que serve de base para a concessão de recursos oriundos da arrecadação de ICMS pelo estado de Minas Gerais. Voltado para a identificação e proteção do patrimônio local, o programa gerou uma grande demanda por profissionais de diversas áreas, voltada para a realização dos levantamentos e estudos técnicos necessários para processos de inventário, tombamento e registro de bens materiais e imateriais.

Observou-se, então, o surgimento de diversas empresas privadas dedicadas à assessoria aos municípios nas atividades de preservação. Para se ter uma noção exata do alcance do programa, no ano de 2011 656 dos 853 municípios mineiros (aproximadamente 76%) enviaram documentação visando a obtenção de recursos via Programa ICMS Cultural. Dentro desse panorama o mercado de trabalho para o historiador em Minas Gerais observou o aumento da importância das atividades voltadas à preservação do patrimônio cultural. Uma série de desafios se impuseram, então, aos pesquisadores que enveredaram por tais atividades. O presente trabalho tem por objetivo discutir algumas nuances desse ramo de atuação do historiador, notadamente a relação dos mesmos com os poderes políticos e econômicos, além do estatuto concedido a tal atividade dentro das universidades e instituições de pesquisa.

## UMA POLÍTICA PÚBLICA VOLTADA AO PATRIMÔNIO

### DOCUMENTAL: CONCEPÇÕES HISTÓRICAS DO SISTEMA NACIONAL DE ARQUIVOS - SINAR

MOLINA, Talita dos Santos (PUC-SP/CNPq)

Em 25 de setembro de 1978, o Decreto nº 82.308, instituiu o Sistema Nacional de Arquivos – SINAR. No entanto, esse sistema estava voltado somente aos arquivos intermediários e permanentes, tendo em vista os limites impostos na criação, pelo Governo Federal, em 1975, do Sistema de Serviços Gerais - SISG, ao qual se vinculariam os arquivos correntes da Administração Pública Federal. Embora formalmente criado, o Sistema nunca chegou a ser implantado uma vez que trazia em seu bojo dispositivos conflitantes e que não atendiam às necessidades e à realidade de nossos arquivos. Por essa razão, outros sistemas, estaduais e municipais, foram criados ou se encontram em estudos. Somente com a lei nº 8.159/91 é que foi instituído o Sistema Nacional de Arquivos que é utilizado atualmente. Compete ao SINAR promover a gestão, a preservação e o acesso às informações e aos documentos na sua esfera de competência, em conformidade com as diretrizes e normas emanadas do órgão central. Portanto, nesta comunicação pretendo fazer uma discussão historiográfica sobre a criação do SINAR, tendo como representante e orientador dessa política atualmente, o Conselho Nacional de Arquivos – Conarq. Também, a partir de estudos e análises feitas das Atas de Reuniões e Boletins do Conarq e da Legislação Arquivística federal, buscarei levantar questões sobre as normatizações recentes proposta pelos órgãos federais para os arquivos públicos e privados do país.

## INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS:

### REFERÊNCIAS CULTURAIS DO CAFÉ EM RIBEIRÃO PRETO

Lilian Rodrigues de Oliveira Rosa (Rede de Cooperação Identidades Culturais e Secretaria Municipal da Cultura), Adriana Silva (Rede de Cooperação Identidades Culturais e Secretaria Municipal da Cultura)

Esta comunicação oral apresenta as reflexões sobre os resultados do INRC (Inventário Nacional de Referências Culturais) aplicado em Ribeirão Preto, SP. O projeto foi implementado por um grupo multidisciplinar de pesquisadores reunidos na Rede de Cooperação Identidades Culturais, entre os anos de 2009 e 2011. Teve como objetivo mapear e identificar as referências culturais ligadas direta ou indiretamente ao período entre 1870 e 1950, quando o município teve papel de relevância econômica na produção cafeeira nacional. A questão que norteou a pesquisa era se Ribeirão Preto possuía uma paisagem cultural do café, no sentido de conservar bens culturais materiais e imateriais que mantivessem relações simbólicas com a população ribeirãopretana. O texto divide-se em duas partes. Na primeira são expostas reflexões que surgiram ao longo da atividade de pesquisa. Representam fundamentalmente o fruto dos debates entre a equipe multidisciplinar de pesquisadores. Em seguida, o texto apresenta a metodologia do INRC e relata os resultados quantitativos.

## UTILIZANDO A METODOLOGIA DO IPHAN: A CAPELINHA DOS NOIVOS COMO REFERÊNCIA CULTURAL

Luis Moretti (Secretaria de Cultura); Mônica de Oliveira (Secretaria de Cultura)

A presente comunicação oral tem por objetivo apresentar a pesquisa desenvolvida no final de 2011 e começo de 2012 pela Rede de Cooperação Identidades Culturais em Bonfim Paulista, SP. A pesquisa foi realizada por um grupo multidisciplinar de pesquisadores que dentro da metodologia do INRC (Inventário Nacional de Referências Culturais), utilizada pelo IPHAN-SP, identificou-se bens de natureza material e imaterial que possuíam valores simbólicos para a população. Dentro dessa perspectiva, foi levantado pelos pesquisadores, um local onde seus significados mantiveram-se presentes. Conhecida como a Capelinha dos Noivos, este bem guarda consigo importantes referenciais para os moradores do Distrito que fortaleceram ao longo do tempo seus laços afetivos e de pertencimento com o mesmo. A demolição da edificação original e a construção de uma réplica em local próximo provocaram reflexões ao grupo de pesquisa, que atualmente procura medir o impacto desse acontecimento para a população local.

## A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DO PROGRAMA NACIONAL DE INCENTIVO À LEITURA

Ana Cristina Campos Rodrigues (FBN/PROLER)

O Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER) foi fundado em 1992 com o objetivo de promover, integrar e incentivar iniciativas de formação de práticas leitoras. Com sede no Rio de Janeiro, desde o começo se espalhou pelo país, organizado em comitês locais que agem de acordo com as necessidades de cada região. Essa atuação fez com que acumulasse na Casa da Leitura um acervo de memória variado, composto de documentos, fotos, livros, material de divulgação e audiovisual, como cds, dvds e fitas k7. O Programa atravessou sucessivas mudanças governamentais e de direção, fazendo com que esse material não tenha sido armazenado ou catalogado adequadamente, sofrendo deterioração e perda substancial de informações. Com as comemorações dos vinte anos do Programa, procurou-se uma reflexão sobre sua memória, na forma de uma exposição baseada no acervo da Casa da Leitura. Esse movimento também foi na direção de uma reorganização do arquivo, buscando formar um instrumento de pesquisa para os interessados nas políticas governamentais de incentivo à leitura nos últimos vinte anos. A comunicação é um relato da experiência da autora, que trabalha desde 2010 organizando o acervo da Casa da Leitura, construindo um arquivo e começando um movimento de resgate da memória do Programa.

### **ST 27 – Imagens do passado e do presente**

*Sexta-feira, 20 de julho, 14h às 16h*

*Local: Sala Ilana Blaj*

Mediação: Rafael Rosa Hagemeyer (Udesc)

### **CULTURA E POLÍTICA ENTRE FRADINS, ZEFERINOS, GRAUNAS E ORELANAS**

Maria da Conceição Francisca Pires (UFV)

O livro analisa a produção do humor nos tempos da ditadura militar no Brasil. Especificamente a produção humorística do cartunista mineiro Henfil publicada no jornal O Pasquim e na Revista Fradim. O objetivo central é colocar em relevo

o modo como através do humor Henfil desenvolveu e propagou sua crítica à ditadura militar, ao mesmo tempo em que intentava apresentar uma proposta alternativa aquilo a que parecia sentenciada a sociedade brasileira. Com tal análise busca-se assinalar o desenvolvimento de uma produção cultural híbrida, contestadora, irreverente e antiautoritária que soube manejar com especial habilidade a sua condição de marginalidade, fazendo desta sua identidade expressa na linguagem e na forma empregados. Faz parte dos nossos objetivos discutir a associação entre a imprensa alternativa e os movimentos sociais, resultando numa cultura democrática e constituindo um universo hipercrítico e participante que se contrapôs aquele imposto pela ditadura militar, apoiado pela grande imprensa. Ressalta-se a importância da imprensa alternativa para a constituição, num momento de especial restrição das liberdades, de um espaço dialógico onde foram expostas e discutidas premissas de grupos muitas vezes opostos. Finalmente, propõe-se através deste estudo analisar e valorizar a ação engajada da produção humorística de Henfil, percebendo-a como parte da luta política contra a ditadura militar e como construtora de um sentimento de pertença política.

#### CULTURA HISTÓRICA EM REVISTA: VENDO O PASSADO NA ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA (1935-1945)

Marcelo Abreu (UFJF), Aline Ferreira (UFJF)

O trabalho trata dos usos do passado e sua visualização na revista *Ilustração Brasileira* entre 1935 e 1945. Em sua terceira fase, que em parte compreende a vigência do Estado Novo, a revista ilustrada amplia uma tendência que se apresentava nas fases anteriores: a representação do passado nacional combinando texto e imagem. A história era, portanto, posta em imagem dando a ver as comemorações e efemérides, as alterações da vida urbana, as personagens e acontecimentos considerados centrais no passado e no presente. No período do Estado Novo particularmente essa pedagogia cívica dirigida a um público de elite ganharia novo desenvolvimento, ampliando-se ainda mais o espaço dedicado tornar visível a história nacional. A investigação articula-se teoricamente na confluência entre a reflexão acerca dos usos do passado e sobre os regimes de visualidade que caracterizam a experiência social contemporânea.

#### HISTÓRIA & AUDIOVISUAL

Rafael Rosa Hagemeyer (Udesc)

Integrante da coleção *História &... Reflexões*, esta obra apresenta uma síntese das principais discussões sobre a relação entre os registros audiovisuais – cinema, animação, videogames, clipes, etc. – e a história. O autor revela aqui

a importância do audiovisual para a formação e apreensão da história e alerta aos historiadores que a função que lhes cabe, embora não apenas a eles, é fazer a sociedade imaginar a história, seja com palavras apenas, seja com palavras acompanhadas de imagens e sons. Para tanto, discute os problemas e fundamenta a legitimidade do audiovisual como fonte ou objeto de pesquisa historiográfica, além de revelar ao leitor a histórias audiovisuais, o desenvolvimento de suas técnicas e linguagens e o que é apresentado nessas ferramentas, traçando um paralelo entre a veracidade do registro e o poder evocativo das simulações audiovisuais e a história. Finalmente, aborda as modalidades de narrativa mais comuns na expressão audiovisual do conhecimento histórico. Debatendo os usos da História como argumento de ficção, documentários e gêneros híbridos, o autor discute os diversos modos de elaboração de enredo e suas implicações, para além da questão do realismo e das reconstituições.

## A REPRESENTAÇÃO DO ARRANHA-CÉU NA CHARGE DE J. CARLOS E A SUA APROPRIAÇÃO PELO PÚBLICO FRUIDOR DAS REVISTAS ILUSTRADAS NO RIO DE JANEIRO NA ERA VARGAS

Gianne Maria Montedônio Chagastelles (UFRJ)

Este estudo aponta para a construção da história a partir da análise das representações dos arranha-céus nas charges de J. Carlos na Era Vargas. A imagem adquire sentido quando se percebem as múltiplas teias que a enlaçam ao contexto histórico e à vida social em que se insere e, ao mesmo tempo documenta. Proponho a discussão da ampliação das fontes da análise histórica, incluindo como corpus do trabalho as fontes visuais. Na análise visual, os significados não são tomados como dados, mas como construção cultural. Isso abre um campo para o estudo dos diversos textos e práticas culturais, admitindo que a sociedade se organize, também, a partir do confronto de discursos e leituras de textos de qualquer natureza – verbal, escrito, oral ou visual. A percepção do mundo como representação, formado através das séries de discursos que o estruturam leva a uma reflexão sobre o modo como essa configuração pode ser apropriada pelos fruidores das imagens que dão a ver e a pensar o real. Opera-se o interesse de pesquisar as práticas de fruição, ou seja, o processo por intermédio do qual é produzido historicamente um sentido e construída diferenciadamente uma significação. Assim, busco perceber como estes discursos afetam o fruidor e o conduzem a uma nova norma de compreensão de si próprio e do mundo.

A SÃO PAULO ALEMÃ REVELADA NAS FOTOS DE MILITÃO  
AUGUSTO DE AZEVEDO EM MEADOS DO SÉCULO XIX

Adriane de Freitas Acosta Baldin (USP)

Este artigo pretende elucidar, através das fotos urbanas de Militão Augusto de Azevedo, a participação fundamental de artífices e engenheiros alemães na construção da cidade de São Paulo, em meados do século XIX. As imagens urbanas feitas pelo fotógrafo associadas aos relatos dos viajantes e à documentação primária referente as obras públicas nos possibilita visualizar uma cidade feita com mão de obra alemã, em sua maioria. Pretende-se demonstrar, através das fontes citadas, que São Paulo na década de 1850 viveu um intenso período de obras, antes mesmo da construção da ferrovia. Sendo fundamental nesta reurbanização a presença do imigrante alemão.

## **ST 28 – Sujeitos próximos e distantes**

*Sexta-feira, 20 de julho, 18h30 às 20h30*

*Local: Sala Caio Prado Jr.*

Mediação: Alvaro Fernando Rodrigues da Cunha (USP)

## **A MEMÓRIA DA MORTE PUBLICIZADA**

Rogério Bianchi de Araújo (UFG/CAC)

Existem vários mecanismos que podem tornar a morte pública, ou se preferir, a morte publicizada. Entre eles destaca-se o obituário, o discurso fúnebre, os necrológios, os epitáfios, os testamentos e as notas de pesar. Muitos desses estão gravados na história tornando-se documentos importantes e parte da memória da humanidade. Neste trabalho pretendo discutir como a morte é publicizada, não só com os referenciais de importantes personagens históricos, mas também com a publicação da morte dos anônimos através da mídia impressa, e hoje, com a divulgação por meio eletrônico. Os artifícios de memória e recordações daqueles que já se foram são interessantes porque povoam o nosso imaginário. A temática da morte é parte intrínseca de relações históricas e sociais construídas no imaginário e nas práticas humanas, daí a importância de se analisar esse memorial. A morte quase sempre é considerada um dos temas tabus das civilizações humanas. Diante disso, pensar a história tornada pública daqueles que já se foram configura o espírito de uma época e dignifica as ausências, trazendo aspectos da vida na representação da morte. De certa

forma, os dizeres destes documentos fazem com que sentimos a presença e a vida dos indivíduos entre nós. Ameniza a ausência, ao mesmo tempo em que dá uma justa homenagem àqueles que já se foram, ou como se fala popularmente, “partiram dessa para uma melhor”. Essa comunicação faz parte de um projeto em que discuto o imaginário da morte no Ocidente e na contemporaneidade, sob um ponto de vista transdisciplinar e com a fundamentação antropológica de Edgar Morin, principalmente na sua obra “O Homem e a Morte” e também na obra de Gilbert Durand “As Estruturas Antropológicas do Imaginário”.

## A REDESCOBERTA DA ARTE TUMULAR DE ALFREDO OLIANI

Viviane Comunale (Unesp)

A presente comunicação tenta amenizar as inquietações que surgiram ao longo da pesquisa de campo feita no cemitério Nécropole São Paulo. A pesquisa analisava as obras o qual chamamos de arte profana presente dentro dos cemitérios. Artistas de prestígio como: Ramos de Azevedo, Victor Brecheret e Leopoldo e Silva, deixaram a sua contribuição dentro dos cemitérios, assim como os artistas anônimos, que mantinham em suas marmorarias catálogos de peças que poderiam ser produzidas em série. Investigando os túmulos no cemitério Nécropole São Paulo nos deparamos com duas obras monumentais feitas em bronze: O ultimo adeus e Triste separação. Ambas foram projetadas por um artista chamado Alfredo Oliani. Ao levantar a bibliografia do artista, percebemos que as fontes carecem de mais informações, tendo em vista que não apresentam credibilidade suficiente para pautar uma pesquisa. O projeto então tem se enveredando para esse aspecto: descobrir de fato quem foi o escultor Alfredo Oliani; como ele se dedicou a trabalhar em arte tumular e o mais importante por que ele não é mencionado na história como os outros artistas de seu tempo.

## PLANO DE CRUZAMENTO EM ORALIDADE E ESCRITURALIDADE

Alvaro Fernando Rodrigues da Cunha (USP)

O trabalho tem por objetivo demonstrar aspectos da tradição oral nas narrativas. Elas são veículos de manutenção e divulgação da identidade étnica dos grupos que as falam, de modo a possibilitar o estabelecimento e a paridade absoluta nas diferentes circunstâncias de mudanças à que se submetem? Desenvolvemos uma teoria de análise em oralidade e escrituralidade, pois parece-nos trabalhoso e nada coeso tomarmos narrativas e interpretarmos à luz das propostas de BRUNER (1991); LABOV (1997) e VANSINA (1982), embora



as teorias dos autores supra serem relevantes. Se juntássemos as análises de narrativas — de Labov (1997) que busca os aspectos linguísticos das narrativas orais; Bruner (1991), que estuda o pensamento humano, julgando as pessoas pensarem narrativamente; e Vansina (1981), que dispõe sua proposta de análise à tradição oral, porém com viés a uma teoria de interpretação histórica a qual se valha da tradição oral como formas de documentar o passado, ou seja, pretende encontrar a verossimilhança histórica que as narrativas contêm — chegaríamos fatalmente a um resultado satisfatório, mas não uno, como uma teoria única de análise, pois o resultado é a soma dos apontamentos das teorias desses autores. Um plano traçado para este fim, ou seja, uma teoria de cruzamento em narrativas que pretenda atingir os fins para os quais nos propusemos é mais didático e objetivo. Assim, criamos o PLANO de CRUZAMENTO em ORALIDADE e ESCRITURALIDADE.

## HISTORIA ORAL E TRADIÇÕES NO GRANDE ABC

Alfredo Oscar Salun (UniABC/Anhanguera)

Esta apresentação refere-se ao projeto que desenvolvemos junto ao Grupo de Estudos Regionais e Pesquisa (UniABC/Anhanguera), contando com a participação de graduandos de cursos de História e Pedagogia, sobre a importância da realização na educação básica de trabalhos referentes à oralidade, história de família, história regional e temas ligados ao Grande ABC e a zona leste de São Paulo. Diversas pesquisas efetuadas no GERP perpassam pela região do Grande ABC paulista e versam sobre história da família dos próprios graduandos, estabelecendo um diálogo estimulante com a história do bairro, município, festas e tradições regionais que freqüentam. Durante a realização das entrevistas, orientamos que ao restituir as experiências dos moradores/famíliares/colaboradores, solicitem o fornecimento de fotografias, documentos pessoais e outros materiais iconográficos para digitalização. O fomento de trabalhos sobre preservação da memória familiar foi o primeiro trabalho do GERP com os graduandos do curso de pedagogia, que se sentiram sensibilizados pela proposta e tornaram seus semeadores no ambiente escolar, já que dentre os objetivos que nortearam a criação desse projeto, estava o de capacitar e estimular os futuros profissionais de educação na realização de trabalhos semelhantes com seus alunos. Esperamos que essas ações possam contribuir na construção dos laços de identidade entre a comunidade e a unidade escolar, ao se empenharem nos estudos das transformações da região em seus aspectos sociais, ambientais, econômicos e de urbanização. Os resultados desse projeto estão disponibilizados digitalmente no “Acervo de História Oral e Tradições” que foi idealizado para divulgação e socialização dos trabalhos, cumprindo uma função social apontada por José Carlos Sebe

Bom Meihy (2005), como parte fundamental do trabalho com a oralidade, que é a devolutiva para a sociedade e os colaboradores.

**NARRATIVAS FOTOGRÁFICAS – A INTERFACE ENTRE O RELATO DE CAMPO E O USO DA FOTOGRAFIA NOS ESTUDOS MIGRATÓRIOS DE UMA COMUNIDADE BOLIVIANA EM SÃO PAULO**

Vanessa Generoso Paes (USP)

A perspectiva desta comunicação é estabelecer conexões entre o relato de campo e o uso da fotografia como contribuição metodológica para os estudos migratórios contemporâneos. Assim, partimos do pressuposto que a fotografia está longe de ser um documento neutro, pois esta cria novas formas de documentar a vida em sociedade ao ser entrelaçada com as interfaces do relato de campo. O uso da fotografia como fonte para os estudos migratórios pode problematizar temas ligados à vida cotidiana, aos rituais religiosos e aos processos sociais do viver em sociedade; são documentos que tanto informa quanto permitem a análise das representações dos espaços públicos vivenciados pelos sujeitos sociais. Neste artigo, faremos uso das fotografias tiradas em uma inserção de pesquisa de campo para explicar um fenômeno sociocultural de uma comunidade boliviana em São Paulo, o qual pode ser interpretado como híbrido e como processo de transculturação de uma comunidade de migrantes na cidade de São Paulo, ao traduzir um cerimonial que ocorre na Bolívia para o contexto brasileiro.

## **ST 29 – O passado em circulação**

*Sexta-feira, 20 de julho, 18h30 às 20h30*

*Local: Sala Nelson Werneck Sodré*

Mediação: Juliana Martins Alves (IFET)

**HISTÓRIA LEVADA A PÚBLICO. DIREITOS SOCIAIS EM “REVISTA” NOS BOLETINS DO MINISTÉRIO DO TRABALHO NOS ANOS 1950**

Juliana Martins Alves (IFET)

Considerando que a consciência e a cultura histórica de um povo em uma determinada época e sociedade são, em grande medida, “moldadas pelas visões

do passado que lhe chegam por variados meios de publicização” da História; bem como os sentidos que a História e a memória podem adquirir quando levadas a público, esta comunicação pretende refletir sobre a “história dos direitos sociais do trabalho”, veiculada a público, nos Boletins do Ministério do Trabalho (Nova Série) nos anos 1950, durante o segundo governo presidencial de Getúlio Vargas (1951-1954). Ancorando-se na temática das formas de apresentação pública da História, relacionada tanto a processos de “educação histórica”, como de construção de memórias, a exposição objetiva: 1) identificar as relações entre a “evolução histórica” das Leis Sociais e os “grandes marcos” da História do Brasil, apresentados na referida publicação, conformando uma dada maneira de representação do passado. E 2) analisar as razões, objetivos e significados desse contínuo processo de publicização da Legislação Trabalhista e Sindical, após a eleição de Vargas em 1950.

ANALISANDO PADRÕES CULTURAIS EM GRANDES COLEÇÕES DE  
DADOS: 2200 CAPAS DA REVISTA VEJA (1968-2012)

Marcio Emilio dos Santos (SWS-UFJF), Cícero Inácio da Silva Laboratório de  
Estudos do Software Universidade Federal de Juiz de Fora (SWS-UFJF)

O aumento da capacidade de análise computacional de dados está levando os cientistas da computação e designers para o desenvolvimento de novas funcionalidades para visualizar e entender os artefatos culturais de uma maneira diferente. Os cientistas sociais, pesquisadores humanidades digitais estão investigando como criar o que podemos chamar de “algoritmos culturais” para descobrir ou revelar as novas tendências sobre um campo de investigação que pode ser relacionado aos estudos de cinema, literatura, história, comunicação e assim por diante. Seguindo a abordagem teórica criada por Lev Manovich sobre os estudos relacionados com a “análise cultural”, este trabalho irá apresentar uma pesquisa de um ano sobre a visualização de toda a coleção de capas da revista *Veja*, considerada a mais importante revista semanal no Brasil. A visualização que criamos em nosso laboratório na Universidade Federal de Juiz de Fora ([www.ufjf.br/sws](http://www.ufjf.br/sws)) e demonstra usos práticos para visualização cultural, uma vez que pode oferecer análises críticas e detalhes analíticos sobre todas as capas, como o gênero que é mais frequente nas capas (masculino), as cores que a revista usa regularmente etc. Nós também podemos usar algoritmos de reconhecimento de imagem para que possamos cruzar os dados com a Wikipédia, por exemplo, e descobrir quem foi mais frequentemente apresentado nas capas: por exemplo, políticos ou estrelas da mídia. É finalmente analisar conteúdos das manchetes, o tratamento dado as informações históricas e relacionar com períodos desde 1968 até a presente data.

A HISTÓRIA NO NOTICIÁRIO INTERNACIONAL DOS JORNAIS FOLHA E  
ESTADO: UM ESTUDO DE CASO DO CONFLITO ISRAELO-PALESTINO

Isabelle Christine Somma de Castro (USP)

Este trabalho tem como objetivo expor e discutir problemas encontrados na cobertura de eventos internacionais em destacados jornais diários brasileiros. O principal argumento é que a contextualização histórica é negligenciada e o emprego de historiadores como fonte de informação é pouco valorizado. A atualização diária do noticiário ainda apresenta outros problemas como o uso de termos equivocados, a perpetuação de estereótipos e o que Edward Said descreveu como Orientalismo. Isso ocorre, entre outros, no conflito israelo-palestino, um dos objetos de estudo de caso da dissertação “O Orientalismo na Imprensa Brasileira. A representação de árabes e muçulmanos nos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo antes e depois de 11 de setembro de 2001”. O resultado disso é que os jornais pesquisados produziram, muitas vezes, um relato quase incompreensível para o leitor. Pretende-se discutir também o papel do historiador diante deste problema, que passa por questões como o pouco interesse de professores da disciplina em dar entrevistas e a necessidade da formação e valorização de historiadores do presente. Pretende-se também oferecer algum subsídio sobre os dilemas do outro lado, ou seja, de quem escreve, com base na experiência de jornalistas. A conclusão abrangerá sugestões para uma melhor cobertura de eventos internacionais por jornais brasileiros.

CULTURA POLÍTICA, IMPRENSA E INTERPRETAÇÕES  
DO PASSADO: O JORNAL NOTÍCIAS POPULARES  
E A INTERPRETAÇÃO LIBERAL SOBRE O  
MOVIMENTO DE 1932 (1963-1964)

Larissa Raele Cestari (CPDOC-FGV)

A imprensa como objeto da história política, e não apenas como fonte, adquire importância quando destacamos o seu papel de instrumento estratégico de determinados grupos para levar até o público suas ideias e propostas, buscando o convencimento da sociedade e a intervenção na vida política de um país. Nesse sentido, a imprensa é, também, um importante vetor de difusão e socialização de determinada cultura política, já que, num campo de batalha formado por bens simbólicos, a imprensa “didatiza” os elementos que compõe uma cultura política, entre eles, visões do passado, que são mobilizados nas lutas do presente. No Brasil, durante o governo de João Goulart (1961-1964), líder do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), a imprensa teve destacada atuação, participando do embate político-ideológico daquele momento. Entre os periódicos da época,

destacava-se o jornal Notícias Populares, veículo de um setor da elite liberal paulista, capitaneada por Herbert Levy, então presidente nacional da União Democrática Nacional (UDN) e um dos mais preeminentes membros do empresariado paulista. No combate ao governo Goulart e às esquerdas e na busca pela hegemonia do seu projeto político, Levy buscou, através do jornal Notícias Populares, difundir e socializar uma cultura política liberal entre os trabalhadores urbanos. Como parte da grade de leitura oferecida pelo jornal estava uma visão do passado, sobre a “revolução constitucionalista de 1932”, que foi utilizada pelos liberais paulistas como exemplo a ser seguido na defesa das instituições democráticas que, supostamente, estariam ameaçadas pelo governo e pelas esquerdas. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é analisar a apropriação que a elite liberal paulista fez do movimento de 1932, na conjuntura do governo Goulart, e sua veiculação para as classes trabalhadoras através do jornal Notícias Populares.

AS ESCRITAS DE FRANCISCO ADOLFO DE VARNHAGEN E A HISTÓRIA DA  
HISTÓRIA DO BRASIL NAS PÁGINAS DA REVISTA DO IHGB (1840-1878)  
Renilson Rosa Ribeiro (UFMT)

Esta comunicação tem por objetivo desenvolver uma análise das representações do ofício de historiador e da escrita da história do Brasil produzidas por Francisco Adolfo de Varnhagen, o visconde de Porto Seguro (1816-1878), a partir de seus escritos publicados na Revista do IHGB, entre os anos de 1840 e 1878, destacando as tensões e disputas presentes no contexto de produção de sua obra dentro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Para além de perceber suas afiliações com o projeto de história nacional do grêmio, criado em 1838, no contexto das revoltas regenciais, procurar-se-á enfatizar as especificidades da proposta de Varnhagen em relação à construção de uma história geral do Brasil.

## **ST 30 – História, cultura e patrimônio**

*Sexta-feira, 20 de julho, 18h30 às 20h30*

*Local: Sala Ilana Blaj*

Mediação: Patrícia Bruno (UFPI/Capes)

## “VISITAS GUIADAS”: RECONHECENDO UM PATRIMÔNIO MUNDIAL.

Maíra Ielena Cerqueira Nascimento (Subsecretaria de Estado do Patrimônio Histórico e Cultural/Secretaria de Estado da Casa Civil/Governo do Estado de Sergipe)

“Visitas Guiadas” é um projeto de educação patrimonial desenvolvido pela Subsecretaria de Estado do Patrimônio Histórico e Cultural (SUBPAC), instituição componente do organograma do Governo de Sergipe que tem como missão salvaguardar e divulgar os bens tombados ou de interesse cultural do Estado. Através dele, estudantes e professores das redes pública e privada da cidade de São Cristóvão, antiga capital do Estado de Sergipe, conhecem os principais monumentos localizados na Praça São Francisco, consagrada em agosto de 2010 como 18ª sítio do Patrimônio Mundial no Brasil, a saber: Igreja e Convento de São Francisco, Museu de Arte Sacra, Santa Casa de Misericórdia, Museu Histórico de Sergipe, Biblioteca Municipal Lourival Batista, Casa do Folclore Zeca de Norberto, Museu Histórico de Sergipe e Escritório Técnico do IPHAN. Desde 2010, quando teve início, até 2012, um público de cerca de três mil pessoas foi contemplado pelas seis edições da ação, que hoje conta com amplo reconhecimento e apoio da população sancristovense. Diante de tamanho sucesso, grupos da sociedade civil organizada passaram a integrar o calendário de “Visitas Guiadas”, que hoje atende a um vasto público: unidades de ensino, universidades, associações de jovens e idosos, irmandades religiosas, grupos folclóricos, etc.. Por meio desse projeto, a História das origens de Sergipe é narrada, compartilhada e democratizada, de forma tal que pessoas das mais diversas faixas etárias e níveis de escolaridade têm acesso a instituições de memória e monumentos significativos não só ao município, mas ao Estado como um todo. Assim, se constrói uma relação de amor, respeito e zelo entre comunidade e patrimônio edificado, notadamente com a Praça São Francisco – um bem sergipano, um Patrimônio da Humanidade.

## EXPOSIÇÃO PATRIMONIAL E HISTÓRICA DO CENTENÁRIO DA ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL CARLOS DE CAMPOS

Nilton Cesar Alves (Etec Carlos de Campos)

A Escola Profissional Feminina - hoje Escola Técnica Estadual Carlos de Campos comemorou seus cem anos no dia 28 de setembro de 2011. Nesta data foi aberta ao público uma exposição que mostrou a produção atual da escola nas suas mais variadas áreas de formação, assim como espaços de caráter museológico, contando um pouco da sua história de ensino técnico, a partir dos objetos que constituem parte do acervo do Centro de Memória

da ETEC Carlos de Campos. Os espaços foram divididos em temáticas que melhor ajudassem ao visitante entender a importância dos equipamentos e o seu contexto. O Salão Principal agregou desde livros do caráter pedagógico, para-didáticos, autorais da instituição, dentre outros objetos, mas com destaque principal para o Estandarte Estudantil, todo em tecelagem manual, com fios de ouro, perolados e bordados. Os quatro espaços foram criados partindo de uma metodologia didática, possibilitando o entendimento para as áreas de Corte, Costura e Bordados - curso este da fundação da escola e mantido depois como disciplina até os anos oitenta no curso de Economia Doméstica; a sala de Tecnologias mostrando a modernidade de equipamentos como o projetor de cinema da década de quarenta; a sala de química orgânica e nutrição, mostrando os primórdios da instalação do Primeiro Dispensário de Puericultura do Estado de São Paulo, datado de 1931; e o último espaço com a mecanografia, expondo as máquinas de calcular e de escrever referentes as aulas de Técnicas Comerciais da década de dez. Esta viagem no tempo e espaço agregou uma metragem de cento e cinqüenta metros quadrados onde público pôde apreciar e compreender um pouco da história da escola assim como o que ela é hoje e puro resultado do que foi construído no passado, sustentando e afirmando o que o lema diz em seu braço: “Per Laborem, Ad Honorem”.

## A MEMÓRIA DO PATRIMÔNIO CULTURAL TOMBADO EM PONTA GROSSA - PARANÁ

Marcia Maria Dropa (UEPG); Liz Fernando de Souza (UEPG)

O patrimônio cultural, inclui tanto o Patrimônio Histórico quanto o Patrimônio Natural. A ênfase deste trabalho é o Patrimônio Histórico Edificado, quer dizer, o patrimônio construído pela sociedade, por meio da acumulação de esforços, mostrando sua capacidade construtiva, através dos tempos. Uma das questões relativas ao Patrimônio é sua instância jurídica, pois envolve aspectos de natureza pública e privada. Por este motivo torna-se necessário conhecer o amparo legal relativo às ações preservacionistas, tanto em termos de Nação, quanto em termos de estado e município. O resgate histórico dos bens tombados foi vinculado ao processo de crescimento urbano, social e cultural da cidade. Tal resgate se fez necessário pela rapidez com que Ponta Grossa está perdendo, pela destruição, o seu patrimônio edificado. A descrição arquitetônica dos prédios evidenciou uma série de fatores como: qualidade dos conjuntos construídos, qualidade da mão de obra, bem como a evidência de uma estrutura social, muito ligada aos discursos de poder, crescimento e progresso. Constatou-se que as construções podem ser fontes novas e inesgotáveis na elaboração de uma nova concepção histórica, que está em permanente evolução. Neste contexto, o acervo do Patrimônio cultural por intermédio do patrimônio edificado, deve ser abordado além de seus valores históricos e artísticos, deve ser visto como

produto da fabricação, apreendido por meio da memória do fazer. E para entender a amplitude, hoje delegada ao Patrimônio Cultural Urbano, temos que conhecer a cidade e a memória histórica e afetiva, selecionada por seus habitantes. De posse de uma nova referência, o historiador pode encontrar um caminho mais profícuo nesse universo de simbologias do Patrimônio.

O PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO RURAL DO CAFÉ EM  
RIBEIRÃO PRETO (1870-1930): POLÍTICAS DE  
PRESERVAÇÃO E CONSERVAÇÃO DOS EDIFÍCIOS

Juscélia Vitória Teixeira Fiuza (SMC-PMRP); Ana Carolina Gleria (Mackenzie)

O trabalho terá como base às atividades de pesquisa que vem sendo levadas a cabo no “Inventário Nacional de Referências Culturais de Ribeirão Preto”, parte das atividades da Rede de Cooperação de Identidades Culturais, colegiado de pesquisadores multidisciplinares oriundos de entidades de Ensino Superior, técnicos do poder público municipal (Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto-Secretaria Municipal da Cultura) e federal (IPHAN) e de outras instituições e órgãos afins. Os anos de 1870 a 1930 foram marcados na cidade de Ribeirão Preto pelo desenvolvimento intensivo da lavoura cafeeira, que fomentou o desenvolvimento da cidade e sua região, ativando transformações sociais e culturais e permitindo o surgimento de uma nova burguesia agrícola empresarial, e com importantes reflexos na arquitetura. Portanto, a importância do reconhecimento e estudo da arquitetura rural da produção cafeeira dos séculos XIX e XX na região de Ribeirão Preto parte de uma ampla compreensão de suas bases históricas, sociais e econômicas, bem como a preocupação com a preservação, uma vez que devido às novas dinâmicas produtivas, o patrimônio arquitetônico está sofrendo risco de descaracterização e demolição. Para tanto, será apresentado os levantamentos da área rural que estão em andamento, para elaboração do Inventário de Ribeirão Preto, de maneira a retratar os exemplares remanescentes bem como o estado de conservação e preservação. Propõe-se ainda, a discussão das políticas públicas de apoio a conservação do patrimônio a fim de auxiliar os proprietários, muitas vezes destituídos da noção de patrimônio.

ARQUITETURAS PRÉ-HISTÓRICAS E MODELOS DE RECONSTITUIÇÃO

Patrícia Bruno (UFPI/Capes)

A apresentação baseia-se na tese de doutorado da autora, intitulada “Arquiteturas de terra nos espaços domésticos Pré-históricos do Sul de Portugal. Sítios, estruturas, tecnologias e materiais”, no âmbito do programa de doutorado em História, na especialidade de Pré-história, da



Universidade de Lisboa, Portugal. O trabalho compreendeu o estudo e a análise de vestígios arquitetónicos existentes em povoados pré-históricos do Sul do atual território português, sobretudo numa perspetiva tipológica e tecnológica. Foram apresentadas algumas leituras sobre as arquiteturas domésticas, com o objetivo de contribuir para a interpretação e reconstituição desses espaços, mediante a formulação de novas hipóteses de trabalho. Partindo da análise das estruturas de cariz doméstico existentes num conjunto de sítios, procurou-se, ao longo da tese, caracterizá-las, tendo em conta aspetos como a forma, a tipologia, os sistemas construtivos e os materiais empregues. Os casos de estudo proporcionaram uma noção mais aproximada de alguns dos modos de construir, contribuindo também para a interpretação e reconstituição das estruturas analisadas. Na apresentação que proponho para este simpósio, destacar-se-ão as metodologias utilizadas na caracterização dos materiais e na análise das estruturas arquitetónicas de três sítios arqueológicos tomados como casos de estudo, as quais permitiram elaborar modelos tridimensionais de reconstituição das arquiteturas desses povoados pré-históricos. A elaboração e a apresentação de modelos de reconstituição de estruturas arquitetónicas revestem-se de grande importância para o processo interpretativo e para a compreensão dos sítios arqueológicos pré-históricos. Numa perspetiva educacional e didática, em sítios visitáveis, facilitam ao espectador “comum” a compreensão de modelos e modos de vida dificilmente inteligíveis através da mera observação dos vestígios arqueológicos.

## **ST 31 – Comemorar para lembrar**

*Sexta-feira, 20 de julho, 18h30 às 20h30*

*Local: Sala Edgar Carone*

Mediação: Ane Ferrari Ramos Cajado (Museu do TSE)

COMMEMORATING THE CIVIL WAR IN THE UNITED STATES AND IN AMERICANA, SAO PAULO

Karina Garcia (West Virginia University)

For the 2012 International Symposium on Public History and its Publics in Sao Paulo, Brazil, I plan to compare the efforts of the United States government to commemorate the 150<sup>th</sup> anniversary of the Civil War, particularly through the National Park Service (NPS), with the commemorative efforts of the

descendants of Confederate citizens who reside in Americana, Sao Paulo. In the United States, The NPS effort to commemorate the 150<sup>th</sup> anniversary of the American Civil War emphasizes themes such as emancipation and freedom, and military engagements between Union and Confederate armies. The NPS is also commemorating the Civil War by linking the conflict to the Civil Rights movement of the 1960s as well. The NPS is approaching the 150<sup>th</sup> anniversary with an emphasis on commemoration, not celebration of the Civil War, in order to avoid the interpretive mistakes during the centennial celebrations. After the American Civil War, approximately 20,000 Confederates moved to Brazil in the 1860s and helped establish the town of “Americana” in Sao Paulo. There are descendents of these Confederates still residing there today and they put together commemorations of the American Civil War, keeping southern US traditions such as food, antebellum clothing, and music, alive within their communities. Thus, in “Americana,” Brazil, the Civil War commemoration focuses more on popular culture and southern identity, as opposed to the meta-narratives of emancipation and freedom. The Foundation I will be working for this summer in Americana, Brazil, preserves records of the yearly commemorations of the descendants. In addition, I have made connections with some descendents of the Confederacy residing in the region and will be conducting oral interviews. In the light of the commemoration of the Civil War currently in progress, I believe this comparative project will add a unique perspective on the role of transnational studies and the ties between identity and commemoration to the Public history community.

## INSTITUCIONALIZAÇÃO E CONCEPÇÃO DO MUSEU DO TSE

Ane Ferrari Ramos Cajado (Museu do TSE)

O trabalho tem o objetivo de relatar a experiência de revitalização e institucionalização do Museu do Tribunal Superior Eleitoral, cuja missão é pesquisar, preservar e difundir a história eleitoral brasileira e a memória da Justiça Eleitoral, com observância aos valores institucionais, a serviço da sociedade e do fortalecimento da democracia. Para isso, estruturamos o trabalho em três partes. Na primeira, descrevemos as etapas envolvidas com o processo de institucionalização de um Museu no âmbito do TSE, incluindo a sua regulamentação feita conforme às diretrizes do Plano Museológico, elaborado coletivamente com os representantes de cada uma das áreas do Tribunal. A segunda parte refere-se à elaboração da curadoria histórica e pedagógica do Museu. Para construí-la, nos apoiamos em dois fundamentos: o plano curatorial e a abordagem de Reinhart Koselleck. O Plano Curatorial, documento que contém as diretrizes para o desenvolvimento do conteúdo histórico a ser abordado e que partiu da compreensão das eleições como fenômeno complexo que se realiza em dois planos. Por um lado, as eleições

são uma experiência oficial, tendo em vista que acontecem por iniciativa do Estado, que formula as regras do jogo político. Por outro, há uma série de práticas experimentadas pelos sujeitos que partilham do universo eleitoral, práticas essas que possuem uma lógica própria, com pontos de aproximação e de distanciamento do quadro legal proposto oficialmente. A apropriação da abordagem de Koselleck foi motivada pela necessidade de explicitar o caráter dinâmico da história, fazendo com que o Museu se constituísse em espaço de articulação de diferentes temporalidades: passado, presente e futuro. Nesse sentido, buscamos construir uma proposta que inspirasse o visitante do Museu do TSE a refletir criticamente sobre seu presente e ainda questioná-lo sobre que tipo de cidadania e democracia ele desejaria para o futuro.

## O ÍNDIO DENTRO DO MUSEU/O MUSEU DENTRO DO ÍNDIO:

### ANÁLISE DO MUSEU ÍNDIA VANUÍRE DE TUPÃ/SP

André Luís Tondato (DSA/FFC-Unesp); Bianca Gonçalves de Souza (DSA/FFC-Unesp); Bruna Lúvia Guandalim (DSA/FFC-Unesp); Rodney Lanzoni Fagundes (DSA/FFC-Unesp); Wahuane Maraiva Faria B. P. da Silva (DSA/FFC-Unesp)

Em maio de 2012, participamos do “1º Encontro Paulista Questão Indígena e Museus e 3º Seminário Museus, Identidades e Patrimônio Cultural”, em Tupã/SP, durante os quais pudemos acompanhar profissionais de diversas áreas refletindo sobre o museu indígena, identidades, patrimônio e as etnias brasileiras. Tais eventos aconteceram no Museu Histórico Pedagógico Índia Vanuíre, fundado em 1966, possuidor de uma das maiores coleções institucionalizadas de objetos indígenas no Brasil - 38 mil - sendo que a maioria dos objetos expostos não remetem às etnias que vivem na região de Tupã (Kaingang e Krenac), mas a grupos da Amazônia Brasileira (de Kaiapós a Yanomamis) e aos imigrantes europeus que colonizaram a região. O museu é gerido pelo poder estadual, juntamente com entidades governamentais que fomentam ações culturais. A inquietação que surgiu durante o evento foi, quem é o índio que o museu quer mostrar ao público? Que história sobre os índios o museu quer nos contar? O objetivo do trabalho é promover uma reflexão sobre o índio que está dentro do museu, pensando conjuntamente a questão das identidades indígenas locais. E, dessa maneira, por meio de um relato de experiência, pensar qual(is) história(as) o museu compõe para dizer que são os índios e o papel que eles representam em face da identidade nacional e regional. O referido museu - cujo nome é de uma índia que contribuiu para a paz em conflitos locais - é um estabelecimento feito por não-índios. A narrativa retrata um índio que não existe mais no Brasil, um índio romantizado, exótico. Tal observação etnográfica, baseada na análise do acervo, aponta no sentido de

captar quem é o índio na região de Tupã/SP e qual é o índio que está dentro do museu, detentor de um discurso que visa documentar quem são os índios brasileiros.

## ESTUDOS TEMÁTICOS NA PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE SÃO PAULO

José Antonio Chinelato Zagato (Unidade de Preservação do Patrimônio Histórico da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo), Sílvia Ferreira dos Santos Wolff (Unidade de Preservação do Patrimônio Histórico da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo)

Apresentação dos modos de atuação na instrução dos processos e estudos técnicos da UPPH, Unidade de Preservação do Patrimônio Histórico da Secretaria de Estado da Cultura, que subsidiam as decisões de tombamento do Condephaat, órgão de preservação oficial do patrimônio cultural do Estado de São Paulo. Pretende-se enfatizar a opção de realizar estudos com recorte temático que buscam agrupar bens culturais segundo sua função – Ferrovias, Escolas da Primeira República e Casas de Câmara e Cadeia/Fórums – como forma de aproximação ao objeto, coleta de documentação e posterior avaliação da pertinência de tombamento. A opção de avaliação de bens culturais inseridos em séries tem se mostrado produtiva ao permitir análises comparativas, que não deixam de considerar aspectos de outra natureza, como autoria ou espacialização territorial, no quadro de produção da cultura material paulista. Os referidos estudos se encontram atualmente em etapas distintas de análise e reconhecimento de sua importância cultural, o que tem permitido a reflexão sobre a dialética que se estabelece entre campos do conhecimento e de produção material que, a princípio, estariam desvinculados. Como consequência, a escolha de bens representativos destas séries tem sido mais criteriosa, com vistas a uma contribuição explicativa dos processos culturais do Estado. Espera-se comunicar com maior clareza à sociedade as motivações das escolhas dos bens tombados, quando apoiados na compreensão do conjunto de que fazem parte. Tem-se com esta opção a perspectiva futura de divulgação da história paulista e a valorização da memória, visando ao envolvimento coletivo para a preservação do Patrimônio Cultural.

## **Sessões de pôsteres**

*Local: Saguão do CAPH – Centro de Apoio à Pesquisa em História*

### **SP 01 – Múltiplas dimensões da memória**

*Terça-feira, 17 de julho, 16h às 16h30*

Comentadora: Xênia Salvetti

#### **MUTALAMBÔ: MEMÓRIA, TRAJETÓRIA E BIOGRAFIA DE UM BABALORIXÁ SERGIPANO**

Martha Sales Costa (UFSE)

Por intermédio da trajetória de vida do Babalorixá sergipano, mais conhecido como “Antônio Mutalambô”, reconstituída pela memória, pela história oral e traduzida em biografia, pretendemos com a pesquisa em andamento possibilitar uma via de compreensão do contexto histórico e cultural do Candomblé em Sergipe, bem como a contribuição para os estudos acerca do mesmo, ressaltando a diversidade e considerando dentro de sua importância e atualidade, a reduzida quantidade de estudos acadêmicos produzidos em âmbito local, principalmente tomando como base a biografia dos sujeitos construtores desse universo religioso. O paradoxo e os referenciais simbólicos da vivência de sagrado do biografado, tendo sido Babalorixá e também Padre da Igreja Católica Brasileira (ICAB), estarão aí sendo analisados e traduzidos, considerando-se o fenômeno do sincretismo representado nas suas práticas ritualísticas, e como esses aspectos forneceram e materializaram as características da família-de-santo extensa gerada a partir do Centro de Culto Afro Jacutá N’Sahara, terreiro constituído por ele no interior do Estado, bem como se configuram as relações dialógicas e conflituosas com outras famílias-de-santo do Candomblé sergipano. Vale ressaltar que o uso de registros áudio visual, principalmente as imagens em fotografias e vídeo, serão fonte documental de suma importância neste trabalho e um recurso de relevância fundamental.

ARTICULAÇÃO ENTRE ACERVOS, CULTURA ESCOLAR E EDUCAÇÃO HISTÓRICA:  
USOS DE CENTRO VIRTUAL DE MEMÓRIA EM ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE  
Valter André Jonathan Osvaldo Abbeg (Seed/Pr); Samara Elisana Nicareta  
(SME/Ctba)

Encontramos diversos trabalhos que versam sobre a organização de acervos escolares, por mais que este seja um campo limítrofe entre a Arquivologia, a Biblioteconomia, a Museologia é no campo da Educação Histórica que encontramos terreno fértil para a aplicabilidade dos materiais levantados, armazenados e divulgados. Devemos ressaltar que este objeto está sendo muito visitado nas últimas duas décadas em virtude dos estudos culturais realizados em universidades e centros de pesquisa. No entanto, na dimensão da cultura escolar brasileira e paranaense, sabemos como é miraculoso encontrar acervos organizados, com fontes já construídas, relatos orais, memórias ordenadas, discursos e documentos, imagens e representações. O arquivo escolar é um destes legados que, na maioria das vezes, não é compreendido como fonte histórica pela própria comunidade escolar. A instituição pesquisada, estabelecimento público de ensino da região metropolitana de Curitiba desenvolve uma ação “historicizar” este rico material cheio de informações que podem desvelar além da própria história local, as intempéries da cultura escolar da Escola em seus mais diversos tempos e espaços. O estabelecimento em questão oportuniza a construção de um espaço-tempo de referência para produção do conhecimento histórico em consonância com os pressupostos teóricos da nova história cultural, articulando diferentes instrumentais tecnológicos e midiáticos, visto a ausência de espaço físico. Em linhas gerais este estudo aponta que as exigências para a construção de tal complexo remete a necessidade de rever e repensar as ações do cotidiano escolar, priorizando a organização dos acervos, criando hábitos de investigação entre os jovens educandos, grupos de debate e o fomento da vontade, para repensar e teorizar as práticas de documentação. Dentre as dificuldades a serem enfrentadas está no excesso e acúmulo de informações que crianças e jovens dispõem no mundo atual, pois a velocidade dos acontecimentos interfere na concepção de tempo, memória e da própria história.

## TRABALHO VOLUNTÁRIO NAS ESCOLAS DE SAMBA

Fernanda Fernandes dos Santos (Promuspp/EACH/USP)

A pesquisa para a dissertação de mestrado em Mudança Social e Participação Política, pela EACH/USP vem sendo desenvolvida no ambiente das escolas de samba, da cidade de São Paulo. O estudo visa identificar se o trabalho gratuito realizado, por alguns integrantes destes grupos voltados para a realização de uma competição na maior festa popular do país, pode ser entendido como

trabalho voluntário, já que na concepção comum e costumeira, o trabalho voluntário é realizado em ambientes em que os assistidos têm necessidades e carências a serem supridas. E, as escolas de samba não estão locais em que são realizadas caridades. As escolas de samba compõem uma das formas de se brincar o carnaval ela foi criada e desenvolvida com base cultura negra, mesmo o Carnaval tendo origem cristã-judaica. Apesar de hoje o elemento negro já não participar de tantos cargos de comando como no início do século XX, a pesquisa ainda busca identificar no trabalho voluntário nas escolas de samba, resquícios de tradições, de costumes e de filosofias de vida do povo negro. A observação da ocorrência do voluntariado e a sistematização da pesquisa de tal prática, se deram em três escolas de samba da capital de São Paulo. Mesmo apresentando fundações e características diversas, em comum foi encontrado o trabalho voluntário nos setores da bateria, a orquestra da escola de samba, e da harmonia, responsável por manter o coral de foliões cantando com empolgação, durante a apresentação das escolas, passam por avaliação feita por jurados especialmente treinados para tal. A pesquisa se baseou na observação não participante e na história oral, modalidade tradição oral, para retratar as questões acima postuladas.

## **SP 02 – Os meios e as mensagens da história**

*Quarta-feira, 18 de julho, 16h às 16h30*

Comentadora: Xênia Salvetti

A TRANSNACIONALIDADE EM ARTIGOS DA REVISTA POPULAR (1859-1862)

Ligia Cristina Machado (Unicamp)

B. L. Garnier foi um importante livreiro-editor da segunda metade do século XIX responsável pela edição de grande parte das obras dos literatos consagrados pela crítica do século XX, como também outros não reconhecidos após o Oitocentos. Além disso, Garnier editou também dois periódicos: a Revista Popular (1859-1862) e o Jornal das Famílias (1863-1878), sendo que o segundo, por possuir publicações de Machado de Assis, recebeu maior atenção dos pesquisadores interessados em estudar os seus contos. Contudo, como o primeiro periódico foi publicado em um período de intensa discussão entre os literatos sobre o caráter da literatura nacional, a revista torna-se um interessante objeto para se analisar as questões nacionais do período. Assim, primeiramente essa pesquisa buscou quantificar e analisar a presença de autores brasileiros e estrangeiros. Após a identificação da nacionalidade dos escritores partimos para a análise

dos artigos verificando como abordavam a questão da nacionalidade nesse periódico de um editor francês que durante o século XIX mostrou-se dedicado à propagação da literatura brasileira.

## POLÍTICAS PÚBLICAS DE ATIVIDADE FÍSICA NO NACIONAL

### DESENVOLVIMENTISMO: ANÁLISES E REFLEXÕES

Eduardo Mosna Xavier (USP)

O Nacional Desenvolvimentismo Brasileiro (1946 à 1964) foi marcado por uma profunda transformação econômica, com o advento de uma pujante e incipiente industrialização, que acarretou em diversas transformações sociais como, por exemplo, a mudança do eixo populacional urbano para o rural. Essas profundas variações no eixo política - cultura - sociedade geraram reflexos na gestão governacional, que passou a formular intervenções públicas com fulcro no acompanhamento das diretrizes preconizadas para aquele momento histórico. Nesse diapasão, a atividade física passou a ser utilizada como política pública de interesse político, com ênfase nas atuações no tripé sustentação: Serviços Sociais - Educação Física Escolar - Esporte de Rendimento, com uma mudança significativa no olhar e na formação da memória dessa atividade incipiente da vida humana.

## NEBLINA SOBRE TRILHOS

Soraia Oliveira Costa (UFABC), Odair Garcia (UFABC), Claudio Penteadó (UFABC), Ana Maria Dietrich (UFABC)

Pôsteres sobre a história da regional e do trabalho audiovisual que mostra a Vila de Paranapiacaba, construída pela empresa São Paulo Railway Company Ltd. (SPR) para abrigar os trabalhadores do sistema funicular, a partir de entrevistas dos ferroviários, seus parentes e moradores da vila, além de pessoas ligadas ao turismo, estudiosos e turistas. Com enfoque na ferrovia que ligava Santos a Jundiaí e seus trabalhadores na Vila de Paranapiacaba. Nossa equipe de pesquisadores busca fazer o levantamento das motivações e dos movimentos históricos que levaram ao descontentamento, desemprego e desencanto dos antigos e atuais moradores da Vila de Paranapiacaba, pois mesmo pelo fato de ser considerada um patrimônio Histórico pelo Governo Federal, Estadual e Municipal, pouco se é difundido os ensinamentos sobre a história da Vila, já que o baixo e mal direcionado incentivo ao turismo não se manifesta como suficiente aos atuais moradores, muito menos pedagógico à história da Vila, que um dia foi um marco da pujança e da tecnologia em solo do Estado de São Paulo e do Brasil, por meio da sua repercussão no mundo foi amplamente reconhecida.



## **SP 03 – História e ciência**

*Quinta-feira, 19 de julho, 16h às 16h30*

Comentadora: Xênia Salvetti

### **JUSTO JANSEN E A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA CIÊNCIA NO MARANHÃO (FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX)**

Clenilma Marques Brandão (UFMA)

Considerando que estamos envolvidos aos avanços científicos em todas as esferas da vida moderna, discutir a ciência, a partir de meandros históricos mostra-se essencial na atual conjuntura. Parte-se, para tanto, de um espaço que vem consolidando-se como lugar de construção e reflexão do conhecimento científico, a História da Ciência. No Maranhão, porém, essa área ainda é pouco explorada, necessitando de pesquisas que investiguem acerca do desenvolvimento da ciência e mapeie os cientistas que deram suas contribuições ao conhecimento científico, seja nas áreas de Biologia, Física, Matemática, Química, entre outras. Assim, neste trabalho busca-se compreender a institucionalização da ciência no Maranhão no final do século XIX e início do século XX. Como pano de fundo deste objetivo, pretende-se percorrer a trajetória intelectual de Justo Jansen Ferreira, primeiro professor da cadeira de história natural e química da Escola Normal, anexo do Liceu Maranhense e, suas contribuições para tal empreitada. Para isso, utiliza-se a obra Breve Notícia sobre o ensino de física, química e mineralogia no Maranhão, escrita pelo autor supracitado, além de jornais de época onde o mesmo colaborou a exemplo de Pacotilha, Revista do Norte e Tribuna, com o intuito de que, por meio das análises de seus textos, se possa pensar a respeito das bases teóricas e paradigmas usados para a institucionalização da ciência no Maranhão, além de historicizar esse processo, dando assim uma contribuição à historiografia científica maranhense.

### **UMA PROPOSTA DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DA HISTÓRIA PARA O MUSEU DE ARTES E OFÍCIOS**

Cláudio Henrique Pessoa Brandão (PUC Minas)

O presente trabalho propõe uma espécie de Divulgação Científica da História no museu. O objetivo dessa estratégia é que o público aprenda sobre o “Ofício do Historiador” no Museu de Artes e Ofícios. Para isso os objetos e os espaços do museu passam a servir para o desenvolvimento de uma mediação museal na perspectiva de investigação dos artefatos, dos variados aspectos discursivos

do museu em relação à organização do seu acervo, tal como dos aspectos da cultura material que guarda. É divulgar os conteúdos e procedimentos do saber-fazer historiográfico, contribuindo para que a maioria da população tenha uma postura mais crítica diante dos museus e dos historiadores, tal como a que é ensinada dentro dos muros da academia. Nessa direção, o objetivo não é divulgar uma versão “mais verdadeira” da História, mas permitir que o público construa a sua própria versão, a pensar sobre os artefatos, sobre como eles foram transformados em acervo museológico, sobre como a memória é constituída, a pensar nos variados sujeitos, do passado e do presente, que agiram e agem para isso, conscientemente ou não. Essa característica epistemológica da História deve ser divulgada para o público a fim de que ele seja capaz de construir a sua própria percepção acerca dos apelos ideológicos que podem vir acompanhados dos discursos sobre a História divulgados não somente pelo museu, mas pela mídia e por outros canais de divulgação desse conhecimento. A intenção é instigar o público a ter uma postura mais crítica diante de qualquer discurso sobre a História, seja lá qual for o meio de comunicação. O museu como “Laboratório de História” é, portanto, Laboratório de Cidadania.

#### A UNIDADE PRONTO ATENDIMENTO (UPA), SUA HISTÓRIA E RESSONÂNCIAS EM PROFISSIONAIS E POPULAÇÃO ATENDIDA

Luigi Silvino D’Andrea (SES/RJ) , Debora Cristina Mendonça de Andrade (SES/RJ) Waleka Cristina Brandão (SES) Marica Cristina Santo (SES/RJ) Ana Caroline Arouche (SES/RJ) Roberta Spala Pereira (SES/RJ) Elisa Paula Sant’anna (SES/RJ)

Relatar a implantação das Unidades de Pronto Atendimento(UPA) no estado do Rio de Janeiro. A primeira foi na Vila do João no complexo da Maré em 2007, trazendo um concepção de saúde diferenciada, sendo respaldado pela Política Nacional de Humanização. Como esse novo modelo de assistência em saúde, implicou os moradores e profissionais, trazendo novos modos de ver e viver para a comunidade que agregam, e suas ressonâncias para a população e profissionais.

## **Exposições fotográficas**

*Exposição permanente durante o evento e presença dos autores na segunda-feira, dia 16 de julho, das 16h às 16h30*

*Local: Saguão do CAPH – Centro de Apoio à Pesquisa em História*

### **MARATONA FOTOGRÁFICA DE FLORIANÓPOLIS - OLHARES SOBRE O TEMPO E O ESPAÇO**

Fahya Kury Cassins (Udesc)

A Maratona Fotográfica de Florianópolis teve em 2012 a sua 18ª edição e é um desafio lançado para fotógrafos profissionais e amadores. Durante 24 horas lança quatro blocos de temas para serem fotografados tendo como tema principal a cidade, suas pessoas, seus acontecimentos, seus espaços. Estes olhares construíram, ao longo de 18 anos, uma história repleta de particularidades e problemáticas da cidade, do seu espaço e tempo. O trabalho visa uma pesquisa no acervo aberto da Casa da Memória para possibilitar um ensaio baseado nos olhares que os fotógrafos têm da cidade num evento que é programado durante as comemorações do seu aniversário. Estas fotos traduzem os sentimentos de cidadãos diante dos avanços da cidade, bem como dos seus problemas e das soluções que as pessoas encontram no dia a dia. As tradições mais antigas também estão presentes, em contraposição às obras que a modificam visualmente e provocam novos movimentos humanos. Os costumes e a paisagem – sempre em constante mudança – também são percebidos ao longo dos anos. Com esta seleção e exposição, pretendemos apresentar visualmente um recorte da história da cidade através dos olhos e das lentes dos cidadãos, e na qual será possível perceber as suas relações urbanas mais recentes.

### **CHAMADAS PRIVADAS EM LUGARES PÚBLICOS**

Sergio Luiz Silva (PPGMS/UNIRIO)

A sexualidade pública é parte da cultura sexual experimentada nos centros urbano, de sociedades complexas e globalizadas, nas quais as exposições das vontades sexuais, são simbolizadas por um mercado de sexo e solidão. Propomos uma exposição e projeção fotográfica de 30 imagens 30x45 em cor, expressando a visualidade da sexualidade nos telefones públicos de centros urbanos São Paulo, Rio de Janeiro e Buenos Aires. Esse ensaio fotográfico se presta a expressar a conexão sexual entre oferta e procura do mercado do sexo, enfatizando o registro público de identidade e história dos lugares. A

cultura visual da sexualidade dos lugares são, sobremaneira, registros de uma memória viva e pulsante da vida dessas cidades; memória essa que transita paradoxalmente do público para o privado, como prática de uma sociabilidade existencial exposta de forma comunicativa nos telefones públicos. Apresentamos um ensaio fotográfico que faz uma narrativa visual dessa história pública do cotidiano das cidades.

A arte tumular em São Paulo  
Viviane Comunale (Unesp)

As pessoas cresceram acreditando que o cemitério é a morada final do ser humano, um lugar de dor e sofrimento. O próprio cemitério quando não é conservado apresenta esse aspecto de repulsa. E se o cemitério fosse um lugar de contemplação de obras de arte? Na Europa a visita a cemitérios acontecem há muitos anos existem diversos estudos sobre esses espaços e trabalhos educativos onde a ideia de preservação e conhecimento permeia todo o processo. Pensando nesse aspecto preparamos a exposição *A arte tumular em São Paulo* com o objetivo de mostrar ao público em geral que os cemitérios podem ser espaços de aprendizado e apreciação das obras de arte feitas tanto por artistas anônimos quanto por artistas de prestígio como Victor Brecheret, Leopoldo e Silva e Ramos de Azevedo. A curadoria da exposição é da própria pesquisadora que buscou mostrar as obras tanto de caráter profano quanto as mais sacras.

## OS ESPAÇOS DA MEMÓRIA

Eduardo José Afonso (Unesp Assis)

Trata-se de trabalho fotográfico de registro de imagens da Vila Madalena feito por mim durante 30 anos. Regulamente os mesmos locais são fotografados, documentando a transformação desse espaço público. Há ainda, fotografias de família da década de 40 e 50 que, também, podem fazer parte dessa exposição. Minha proposta é a de colocar em questão e discussão a relação entre espaço, memória e História. Implícita estará, também, a problematização do que seja cultura material num mundo globalizado e neo-liberal. Este trabalho documental tem como fundamento teórico-metodológico, entre outros, o estudo desenvolvido pela professora Ecléa Bosi e os teóricos que fundamentam seu trabalho sobre Memória e História, Henri Bergson, Maurice Halbwachs, Walter Benjamin, Simone de Beauvoir e Jean Paul Sartre.

# Mostra audiovisual

*As sessões são compostas por exibição dos filmes e conversa com os autores*

*Local: Sala de vídeo*

## **MV 01 – Mostra audiovisual 01**

*Segunda-feira, 16 de julho, 18h30 às 20h30*

Mediação: Xênia Salvetti (USP)

### FILHOS DO CAFÉ

Adriana Silva (Secretaria da Cultura de Ribeirão Preto); Antonio Bernades (Secretaria da Cultura de Ribeirão Preto); Arthur Barros (Secretaria da Cultura de Ribeirão Preto)

A cidade de Ribeirão Preto foi, no passado, a maior produtora de café do mundo. Toda a estrutura econômica, social e cultural da cidade se consolidou a partir do plantio do café bourbon. A imigração, em especial a italiana, a presença de pessoas influentes na política nacional, o perfil de fazendeiros empreendedores, a arquitetura da cidade, os costumes, revelam a cidade e toda sua relação com o café. O vídeo documentário Filhos do Café trabalha todas as questões de pertencimento da sociedade com a cultura do café. Origens e derivações de uma história pública e privada de uma cidade localizada no interior do estado de São Paulo que se fez grande e moderna sujeitando-se a todos os conflitos e deles se refazendo. Com base na memória oral e em entrevistas de pesquisadores o documentário é um registro técnico e popular de várias gerações que hierarquicamente se mantêm filhas do café.

Duração: 65 minutos

### UM PASSO DE CADA VEZ: O DESPERTAR DA CIDADANIA

Gislaine Cavalcante Raposo (Museu da Imagem e do Som de Campinas),  
Juliana Maria de Siqueira (Museu da Imagem e do Som de Campinas) e  
Eliete Maria Silva (Museu da Imagem e do Som de Campinas)

“Um passo de cada vez: o despertar da cidadania” é um documentário em vídeo produzido no ano de 2010, no âmbito dos programas Pedagogia da Imagem e História Oral em Audiovisual, do Museu da Imagem e do Som de Campinas

(MIS). Neste filme, lideranças locais da Vila Costa e Silva reconstituem a memória de suas lutas na área da saúde, como o combate à epidemia de esquistossomose e a construção de um centro de saúde, que chegou a ser o maior da cidade, além da aprovação da lei que regulamentava os conselhos locais de saúde no município e o reconhecimento dos primeiros adolescentes a integrarem essa instância participativa no Brasil. A Vila Costa e Silva foi um dos primeiros conjuntos de casas populares construídos em Campinas, na década de 1970. A conquista de melhores condições de vida, com escolas, transporte e saneamento básico é fruto da mobilização de seus moradores, desde a formação do bairro. Este vídeo, produzido e orientado por Juliana Siqueira, Especialista Cultural do MIS, é resultado do trabalho de conclusão de curso de graduação em Enfermagem apresentado por Gislaíne Cavalcante Raposo à Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas, intitulado “Participação Social no Sistema Único de Saúde: memórias de lideranças locais no município de Campinas - SP”, sob orientação da Profa. Dra. Eliete Maria Silva. Em 2012, o produto da parceria estabelecida entre museu, universidade e Centro de Saúde recebeu o terceiro lugar no Prêmio Victor Valla de Educação Popular em Saúde, do Ministério da Cultura.

Duração: 28 minutos

## UM OLHAR SOBRE A EXPERIÊNCIA DAS BIBLIOTECAS

### COMUNITÁRIAS PAULISTANAS

Abraão Antunes-Silva (CBD/ECA/USP), Marcos Mucheroni (CBD/ECA/USP), Robson Ashtoffen (CBD/ECA/USP)

Entender a história de um país é se comprometer com uma ampla visão sobre seu desenvolvimento, incluindo-se a questão da participação popular nas lutas por seus direitos - os quais, recentemente, voltaram-se às questões de educação e cultura. Nesse contexto estão inseridas as Bibliotecas Comunitárias, iniciativas sociais autônomas lideradas por um grupo organizado de pessoas com o objetivo comum de ampliar o acesso da sua comunidade à leitura e à informação, visando a sua emancipação social. Sua origem remonta aos programas de educação popular iniciados por Paulo Freire, em 1960, em Recife. Espaços que surgem em zonas periféricas, de acordo com estimativas do Ministério da Cultura, são cerca de 10.000 espalhadas pelo Brasil - sendo que São Paulo concentra ao menos 100 delas. Nosso projeto consiste em realizar a documentação audiovisual de algumas dessas bibliotecas na Grande São Paulo, a partir de julho/2012. Para isso, contaremos com uma equipe de alunos e um professor do curso de Biblioteconomia na ECA/USP, bem como envolveremos outras instituições. Todo o material produzido será disponibilizado e discutido em uma rede virtual existente desde 2009, a RBBC [ <http://rbbcconexoes.ning.com> ]; tal plataforma hoje agrega mais de 1000 membros e se apresenta como

um possível catalisador para o fortalecimento de ligações entre os agentes envolvidos em prol da leitura. O trabalho e sua metodologia consistem em agregar a potencialidade das redes sociais a uma possibilidade de emancipação prática no desenvolvimento em rede das bibliotecas através de iniciativas como esta. Refletir sobre a história de comunidades em rede é o desafio ontológico que tem origem em cada morador ou frequentador dos bairros periféricos, não somente pensando em hipotéticas fórmulas, mas trabalhando in loco e registrando através do documento audiovisual uma visão construída pelas próprias pessoas que compõem a comunidade.

Duração: 7 minutos

## **MV 02 – Mostra audiovisual 02**

*Quinta-feira, 19 de julho, 18h30 às 20h30*

Mediação: Xênia Salvetti (USP)

### **IMAGINE UM MUNDO SEM RÓTULOS**

Ana Carolina de Moura Delfim Maciel

O Museu Paulista (USP) possui uma vocação biográfica e conta com coleções vinculadas à trajetórias individuais. Essa postura curatorial origina coleções personalizadas, identificadas pelo nome dos respectivos doadores. Inserido nesse enfoque do indivíduo e da cultura material, o documentário *Imagine um mundo sem rótulos* é resultado da pesquisa *Cultura Material: percursos autobiográficos*, cuja proposta engloba a captação de depoimentos em mídia audiovisual. Documentários biográficos resultam na bioimagem, gênero que traz problemáticas comuns à grafia da história dentre as quais destaco: subjetividade, objetividade, real, ficção, narrativas de vida, história universal, biografia e memória. Trata-se de conceitos com fronteiras fluidas e que nos posicionam face a natureza plural e multiforme do passado.

Duração: 17 minutos

### **TEATRO DE ARENA: OS SONHOS NUNCA ENVELHECEM**

Artur Cesar Ferreira de Barros (Secretaria da Cultura de Ribeirão Preto / Museu da Imagem e Som); Adriana Silva (Secretaria da Cultura)

O Video Documentário relata através de depoimentos a história do Teatro de Arena de Ribeirão Preto, inaugurado em 1969 em plena Ditadura Militar

sendo o primeiro teatro de arena construído no interior do Estado de São Paulo. O documentário discorre sobre os festivais de música estudantil os shows antológicos de MPB como Novos Baianos, Mutantes, Taiguara, Mercedes Sosa entre outros a formação de grupos teatrais da cidade, apresentações de peças como Hair, Botequim de Guarnieri entre outros. O vídeo também procura mostrar como os jovens da época enfrentaram a censura e transformaram o local em palco de resistência e liberdade.

Duração: 40 minutos

## **GUERRILHEIRAS DA PALAVRA - RELATOS DE MULHERES TIMORENSES**

Maria Inês Amarante (CEO-Centro de Estudos da Oralidade da PUC-SP)

O documentário sonoro traz a história de vida de mulheres que participaram das lutas de libertação de Timor-Leste e hoje atuam no rádio e na tribuna política, situando-as em seu universo familiar, profissional e sociocultural e relevando aspectos contemporâneos e mitológicos da condição feminina. Trata-se de um programa produzido a partir de relatos memoriais femininos, gravados durante a pesquisa de campo realizada no doutorado, quando a autora participava de missão educativa naquele país, aos quais se agregam extratos da adaptação radiofônica da lenda `O crocodilo fez-se ilha`, protagonizada por crianças. Este material, em língua portuguesa, constituiu parte do corpus de análise da tese "Guerrilheiras da Palavra: rádio, oralidade e mulheres e resistência no Timor-Leste" (Anexo II), defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC/SP, em 2010.

Duração: 11 minutos

## **MV 03 – Mostra audiovisual 03**

*Sexta-feira, 20 de julho, 18h30 às 20h30*

Mediação: Xênia Salvetti (USP)

25 ANOS DA EMERON - ESCOLA DA MAGISTRATURA DE RONDÔNIA

Simone Gonçalves Norberto; Laelho da Silva Barroso; e Adriel Geovane Diniz Lopes (direção, edição e produção) / Sérgio Damião da Costa; Egilberto da Silva Brito e Mitson Matos (cinegrafia) - Tribunal de Justiça do Estado de Rondônia



Vídeo institucional e documental de 26 minutos para marcar o jubileu de prata da Escola da Magistratura do Tribunal de Justiça do Estado de Rondônia. A peça resgata, por meio de depoimentos chaves, a história, as conquistas, o pioneirismo, as inovações, enfim toda as ações e iniciativas em 25 anos de caminhada pela formação e pelo aperfeiçoamento de juizes e servidores. Além dos depoimentos são utilizados como imagens documentos, fotos, espaço físico, material gráfico, publicações, eventos realizados, toda uma diversidade de elementos como trilha sonora, para dar ritmo e cadência ao vt.

Duração: 26 minutos

## PATRIMÔNIO SOMOS NÓS

Karina Alves Teixeira; Lilian Amaral (Museu Aberto); Ivan Ferrer (Observatório Bom Retiro)

O que é Patrimônio? Quem faz o Patrimônio? No contexto do Id Bairro SP#02 - Observatório Bom Retiro, a população do bairro Bom Retiro em São Paulo, foi convidada a responder a essas questões. A história do bairro, seus edifícios e patrimônios conhecidos se misturam as histórias de vida de seus moradores e a seu cotidiano. Mas são, na verdade, essas “segundas histórias” que nos interessam. As histórias subterrâneas, subjetivas e coletivas. São elas a verdadeira substância do patrimônio multicultural, tão único, presente no Bom Retiro. Um patrimônio conformado desde as primeiras levas de imigrantes que pousaram e decidiram ali se instalar para começar uma nova vida. Do “bom retiro” para repouso e lazer, imaginado em suas chácaras, ao bom retiro do comércio e suas múltiplas etnias: árabes, armênios, búlgaros, gregos, italianos, portugueses, japoneses, judeus, coreanos, bolivianos, peruanos, paraguaios e nordestinos. Mais que simplesmente memórias, a incursão empreendida pela equipe do id Bairro SP, pretendia trazer a tona as memórias afetivas, os verdadeiros laços de seus perenes moradores a este bairro dividido em alto e baixo Bom Retiro, entre pujância e algumas mazelas urbanas. E revelar a história do Bom Retiro POR QUEM FAZ A HISTÓRIA DO BOM RETIRO. Para tanto, os moradores foram convidados a trazer suas presenças, histórias, memórias e os suportes dessas lembranças (fotografias e outros objetos pessoais), para construir cartografias colaborativas do Bom Retiro, na forma de Narrativas Audiovisuais Coletivas, como parte do Núcleo Memória e Narrativas Audiovisuais. Apoiados na história oral e de uma “leve” etnografia do Bairro do Bom Retiro, o vídeo ora apresentado, representa um registro dessas várias histórias Bom Retirenses, uma “fotografia audiovisual” de um processo que visava “mapear, articular e promover o intercâmbio multicultural e a participação da população em torno do patrimônio cultural do bairro do Bom Retiro, tendo como focos as relações interculturais e dinâmicas locais.”

Duração: 9 minutos

DESBANRRACADOS

Iremar Antônio Ferreira, Márcia Nunes Maciel, Joeser Alvares, Ariana Boa Ventura

O vídeo documentário “Desbancarracados” é resultado de uma atuação política e acadêmica junto as comunidades afetadas pelas Hidrelétricas de Santo Antônio e Jiral construídas no Rio Madeira, Porto Velho, Rondônia. Com uma camera na mão e a indignação com os derrespeitos aos direitos humanos cometidos pelas empresas as pessoas deslocadas de seus espaços de vivências históricas, cultruais, econômicas, sociais e simbólicas, registramos o desabafo de pessoas que representam essas comunidades que se encontram desmoronadas por um projeto desenvolvimentista de interesse nacional passando por cima de mundos culturais fisicamente e simbolicamente desbarracados. O registro apresentado é um recorte de uma atuação politica e acadêmica mais ampla onde atuamos no processo de organização politica junto as comunidades às margens do rio Madeira e vivencias de campo aliada a um projeto de história oral testemunhal em que o narrador narra seu trauma causado por politicas desenvolvimentistas, com o intuito de publicizar a voz, a luta, a denúncia e a indignação das comunidades desbarrancadas.

Duração: 25 minutos

## **Espaço para anotações**

## **Espaço para anotações**

## **Espaço para anotações**

## **Espaço para anotações**

## **Espaço para anotações**

## **Espaço para anotações**